



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

CHARLIE CARPIO BARDAJE
nº 114114512

A fé cristã como o coração da Igreja intercultural

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Domingos de Paiva Valente da Silva Terra

Lisboa
2018

Para padre Arnaldo Janssen

e

SVD Portugal

AGRADECIMENTO

Esta dissertação, que corresponde ao primeiro grau canónico em Teologia, foi possível com o apoio de muitas pessoas que, direta ou indiretamente se disponibilizaram para me ajudar. A todas essas pessoas, os meus mais profundos agradecimentos.

Em primeiro lugar, queria agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Domingos de Paiva Valente da Silva Terra, pelo seu acompanhamento infatigável na investigação e elaboração deste trabalho.

Os meus agradecimentos dirigem-se também ao Professor Alfredo Teixeira e ao Mark Angelo Martinez Ramos pelas sugestões pertinentes durante a elaboração da bibliografia neste trabalho.

Agradeço também à província portuguesa dos Missionários do Verbo Divino, particularmente a comunidade de Lisboa que, pela sua interculturalidade, me inspirou e animou a fazer este trabalho. De modo especial, agradeço aos meus confrades: José Maria Cardoso, Devendra Bhuriya, Jovito Osalvo, David Sampaio Barbosa e António Augusto Leite que, generosamente, dedicaram parte do seu tempo para me ajudar na correção do texto e na tradução de algumas citações em línguas estrangeiras. O mesmo sincero e profundo agradecimento ao Professor António Teixeira, à Emília Moura e à Dora Guedes que também ajudaram na correção.

Expresso ainda a minha gratidão à minha família e à Comunidade Católica Filipina em Lisboa pela oração, encorajamento e auxílio em várias formas.

Apresento, por fim, os meus agradecimentos a tantas outras pessoas e amigos que partilharam comigo esta caminhada e, pelo facto de serem de diversas culturas, me permitiram descobrir a beleza da interculturalidade através da sua amizade, partilha e diálogo. Estarei sempre grato.

RESUMO

A Globalização, as migrações, e o pluralismo mudaram drasticamente o perfil da sociedade atual. De repente, encontramos-nos no que chamamos ‘aldeia global’, onde os diferentes povos e culturas, que outrora viviam isolados nos seus contextos diferentes, agora vivem juntos numa sociedade multicultural e plural com base no princípio da tolerância. Procurando uma resposta mais nobre e mais cristã à multiculturalidade ou diversidade cultural, a Igreja convida-nos a viver a interculturalidade, que é o movimento que, partindo da tolerância, nos leva para uma atitude de apreciação e celebração da nossa diversidade cultural. A interculturalidade convida-nos a avançar da simples coexistência para a convivência em espírito da interação respeitosa, diálogo intercultural, reciprocidade, igualdade e fraternidade. Para alcançar e apreciar a interculturalidade, temos que estabelecer o seu fundamento, que é, para nós cristãos, a nossa mesma fé. Esta dissertação procura desvendar o papel da fé cristã na interculturalidade da Igreja. Neste trabalho, descobriremos como a nossa fé na Santíssima Trindade, na Igreja e no Reino de Deus nos ajuda a apreciar a interculturalidade. A fé cristã é o coração da Igreja intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: interculturalidade; fé cristã; Trindade; Igreja; Reino de Deus.

ABSTRACT

The Globalization, the migrations and the pluralism have drastically changed the profile of our present society. Suddenly, we find ourselves in the so-called ‘global village’ where different peoples and cultures, who used to live isolated in their different contexts, now live together in a multicultural and plural society by the principle of tolerance. Looking for a more noble and Christian response to this multiculturalism or cultural plurality, the Church invites us to live interculturality, which is a movement from simple tolerance to appreciation and celebration of our cultural diversity. The interculturality invites us to move from simple coexistence to living together in the spirit of respectful interaction, intercultural dialogue, reciprocity, equality and brotherhood. In order to achieve and appreciate interculturality we need to establish its foundation, which, for us Christians, is our very same faith. This dissertation seeks to unveil the role of Christian faith in the interculturality of the Church. In this paper, we will discover how our faith in the Holy Trinity, in the Church and in the Kingdom of God helps us appreciate interculturality. The Christian faith is the heart of intercultural Church.

KEYWORDS: interculturality; Christian faith; Trinity; Church; Kingdom of God.

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS.....	8
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
A FÉ EM DEUS-TRINDADE, NA IGREJA E NO REINO DE DEUS.....	14
1. A fé em Deus uno e trino.....	14
1.1. Três pessoas, um só Deus.....	15
1.2. Essência e relação das três pessoas.....	18
1.3. Imagens da Trindade.....	22
2. A Igreja como o corpo de Cristo, sacramento e comunhão.....	25
2.1. A Igreja como o corpo de Cristo.....	26
2.2. A Igreja como sacramento.....	29
2.3. A Igreja como comunhão.....	33
3. A Igreja e o Reino de Deus.....	36
3.1. Jesus e o anúncio do Reino.....	37
3.2. A relação da Igreja com o Reino.....	39
3.3. A vinda do Reino de Deus.....	41
Conclusão.....	43
CAPÍTULO II	
PLURALIDADE E INTERCULTURALIDADE DA IGREJA.....	45
1. A pluralidade no mundo contemporâneo.....	45
1.1. A diversidade das culturas e povos.....	47
1.2. A globalização, a migração e a aldeia global.....	50
1.3. A Igreja e as culturas.....	55
2. A pluralidade no âmago da Igreja.....	57
2.1. Ide por todo o mundo.....	57
2.2. O dia de Pentecostes.....	60

2.3. A Igreja peregrina e migrante.....	63
3. Da pluralidade à interculturalidade.....	65
3.1. A hospitalidade para o outro.....	66
3.2. O diálogo intercultural.....	68
3.3. «Um só coração, muitos rostos».....	71
Conclusão.....	74
CAPÍTULO III	
A FÉ CRISTÃ COMO O CORAÇÃO DA IGREJA INTERCULTURAL.....	
1. A Trindade como o modelo da Igreja intercultural.....	76
1.1. Unidade em diversidade.....	77
1.2. Comunidade de amor.....	80
1.3. A comunhão plena da Igreja: imagem da Trindade.....	82
2. A Igreja e a interculturalidade.....	85
2.1. A Igreja intercultural como o corpo de Cristo.....	86
2.2. A Igreja intercultural como o sacramento da comunhão.....	89
2.3. A Igreja una, santa, católica, apostólica e intercultural.....	92
3. A interculturalidade e o Reino de Deus.....	94
3.1. A Igreja, o Povo de Deus e o Reino de Deus.....	96
3.2. A Igreja intercultural a caminho do Reino de Deus.....	98
3.3. A interculturalidade: o ‘hoje’ do Reino de Deus.....	101
Conclusão.....	103
CONCLUSÃO.....	105
BIBLIOGRAFIA.....	113

SIGLAS E ABREVIATURAS

Act – Actos dos Apóstolos

Col – Carta aos Colossenses

1 Cor – Primeira Carta aos Coríntios

Ef – Carta aos Efésios

Ex – Êxodos

Fil – Carta aos Filipenses

Gal – Carta aos Gálatas

Gn – Genesis

Heb – Carta aos Hebreus

Jo – Evangelho segundo São João

1 Jo – Primeira Carta de João

Lc – Evangelho segundo São Lucas

Lv – Levítico

Mc – Evangelho segundo São Marcos

Mt – Evangelho segundo São Mateus

Rom – Carta aos Romanos

Sl – Livro dos Salmos

«A aldeia global tornou-nos apenas próximos:
não nos apresentou uns aos outros.
Passamos a partilhar uma quantidade colossal de informações,
mas continuamos perfeitos estranhos».

-José Tolentino Mendonça
O pequeno caminho das grandes perguntas

«O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca,
e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto».

-José Saramago
Todos os nomes

INTRODUÇÃO

O mundo atual é marcado pela globalização e pelo pluralismo. Estes dois fenómenos, que se intensificaram desde a segunda metade do século XX, mudaram e continuam a mudar o modo de vida do homem na sociedade. A globalização começou como um movimento económico, mas depois penetrou todos os aspetos da vida humana na sociedade. Por isso, «seria um erro limitar o actual processo de Globalização aos fenómenos económicos»¹. A globalização já toca em todas as atividades do homem na sociedade. Pela globalização, os homens de hoje olham para o mundo como um todo.

No entanto, a globalização é uma moeda com duas faces. Por um lado, ela cria uma interdependência; por outro lado, suscita a exploração económica. Com a interdependência, os diferentes povos e culturas já não vivem apenas nos seus contextos diferentes e isolados, mas na globalidade do mundo feito pelos contextos interligados. A globalização estabelece relações e laços entre um maior número de povos e culturas. Mas estas relações estão estabelecidas frequentemente de acordo com o interesse e o ganho económico de alguns países. Por isso, na globalização, ter ‘relação’ com o outro é uma coisa e ter ‘boa relação’ é outra coisa. Nem sempre se vê a sinceridade nesta interdependência entre diferentes países. Com a globalização, uns são explorados pelos outros mais poderosos. Isto é o lado triste da globalização. Sendo a globalização um fenómeno incontornável, o que temos que fazer é evangelizar as relações estabelecidas por ela, para que haja uma verdadeira interdependência entre diferentes povos e culturas.

A globalização intensificou o movimento migratório do nosso tempo. Milhares e milhares de pessoas se deslocam por motivos variados. Este fenómeno das migrações em massa mudou o perfil da nossa sociedade, tornando-a, cada vez mais, mista e plural, sobretudo nas grandes capitais. Isto abriu-nos à diversidade e pluralidade de povos e culturas. A globalização é sempre acompanhada pelo pluralismo. Ao ver o mundo como um todo, descobrimos também a pluralidade e a diversidade de povos e culturas. Antigamente, aprendíamos nos livros a pluralidade cultural no mundo, mas, hoje em dia, aprendemo-la na rua e vemo-la com os nossos próprios olhos. O mundo é um só, mas é feito de diferentes realidades culturais. Agora, estes diferentes povos e culturas convivem no mesmo espaço.

«O mundo de hoje caracteriza-se pelo paradoxo de uma crescente globalização ser acompanhada por novas diferenciações, de haver mais relações entre um número maior de

¹ E. S. FERREIRA, «Globalização e transição de sistemas», in *Communio Revista Internacional Católica* 23, nº 1 (2006), 19.

elementos»². A sociedade atual possibilita encontros e interação entre diferentes povos e culturas. Além disso, os diferentes povos e culturas vivem pacificamente juntos no mesmo espaço. Com o pluralismo, os povos aprenderam a tolerar a diferença cultural entre eles. Neste processo, o mundo transformou-se numa ‘aldeia global’, numa só comunidade global, onde a tolerância e a aceitação do que é diferente é fundamental.

O conceito de ‘aldeia global’, formulado por Marshall McLuhan, significa a nova realidade de todo o mundo. Atualmente, o mundo inteiro funciona como uma aldeia onde todos têm acesso fácil às informações sobre a vida e atividades de cada um. Pelo avanço célere da tecnologia, o mundo já pequeno torna-se ainda mais pequeno pela velocidade da disseminação das informações. Num instante, podemos obter informações sobre os acontecimentos do outro lado do globo. Como numa aldeia, os povos de todo o mundo conhecem o que se passa na vida de cada um. E nós, os cristãos, não estamos fora desta aldeia global. A Igreja está dentro desta comunidade global e participa nas suas atividades através da convivência na sociedade globalizada e pluralista. Portanto, a globalização e o pluralismo afetam também a Igreja e o seu papel na sociedade.

A globalização, as migrações em massa, o pluralismo e a aldeia global são realidades incontornáveis do nosso tempo; na linguagem do Concílio Vaticano II, são ‘os sinais dos tempos’. A Igreja, como está no mundo, deve viver a realidade contextual no tempo em que está inserida. Nesta sociedade pluralista e globalista, o modo de viver e de fazer missão da Igreja vai mudar. «O cristianismo num mundo pluralista não será igual»³. De repente, a Igreja encontra-se no meio de uma sociedade que está cada vez mais global, plural e multicultural. A pluralidade cultural ou a multiculturalidade não se sentem apenas nos espaços fora, mas também dentro da Igreja. A Igreja, em vez de viver só a multiculturalidade, desafiou-se ainda mais ao optar pela interculturalidade.

A noção da interculturalidade é mais dinâmica e enriquecedora do que a mera multiculturalidade. «A interculturalidade significa o movimento da tolerância das diferenças para a apreciação e celebração da diferença nas culturas»⁴. Aceitar e tolerar a pluralidade e diversidade cultural na Igreja já é bom, mas apreciar e celebrar a pluralidade e a diversidade cultural será ainda mais nobre e cristão. Por isso, na Igreja preferimos a interculturalidade à multiculturalidade, por ser um compromisso na unidade em diversidade que é a base da

² D. INNERARITY, *O novo espaço público*, M. RUAS, (trad.), Editorial Teorema, SA, Lisboa, 2010, 167.

³ E. JAVIER, «Religious pluriformity in God’s global community: challenges and prospects», in *Missio Inter Gentes* 1, nº 1 (2015), 34.

⁴ L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural living vol. I*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, xxv.

comunhão de todos os cristãos numa só Igreja. Como cristãos, o chamamento é mais do que tolerar o outro, é sobretudo amá-lo como a si mesmo.

Enquanto, a multiculturalidade e a pluralidade cultural implicam apenas uma coexistência pacífica facilitada pela tolerância das diferenças, a interculturalidade exige uma convivência enriquecedora facilitada pelo diálogo, abertura, respeito e reciprocidade. Na Igreja, não queremos apenas tolerar a nossa diferença cultural, mas aproveitá-la para aprofundarmos o sentido da nossa fé e vida cristã. A pluralidade cultural não é um obstáculo para a unidade dos cristãos, mas um motivo maior para comunhão. A interculturalidade promove a comunhão, porque coloca os diferentes povos e culturas na mesma dignidade e igualdade e convida-os para a mutualidade.

Entretanto, o conceito de ‘interculturalidade’ é uma novidade para a Igreja. Portanto, é essencial procurar saber o seu fundamento e sentido na fé e vida cristã. Isto suscita duas perguntas que orientarão o nosso estudo: quais são os fundamentos da interculturalidade na fé? E qual é a importância de ser Igreja intercultural para nós, cristãos do século XXI? Proporemos como resposta a estas duas questões que a fé cristã é o coração da Igreja intercultural. A fé, em si, é o fundamento e o sentido da interculturalidade na Igreja.

Para responder a estas questões, organizamos esta dissertação em três capítulos. No primeiro, falaremos da fé em Deus Trindade, na Igreja e no Reino de Deus. Isto nos ajudará a ver a importância de viver a interculturalidade na Igreja. A fé em Deus Trindade, três pessoas, um só Deus, é o princípio e a inspiração cristã de viver a unidade em diversidade que é a base da interculturalidade. Em seguida, falaremos também de umas imagens da Igreja; corpo de Cristo, sacramento de união e comunhão que vão mostrar-nos o fundamento eclesiológico da interculturalidade. Procuraremos, por fim, expor a fé no Reino de Deus que é também essencial para a interculturalidade. O Reino de Deus, que abrange todos os povos e culturas, é o horizonte escatológico da Igreja intercultural. Estes três fundamentos da fé cristã darão sentido à tarefa da Igreja ao ser Igreja intercultural.

No segundo capítulo, abordaremos a pluralidade e interculturalidade da Igreja. Primeiro, descobriremos a realidade globalizante e pluralista do mundo contemporâneo. Falaremos dos fenómenos que levaram a nossa sociedade atual a viver na pluralidade e multiculturalidade. Depois, procuraremos estabelecer a pluralidade e diversidade cultural da Igreja. A Igreja é culturalmente plural desde o seu nascimento. Por fim, exporemos a passagem da pluralidade à interculturalidade. Trataremos dos aspetos importantes da interculturalidade como a hospitalidade, o diálogo e o amor entre os cristãos de diferentes origens culturais.

No terceiro capítulo, abordaremos a fé cristã como o coração da Igreja intercultural. Primeiro, exporemos como a unidade em diversidade em Deus Trindade é a fonte da unidade em diversidade dos cristãos na Igreja intercultural. A unidade perfeita das três pessoas distintas em Deus é o modelo de uma unidade sem prejudicar a distinção entre as pessoas. Em seguida, explicaremos como as imagens da Igreja como corpo de Cristo, sacramento e comunhão, são caminhos para a maior apreciação da interculturalidade. Estas três imagens da Igreja destacam o caráter da Igreja como comunidade de todos aqueles que Deus reúne como o seu Povo. Finalmente, abordaremos a interculturalidade como o caminho para a realização e vinda do Reino de Deus. A Igreja intercultural, onde todos os povos e culturas convivem e se unem por Jesus Cristo, é o sinal do Reino de Deus no nosso tempo pluralista e multiculturalista.

Enfim, o terceiro capítulo responderá à questão principal desta dissertação: Qual é o papel da fé cristã na interculturalidade da Igreja? A fé cristã considera-se o coração da Igreja intercultural. Ela é o que une todos os povos e culturas numa só Igreja. O que temos em comum é o nosso primeiro passo para a interculturalidade cristã: a mesma profissão de fé em Deus Trindade, na Igreja una, santa, católica e apostólica e na vinda do Reino de Deus. E isso é o que nos unifica numa só comunidade, numa só família, num só Povo de Deus.

CAPÍTULO I

A FÉ EM DEUS –TRINDADE, NA IGREJA E NO REINO DE DEUS

Neste capítulo, expõem-se os fundamentos da fé cristã em Deus-Trindade, na Igreja, una, santa, católica e apostólica e no Reino de Deus. O objetivo é compreender a unidade na diversidade da Igreja a partir da fé cristã. O capítulo está dividido em três secções: primeiramente, a fé em Deus uno e trino; depois, a Igreja como o corpo de Cristo, sacramento e comunhão; e finalmente, a Igreja e o Reino de Deus. Estas três secções vão-nos ajudar a ver a fonte da unidade de todos os cristãos num só Deus e numa só Igreja. A unidade cristã funda-se em Deus uno e trino.

1. A fé em Deus uno e trino

A fé em Deus, uno e trino, é central na vida de todos os cristãos. No símbolo da fé cristã, vê-se a centralidade da Santíssima Trindade. «O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã»⁵. Esta afirmação remete-nos para a importância da Santíssima Trindade na nossa vida cristã. A Santíssima Trindade é o maior mistério da fé cristã. A Igreja Católica professa a fé num só Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. A fé cristã é trinitária por natureza.

O cristianismo é uma religião monoteísta, mas tem um elemento especial que é a Trindade. Os cristãos professam a fé em Deus uno e trino. Acreditam num só Deus que consta de três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. «A fé cristã é de carácter trinitário. O monoteísmo remete-nos para uma estreita relação entre cristianismo, judaísmo e islamismo, mas a Trindade é o elemento distintivo que nos separa das [outras] duas religiões abraâmicas»⁶. O monoteísmo trinitário do cristianismo é único e distinto das outras religiões monoteístas. «A doutrina trinitária é a forma cristã do monoteísmo»⁷. A Igreja defende a doutrina da Santíssima Trindade como o centro e o maior mistério da existência cristã.

⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 234, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.

⁶ P. B. KLEDEN, «Trinitarian spirituality and interculturality», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural living I*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 17.

⁷ W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 332.

«O dogma da Trindade é um mistério absoluto que não entendemos, mesmo depois de ter sido revelado»⁸. O Deus uno e trino foi-nos revelado, mas ficamos ainda com um grande mistério. O mistério de que em três pessoas distintas há um só Deus. «Para entender este mistério da Trindade na unidade, partimos [...] não já de uma essência divina e suas operações essenciais imanentes (conhecer e querer), mas sim da revelação do Pai por meio do Filho no Espírito Santo»⁹. O fundamento da fé trinitária foi-nos revelado por intermédio de Jesus.

Para aprofundar esta temática, iremos desenvolvê-la em três pontos. Primeiramente, explicaremos como Deus é um só em três pessoas. Depois, exporemos a essência e a relação das três pessoas divinas. Finalmente, falaremos das imagens da Trindade. Assim, ter-se-á uma compreensão cristã da comunhão das pessoas divinas. O conceito cristão de comunhão vem da imagem trinitária das três pessoas divinas em comunhão num só Deus. A comunhão de todos os cristãos brota da eterna comunhão das pessoas divinas.

1.1. Três pessoas, um só Deus

Um dos grandes problemas dos primeiros defensores da fé trinitária da Igreja era a possibilidade da existência real das três pessoas num só Deus. Como compreender que em três pessoas haja um só Deus? Aqui reside o grande mistério de Deus. «Afirmamos que os três são consubstanciais na divindade como um único Deus, não como três deuses»¹⁰. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo; não três deuses mas um só. Jesus tinha revelado Deus Trindade e a Igreja guarda esta fé apesar de ser um grande mistério para ela.

Jesus Cristo, antes de partir para o céu, mandou os seus discípulos batizar «em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (*Mt* 28, 19). É um dos momentos em que Jesus revela explicitamente Deus como Trindade. Mas o fundamento da fé trinitária não está apenas neste mandato de Jesus. Durante o seu ministério, ele já falava da existência das três pessoas divinas que vivem e atuam como um só Deus. Toda a vida de Jesus é uma revelação de Deus Trindade. «Toda a história de Jesus revela um rosto trinitário»¹¹. Jesus encarnou e viveu entre os homens, mas esteve sempre unido ao Pai e ao Espírito Santo. O conhecimento da Trindade vem da revelação feita por Jesus. Gisbert Greshake afirma: «O único acesso ao mistério trinitário é o

⁸ K. RAHNER, *The Trinity*, J. DONCEEL, (trad.), The Crossroad Publishing Company, New York, 2010, 50.

⁹ W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, 341.

¹⁰ R. FERRARA, *El misterio de Dios: correspondencias y paradojas*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 506.

¹¹ G. O'COLLINS, *The tripersonal God: understanding and interpreting the Trinity*, Paulist Press, New York/Mahwah, 1999, 35.

da revelação em Jesus Cristo e no Espírito Santo»¹². Jesus é que nos deu a imagem de Deus Trindade. A partir desta revelação feita por Jesus, a Igreja afirma a sua fé trinitária.

Na patrística, os Padres da Igreja tiveram já consciência de Deus Trindade. A Igreja no Ocidente, seguindo os pensamentos de Tertuliano, «confessa a “única natureza ou substância de Deus em três pessoas”»¹³. Embora a doutrina trinitária ainda não estivesse bem definida nessa altura, os cristãos confessavam já a sua fé na Santíssima Trindade. A doutrina trinitária afirma a unidade perfeita das três pessoas divinas num só Deus. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três pessoas são realmente distintas umas das outras. «A paternidade divina é da pessoa de Deus Pai, a filiação divina é da pessoa de Deus Filho, e a processão divina (a relação) é da pessoa de Deus Espírito Santo»¹⁴. Em Deus, encontra-se a unidade absoluta das três pessoas distintas. As pessoas divinas têm nomes próprios que designam a relação entre elas. Mas as três pessoas não são três deuses; são um só. O número três aplica-se às pessoas divinas e não a Deus. Os cristãos confessam um só Deus.

Santo Agostinho explica a distinção das pessoas divinas. «O Pai é pai, e não pai dos dois, mas apenas do Filho único. E não são três Filhos, uma vez que o Pai aqui não é o Filho nem o Espírito Santo. Nem três Espíritos Santos, porque o Espírito Santo, em significação própria, pela qual também é dito dom de Deus, não é o Pai nem o Filho»¹⁵. Assim, podemos ver claramente a distinção real de cada pessoa divina. Enquanto pessoas são muito distintas. Embora distintas umas das outras, a Igreja salvaguarda a igualdade e consubstancialidade das três pessoas divinas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são iguais na eternidade, santidade, grandeza, bondade e inteligência.

«As três pessoas divinas existem como Pai, Filho e Espírito em suas relações mútuas. Nestas relações, são pessoas. Ser pessoa significa, neste sentido, existir em relação»¹⁶. As próprias designações das pessoas divinas, e a relação entre elas, são o que as distinguem. A paternidade divina não se aplica ao Filho nem ao Espírito Santo, mas somente à primeira pessoa, que é o Pai. A filiação não se aplica ao Pai nem ao Espírito Santo, mas somente à segunda pessoa, que é o Filho. A mesma lógica se aplica à espiração que é somente da terceira pessoa, o Espírito Santo.

¹² G. GRESHAKE, *El Dios uno y trino: una teología de la Trinidad*, R. H. BERNET, (trad.), Empresa Editorial Herder, Barcelona, 2001, 71.

¹³ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, M. L. PINHEIRO, (trad.), Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999, 493.

¹⁴ E. GRATSCH, *Aquinas' summa: an introduction and interpretation*, Alba House, New York, 1985, 27.

¹⁵ SANTO AGOSTINHO, *Trindade de Trinitate*, Edição bilingue, A. DO ESPÍRITO SANTO, (coord.), Paulinas Editora, Prior Velho, 2007, 525-527.

¹⁶ J. MOLTMANN, *Trinidad y Reino de Dios: la doctrina sobre Dios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1983, 188.

Michael Schmaus diz: «não se pode dizer que em Deus existe o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo»¹⁷. Na fé trinitária, confessamos a diversidade das pessoas divinas e a unidade de Deus. Para não caírem em erro, os cristãos afirmam a diversidade das pessoas divinas na unidade de Deus. Na Trindade «fala-se, assim, de um e de três, em aspetos totalmente distintos»¹⁸. Para não cair em erro, é importante saber os sujeitos destes dois ‘números’ da fé trinitária. O número um aplica-se a Deus e o número três aplica-se às pessoas divinas. Não se pode dizer três deuses ou uma só pessoa; diz-se um só Deus em três pessoas.

«Quando falamos de Deus uno, referimo-nos a uma só natureza divina. Quando falamos das três pessoas, pretendemos dizer que cada uma delas é realmente distinta das outras como pessoa, mas não como Deus»¹⁹. Portanto, confessa-se um só Deus que é Trindade. Este único Deus é uma unidade eterna das três pessoas divinas: o Pai, o Filho, o Espírito Santo. «Afirmamos que os três são consubstanciais na divindade como um único Deus, não como três deuses. Esta consubstancialidade numérica foi afirmada por várias profissões de fé»²⁰. Deus é verdadeiramente uno e trino, uno enquanto Deus e trino enquanto pessoa.

Para mostrar a unidade perfeita das três pessoas divinas em Deus, os Padres da Igreja introduziram o conceito teológico de *pericorese*. «No contexto teológico-trinitário, *perikhróresis* significa verdadeiramente que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão unidos de tal forma que se percebem e se envolvem completamente entre si, que não guardam nada para si mesmos, mas que se dão e entregam reciprocamente tudo o que são»²¹. A divina *pericorese* mostra como as três pessoas bem distintas vivem unidas em plena harmonia como um só Deus. Este conceito mostra o intercâmbio de vida e amor entre as três pessoas divinas. «O Pai existe no Filho, o Filho no Pai e ambos no Espírito, como o Espírito existe em ambos. Vivem e habitam uns nos outros, em virtude do amor eterno, sendo os três um»²². A *pericorese* manifesta a diversidade das pessoas divinas e a sua unidade perfeita. Ela expressa a união das três pessoas numa única essência divina. As três pessoas são um só Deus, pois cada uma está nas outras duas, e cada uma se dá perfeitamente às outras duas. As três pessoas, embora distintas, estão bem presentes em cada uma delas. Por isso, são três pessoas num só Deus. Para aprofundarmos melhor este aspeto da fé trinitária, vamos, de seguida, falar da essência e da relação das três pessoas divinas.

¹⁷ M. SCHMAUS, *Teologia dogmática: I. la Trinidad de Dios*, Ediciones Rialp, S. A., Madrid, 1960, 318.

¹⁸ W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, 268.

¹⁹ E. GRATSCH *Aquinas' summa*, 27-28.

²⁰ R. FERRARA, *El misterio de Dios*, 506.

²¹ G. GRESHAKE, *El Dios uno y trino*, 124.

²² J. MOLTMANN, *Trinidad y Reino de Dios*, 191.

1.2. Essência e relação das três pessoas

A essência e a relação das pessoas divinas são os temas principais da fé e da doutrina trinitária. Em Deus há uma só essência que é comum às três pessoas. O Pai, o Filho e o Espírito são em tudo semelhantes segundo a única natureza divina. Mas, pela razão das relações de origem, as três são distintas umas das outras. As três pessoas divinas são semelhantes pela essência divina, mas na sua relação são muito distintas. Neste pormenor, fala-se da essência divina que une as três pessoas num só Deus, e da relação entre as três pessoas divinas que as distingue umas das outras.

Desde o início do desenvolvimento da doutrina trinitária, as Igrejas do Oriente e do Ocidente afirmam que há apenas uma só essência em Deus. Santo Agostinho diz: «os nossos autores gregos disseram “uma só essência, três substâncias”, ao passo que os latinos disseram “uma essência ou substância, três pessoas”»²³. Com a patrística, a Igreja ocidental e a Igreja oriental afirmam unanimemente uma única essência em Deus. «Embora confessemos três pessoas, não confessamos três essências, mas uma só essência e três pessoas»²⁴. A única essência de Deus é comum a todas as pessoas divinas, na qual se encontra a base da unidade das três em um só Deus.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são de uma só essência. «Tertuliano acentuou igualmente a unidade das três pessoas afirmando que elas são de “uma só substância”»²⁵. Santo Agostinho explica o que significa essência no pensamento latino. «Entendo por *essentia* o mesmo que em grego *ousia*, a que é mais usado chamar *substantia*»²⁶. O termo ‘essência’ vem do termo grego *ousia* que em latim se traduz por substância ou essência. Esta palavra usa-se para referir a totalidade de ser de uma coisa. Portanto, em Deus há uma só essência. Embora sejam três pessoas, são de uma só essência; por isso, são um só Deus. Por esta lógica, Tertuliano defendia a unidade das três pessoas em Deus.

O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, mas isto não se entende no plural; entende-se no singular. Não são três deuses, mas um só Deus. A única essência de Deus é o que une as três pessoas num só Deus. A única essência não afirma apenas a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas também a igualdade dos três em tudo enquanto Deus. Nenhum dos três é maior ou menor que os outros. Ainda que o Filho seja gerado pelo Pai e o Espírito

²³ SANTO AGOSTINHO, *Trindade de Trinitate*, 521.

²⁴ M. SCHMAUS, *Teologia dogmatica*, 329.

²⁵ E. DOBBIN, «Trinity», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 1054.

²⁶ SANTO AGOSTINHO, *Trindade de Trinitate*, 429.

Santo espirado pelo Pai e Filho, os três são iguais em tudo o que diz respeito à essência divina. Nesta igualdade divina se manifesta a única essência em Deus trino. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são, assim, consubstanciais.

A unidade em Deus não se vê apenas na sua única essência divina, mas também na relação entre as pessoas divinas. Os cristãos afirmam que, em Deus, há relações diferentes entre as pessoas divinas. Estas relações são fundamentais para contemplar a unidade em Deus. Logo, conhecer as relações existentes na Santíssima Trindade é muito importante para poder compreender como as três pessoas distintas vivem numa unidade eterna e plena. Este conhecimento leva-nos a uma distinção mais clara das três pessoas e dos laços que ligam umas às outras.

As relações entre as três pessoas divinas estão muito ligadas às processões em Deus. As relações reais em Deus «fundam-se nas duas produções divinas»²⁷. No credo, afirmamos que o Filho procede do Pai e que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Tem que se definir a natureza destas processões para poder também entender a natureza das relações entre as três pessoas. Segundo São Tomás de Aquino, «há duas processões divinas imanes. Porém, cada processão funda uma dupla verdadeira relação [...]: paternidade – filiação, espiração ativa – espiração passiva»²⁸. Na Trindade, há «duas processões divinas, a geração do Filho e a espiração do Espírito»²⁹. A geração do Filho e a espiração do Espírito Santo são duas processões diferentes. A geração do Filho define a relação entre o Pai que gera e o Filho que é gerado. Esta geração é só entre o Pai gerador e o Filho gerado. A espiração do Espírito define a relação entre o Espírito espirado e o Pai e o Filho que espiram. As duas processões são diferentes. Nós afirmamos duas processões divinas em Deus, que definem as relações e a distinção entre as três pessoas divinas.

«Deus Pai e Deus Filho designam As pessoas divinas relacionadas pela geração»³⁰. Nesta geração, encontramos a relação entre a paternidade do Pai e a filiação do Filho. Estas duas relações opostas são o intercâmbio da vida entre a primeira e a segunda pessoa da Trindade. O Pai é pai porque gera o Filho e o Filho é filho porque é gerado pelo Pai. Mas a paternidade do Pai e a filiação do Filho são eternas. Não se pode pensar que houve um momento em que o Pai não era pai e o Filho não era filho. A relação do Pai com o Filho é uma paternidade eterna, sem princípio nem fim. O mesmo se diz da relação do Filho com o Pai.

²⁷ M. SCHMAUS, *Teologia dogmática*, 442.

²⁸ R. FERRARA, *El misterio de Dios*, 513.

²⁹ A. V. PINTO, *Revelação e fé: fundamento e conteúdo da fé cristã para o homem de hoje I*, Editorial A. O., Braga, 1989, 377.

³⁰ R. FERRARA, *El misterio de Dios*, 477.

Na Antigo Testamento, não houve a consciência de Deus Trindade, embora possamos encontrar prenúncios trinitários nos seus textos. A identidade da Santíssima Trindade foi revelada por Jesus. Ele é que nos revelou a unidade das três pessoas num só Deus. Deus não era conhecido como Pai até que o Filho nos veio revelar a sua Paternidade. «Jesus revela Deus como Pai do Filho, e revela-se a si mesmo como Filho do Pai»³¹. Ele é que chamou a Deus, Pai (Mt 11, 27) e o Pai é que disse no batismo de Jesus, no rio Jordão, que Jesus é o seu «Filho muito amado» (Lc 3, 22). A revelação da paternidade de Deus do Antigo Testamento é uma novidade da mensagem de Jesus. Só a partir de Jesus é que os seus seguidores tomaram consciência de que o Deus do Antigo Testamento é o Pai, a primeira pessoa da Trindade. «O Pai, como o Deus concreto do Antigo Testamento, é conhecido como Pai apenas quando o Filho é revelado»³². Jesus, como o Filho primogénito, revelou-nos o Pai. Assim, revelando o Pai revelou ao mesmo tempo a sua identidade como Filho unigénito.

A relação entre o Pai e o Filho é muito mais fácil de compreender do que a relação entre o Espírito Santo e o Pai e o Filho que o espiram. Da existência humana, os homens sabem o que significa ser pai e ser filho. É fácil ter a noção do que é a filiação e do que é a paternidade. Mas para perceber a pessoa do Espírito Santo, a sua processão do Pai e do Filho, e a sua relação com o Pai e com o Filho, é preciso muito esforço intelectual. A pessoa do Espírito Santo não é muito familiar para a experiência humana.

«S. Atanásio reconhece também que o Espírito Santo, Ele mesmo é Deus por essência, é também Ele homooúsios, consubstancial ao Pai e ao Filho, uma só natureza divina com Eles. Toda a Trindade é um só Deus»³³. Por isso, nos primeiros concílios, acrescentaram-se símbolos que falam da divindade do Espírito Santo e da sua consubstancialidade. «Estava assim formada a grande plataforma trinitária: a igualdade das três pessoas da Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, três pessoas em uma só divindade. O Pai em mistério originário acima de nós, o Filho em humanidade junto de nós, o Espírito em graça dentro de nós»³⁴.

No credo Niceno-Constantinopolitano, afirma-se que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Esta processão é bem diferente da primeira. Os teólogos chamaram a esta segunda processão ‘espiração’. Nesta processão, o Pai e o Filho, como um só princípio, espiram o Espírito Santo. Portanto, a natureza da processão do Espírito Santo é diferente da do Filho. A frase *Filioque* (e do Filho) defende a processão do Espírito Santo do Pai e do Filho. «“O Espírito Santo procede verdadeiramente não só do Pai mas também do Filho, como de um só princípio

³¹ J. MOLTMANN, *Trinidad y Reino de Dios*, 90.

³² K. RAHNER, *The Trinity*, 60.

³³ A.V. PINTO, *Revelação e fé I*, 376.

³⁴ L. C. SUSIN, *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, Paulinas, São Paulo, 2003, 121.

e por uma única espiração”, diz o II concílio de Lyon (1274)»³⁵. A espiração é uma só. O Pai e o Filho espiram o Espírito não como dois princípios mas como um só. Nesta processão funda-se a relação do Espírito Santo com o Pai e o Filho. Ele é o amor que une o Pai e o Filho.

Os teólogos compreendem a terceira pessoa da Trindade como a união perfeita das primeiras duas pessoas divinas. Ele é a pessoa que manifesta o amor entre o Pai e o Filho. «O Espírito é o *vínculo pessoal de unidade* entre o Pai e o Filho: é o amor dado pelo Amante e acolhido pelo Amado, outro que não é o Pai porque recebido do Filho, outro que não o Filho porque dado pelo Pai, um com eles porque amor dado e recebido na unidade do processo do amor eterno»³⁶. O Espírito Santo é compreendido como o amor pessoal. O Espírito Santo é o amor pessoal que é distinto do Amante e do Amado. Ele é o amor unificante do Pai e do Filho. Este amor entre o Pai e do Filho é uma pessoa também. O Espírito Santo é igual ao Pai e ao Filho na essência divina. Por isso, o amor entre o Pai e o Filho é uma outra pessoa distinta das duas, mas igual em tudo enquanto Deus.

Segundo a doutrina tomística, afirmamos que «Deus é “cinco noções, quatro relações, três pessoas, duas processões, e uma essência”»³⁷. Esta mnemónica ajuda-nos a ver num formulário simples as afirmações trinitárias da fé cristã. Em Deus há quatro relações que se fundam nas duas processões dentro de Deus. «Porque há várias relações subsistentes na Trindade, há várias pessoas»³⁸. Embora três pessoas, uma só é a essência. Com estas afirmações podemos compreender melhor a distinção das três pessoas e a sua unidade essencial. «A distinção entre uma pessoa e outra não está na essência de Deus, que é igual para as três, mas na relação, que é o princípio pelo qual Deus é Trindade»³⁹. Em Deus, há coisas que se dizem na essência, que são sempre únicas e nunca se multiplicam e há coisas que se dizem em relação às pessoas divinas que são verdadeiramente distintas umas das outras.

Depois de termos falado sobre a fé em Deus uno e trino, abordaremos as imagens trinitárias que se encontram na tradição cristã. A imagem de Deus Trindade é tão importante como a doutrina trinitária da Igreja. Juntamente com o desenvolvimento da doutrina trinitária, é importante a busca incansável de uma imagem de Deus uno e trino. «Esta fé procurava exprimir-se numa doutrina, num credo e em imagens»⁴⁰. Os cristãos, desde os primeiros

³⁵ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 378.

³⁶ B. FORTE, *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus cristão*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987, 130-131.

³⁷ C. M. LACUGNA, «The trinitarian mystery of God» in F. S. FIORENZA; J. GALVIN, (eds.), *Systematic theology: Roman Catholic perspective I*, Fortress Press, Minneapolis, 1991, 153.

³⁸ E. GRATSCH, *Aquinas' summa*, 27.

³⁹ N. CIOLA, «Relación», in *Diccionario teologico enciclopedico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1995, 845.

⁴⁰ I. M. CARDOSO, *Encarnação e imagem: uma abordagem histórico-teológico a partir dos três discursos em defesa das imagens sagradas de São João Damasceno*, Paulus Editora, Lisboa, 2015, 35.

séculos, tentam explicar o grande mistério da fé cristã através de imagens artísticas e reflexões teológicas. As imagens trinitárias têm o poder de nos aproximar do mistério e da grandeza de Deus Trindade.

1.3. Imagens da Trindade

As imagens de Deus Trindade partem sempre da auto-revelação de Deus na história. Através da experiência de Deus, a Igreja procura ter uma imagem de Deus Trindade que possa dar a conhecer o seu grande mistério. Deus revela-se ao homem, mas Ele permanece como um mistério para o homem. Jesus mostrou-nos a identidade de Deus Trindade, mas a maior parte ficou ainda escondida. Só se verá a totalidade de Deus na visão beatífica no céu. Enquanto o homem está na terra, ele está sedento da imagem de Deus. «Como suspira a corça pelas águas correntes, assim a minha alma suspira por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus?» (Sl 42, 2-3). A vida do homem é uma busca do rosto ou imagem de Deus que se completará na visão beatífica. João Damasceno diz que uma imagem é reveladora e demonstrativa do que está escondido. «A imagem leva-nos à realidade escondida»⁴¹. Vamos ver nas próximas páginas as imagens que nos levam a contemplar o mistério de Deus Trindade.

Karl Rahner diz: «A Trindade “económica” é a Trindade “imaneente” e a Trindade “imaneente” é a Trindade “económica”»⁴². A Trindade económica, que se experimenta na história, é o mesmo Deus imaneente ou o Deus no seu verdadeiro ser. Yves Congar concorda com a primeira parte deste axioma de Rahner, mas discorda da segunda parte. Yves Congar diz: «se a equação da Trindade imaneente com a Trindade económica é uma equação ontológica, então Deus simplesmente é o que ocorre na história»⁴³. Ele acrescentou que há uma distância entre as duas. As imagens que a Igreja tem sobre a Trindade querem oferecer uma aproximação ao mistério de Deus. Pois nenhuma imagem pode representar Deus perfeitamente. Apesar disso, as imagens oferecem caminhos que nos ajudam a perceber, embora limitado, o mistério de Deus Trindade.

Na Igreja encontram-se imagens da Santíssima Trindade, quer sejam vitrais, pinturas, esculturas, símbolos e ícones. Desde a Patrística, usam-se imagens para explicar o mistério de

⁴¹ *Ibidem*, 169.

⁴² K. RAHNER, *The Trinity*, 22.

⁴³ F. SANDERS, *The image of the immanent Trinity: Rahner's rule and the theological interpretation of the scripture*, Peter Lang Publications Inc., New York, 2005, 125.

Deus uno e trino. «Ireneu de Lyon, por volta do ano 180, não conhece ainda o termo Trindade. Mas ele tem um sentido muito agudo da unidade concreta dos três nomes divinos. Diz-nos, assim, que o Pai criou tudo, graças às suas duas mãos, que são o Filho e o Espírito»⁴⁴. A Igreja, desde o início, precisa de uma imagem da Trindade que possa mostrar o rosto de Deus uno e trino. Nós precisamos de uma imagem que possa mostrar a unidade das três pessoas num só Deus. A imagem de Deus Trindade dada por Ireneu de Lyon é um exemplo disso. Essa imagem mostra a unidade das três pessoas no momento da criação do mundo.

Mais tarde, surgiram mais imagens trinitárias nas Igrejas ocidental e oriental. «Na iconografia ocidental, o “trono da graça (Gnadenstuhl)” é, sem dúvida nenhuma, a representação mais importante da Trindade»⁴⁵. Esta imagem foca-se no momento da cruz. O Pai segura a cruz com o crucificado e o Espírito Santo é representado por uma pomba. Existem outras pinturas que representam a Trindade assim: o Pai e o Filho, um ao lado do outro, e o Espírito Santo representado como pomba entre o Pai e o Filho. Esta tradição veio do relato do batismo de Jesus, no rio Jordão, no momento em que o Espírito desceu como uma pomba.

Há uma outra imagem conhecida da iconografia oriental, feita por Andrew Roublev. «A cena misteriosa dos três anjos que visitam Abraão ao lado do carvalho de Mambré (Génesis 18, 1-15) é o tema básico da representação»⁴⁶. Embora no Antigo Testamento ainda não existisse a consciência trinitária, esta cena, em Génesis 18, é tirada como um prenúncio das três pessoas em Deus. O monge inspirou-se para a sua obra nesse texto bíblico. «O ícone de Roublev (e a tradição sagrada por detrás dele) é uma das poucas representações da Trindade em que o Espírito Santo tem um rosto humano, embora de estilo angélico»⁴⁷. Esta imagem representa as três pessoas divinas completamente semelhantes. Esta obra é muito rica de símbolos sobre a grandeza do mistério de Deus. «Este maravilhoso ícone da Trindade, modelo de iconografia oriental de todos os tempos, pode sintetizar e simbolizar a visão teológica, eclesiológica, e pneumatológica da tradição oriental»⁴⁸. Esta obra de Roublev, o trono de graça e as outras imagens trinitárias podem-nos levar a contemplar o grande mistério de Deus. No entanto, deve dizer-se que a Igreja é, em si, a melhor imagem que representa Deus uno e trino.

A Igreja é, de facto, a melhor imagem que pode representar Deus Trindade porque ela própria é o fruto do ato trinitário. A Igreja é o povo de Deus Pai reunido pelo seu Filho e santificado pelo Espírito Santo. A Igreja, como imagem da Trindade, vive e participa no grande

⁴⁴ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé em terceiro milénio*, 489.

⁴⁵ G. O'COLLINS, *The tripersonal God*, 50.

⁴⁶ V. CODINA, *Creo en el Espíritu Santo: pneumatología narrativa*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1994, 69.

⁴⁷ G. O'COLLINS, *The tripersonal God*, 51.

⁴⁸ V. CODINA, *Creo en el Espíritu Santo*, 70.

mistério de Deus Trindade. «A Igreja é a imagem da Trindade, porque ela é como a Trindade, uma Comunhão de pessoas na unidade de Cristo»⁴⁹. A Igreja que foi batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo tem a vocação de ser a imagem de Deus Trindade na terra. Segundo o Concílio Vaticano II, «a Igreja toda aparece como “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”»⁵⁰. A Igreja nasceu do mistério de Deus Trindade; deve procurar ser a imagem de Deus em toda a sua vida. «A Igreja vem da Trindade, caminha para ela e está estruturada à sua imagem»⁵¹.

Deus Trindade é uma comunidade de amor e a Igreja configura-se neste modelo de comunidade perfeita de amor. «A Vida da Trindade é uma vida de conhecimento e de amor. A Igreja participa desta vida de conhecimento e amor»⁵². A Igreja é fundada pelo grande amor de Deus, do amor infinito entre as três Pessoas divinas. A Igreja só pode ser imagem de Deus Trindade se viver no amor, amor para Deus e para o próximo. A Igreja não é uma imagem qualquer, mas uma imagem viva da Trindade, porque vive e participa no amor vivo e real da Trindade.

A Igreja, como imagem de Deus Trindade, é uma comunidade de amor. A Igreja não pode existir sem amor, porque o amor é que dá sentido à Igreja. Este amor que brota de Deus que é amor. O amor que Jesus deu aos seus discípulos como o novo mandamento. «Por isto é que todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35). A Igreja só pode ser uma comunidade de cristãos que se amam uns aos outros.

«A Igreja está estruturada na sua comunhão de acordo com a imagem e semelhança da comunhão trinitária»⁵³. A comunhão trinitária é o modelo da comunhão eclesial. Deus Trindade é uma comunidade que não anula a diversidade das pessoas divinas, mas vive na plena unidade em todo o tempo. Em Deus Trindade, a comunhão divina não acontece à custa da verdadeira distinção entre as pessoas divinas ou vice-versa. A Igreja, como imagem ou ícone da Trindade, não deve prejudicar a diversidade à custa da unidade. «A unidade, que não anula mas acolhe e vivifica a diversidade, resplandece antes de tudo na confissão da *Ecclesia una*: o princípio da unidade eclesial e a razão da unicidade da Igreja encontram-se na unidade e unicidade de Deus Trindade»⁵⁴.

⁴⁹ R. HASSEVELDT, *O mistério da Igreja*, Casa do Castelo – Editora, Coimbra, 1957, 31.

⁵⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição dogmática sobre a Igreja*, (*Lumen Gentium*), 4, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1972.

⁵¹ B. FORTE, *La Iglesia icono de la Trinidad: breve eclesiología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992, 31.

⁵² R. HASSEVELDT, *O mistério da Igreja*, 31.

⁵³ M. FAHEY, «Church», in F. S. FIORENZA; J. GALVIN (eds.), *Systematic theology: Roman Catholic perspectives vol. II*, Fortress Press, Minneapolis, 1991, 34.

⁵⁴ B. FORTE, *La Iglesia de la Trinidad*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 1996, 38.

De todas as imagens da Trindade na tradição cristã, a Igreja em si é a imagem por excelência. A Igreja nasce, participa, vive da Trindade e caminha para ela. A Igreja é um sinal de Deus Trindade na terra. Segundo Tertuliano, «onde se encontram os três, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ali está a Igreja»⁵⁵. A Igreja é o povo de Deus, o corpo de Cristo e o templo do Espírito Santo. Assim como Deus Trindade é um mistério, a Igreja também é um mistério. Mas «o mistério da Igreja está inseparavelmente ligado ao mistério da Trindade»⁵⁶. A Igreja encaminha-se para a perfeição e santidade de Deus que é perfeito e santo. A fé cristã na Igreja é importante porque ela é a melhor imagem e ícone de Deus Trindade. A Igreja, como imagem de Deus Trindade, também é objeto da fé.

2. A Igreja como o corpo de Cristo, sacramento e comunhão

Nesta segunda secção, abordaremos a fé cristã na Igreja. Dividi-la-emos em três partes: na primeira, trataremos a Igreja como o corpo de Cristo; na segunda, a Igreja como sacramento; na terceira, a Igreja como comunhão. Corpo de Cristo e sacramento de unidade e comunhão são conceitos interligados que sustentam a unidade da Igreja. Tendo visto a unidade de Deus Trindade na primeira secção, falaremos agora da unidade da Igreja.

Os cristãos confessam a sua fé na Igreja una, santa, católica e apostólica. Isto aparece no credo depois dos artigos de fé em Deus Trindade. A fé na Igreja está muito ligada à fé em Deus Trindade. A fé em Deus Trindade leva os cristãos a crerem também na Igreja que é de Deus. «Crer que a Igreja é “santa” e “católica”, e que é “una” e “apostólica” (como acrescenta o Símbolo Niceno-Constantinopolitano), é inseparável da fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo»⁵⁷. A fé em Deus alimenta-se na Igreja que a confessa; por isso, é preciso confessar também a fé na Igreja. A fé em Deus é recebida pela Igreja e nela se alimenta e se vive.

«O Deus único é o princípio e a fonte da unidade e da singularidade da Igreja»⁵⁸. A Igreja é una porque Deus é um só. Como diz São Paulo: «há um só Corpo e um só Espírito, [...] um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos» (*Ef* 4, 4-6). A unicidade

⁵⁵ G. ROSSÉ, «Conclusão – A Igreja como ícone da Trindade», in *A Igreja no seu mistério/I*, Editora Cidade Nova, São Paulo, 1984, 167.

⁵⁶ E. HILL, «Church», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota 1987, 198.

⁵⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 750.

⁵⁸ T. MACDONALD, «Unity of the Church», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 1065.

da Igreja baseia-se na unicidade de Deus. «Uma única Igreja, como um único Deus»⁵⁹. As diferentes comunidades cristãs formam uma só Igreja, porque adoram um só Deus, confessam uma só fé e celebram uma só eucaristia. A unidade não é apenas dom dado à Igreja, mas também a sua vocação e a sua missão.

Habitualmente define-se a Igreja como «a comunhão daqueles que acreditam no Evangelho, foram incorporados no “corpo de Cristo” pelo batismo, se juntam à mesa da Eucaristia e expressam a sua fé em testemunho e serviço»⁶⁰. Ela é a comunidade congregada pelo mesmo batismo no Espírito construindo o Povo de Deus. A unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja têm aspetos de mistério, pois vinculam-se ao mistério de Cristo. A Igreja, como Jesus Cristo seu Senhor, é humana e divina. «A Igreja é de Deus (*de Trinitate*) e é dos homens (*ex hominibus*)»⁶¹. A Igreja tem que ser vista como uma realidade humana e tangível, mas também divina e transcendente. Ela é um mistério.

A Igreja, na verdade, é um paradoxo e mistério, como diz Henri de Lubac. A Igreja como o corpo de Cristo, como o sacramento de união e salvação, como a comunhão entre Deus e os homens é uma imagem que mostra o seu mistério. O mistério da Igreja encontra-se e entende-se dentro do mistério de Cristo. O mistério da Igreja reflete simplesmente o mistério de Cristo. Por isso, se se tirar a pessoa de Jesus Cristo nestas imagens da Igreja, perde-se logo o seu sentido. O mistério da Igreja vincula-se ao mistério de Cristo. A Igreja é um sinal que aponta para uma realidade maior que ela, que é o seu Senhor Jesus Cristo. Através destas imagens ou designações de Igreja, vemos o grande mistério de Cristo.

2.1. A Igreja como o corpo de Cristo

A Igreja é o corpo de Cristo. Esta é uma das imagens mais ricas dadas à Igreja. São Paulo diz: «os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo» (*Rom 12, 5*). A unidade da Igreja num só corpo é possível tendo Cristo como a sua cabeça. O ser da Igreja como o corpo de Cristo é muito importante na vida da Igreja. «A Igreja como o corpo de Cristo. Esta é, sem dúvida, a mais importante das imagens aplicadas à Igreja no Novo Testamento»⁶². Esta imagem fortalece a consciência de que a existência e essência da Igreja depende de Cristo que a fundou.

⁵⁹ J. ZIZIOULAS, *Being as communion*, St. Vladimir's Seminary, New York, 1985, 135.

⁶⁰ W. LÖSER, «Church», in W. BEINERT; F. S. FIORENZA, (eds.), *Handbook of catholic theology*, The Crossroad Publishing Company, New York, 1995, 99.

⁶¹ H. DE LUBAC, *Paradoxe et mystère de l'Église*, Éditions Aubier Montaigne, Mayenne, 1967, 48.

⁶² E. HILL, «Church», 189.

Esta imagem oferece também uma percepção da importância da comunhão com Cristo que logo possibilita a comunhão dos cristãos.

«A imagem do Corpo de Cristo [...] implica que os cristãos, como membros do corpo, partilhem a vida de Cristo. A imagem do corpo representa uma unidade organizada que une os membros uns aos outros e a Cristo, a cabeça»⁶³. Esta imagem é muito forte nas cartas de São Paulo. O Apóstolo explicava cuidadosamente às comunidades cristãs do seu tempo que elas são um só corpo, que têm Cristo como a sua cabeça. «É ele a cabeça do Corpo que é a Igreja» (*Col* 1, 18). A mesma afirmação encontra-se na carta aos *Efésios* 1, 22. Para salvaguardar a unidade das comunidades cristãs numa só Igreja, que já era muito diversa e mista, Paulo usou a analogia do corpo humano.

O corpo humano é feito de vários membros. Todos os membros do corpo operam integralmente uns com os outros. Eles funcionam para o bem do corpo. A cabeça age como o dono de todo o corpo. «A Cabeça é parte integrante do Corpo, é melhor ainda chamar Corpo de Cristo à totalidade ou união, que abarca Cristo e os cristãos. Ele é a Cabeça e nós, os membros»⁶⁴. A Igreja, como um corpo, tem vários membros e todos eles estão sob a cabeça que os une. São Paulo diz: «Cristo é a Cabeça do Corpo, cada batizado é uma parte viva, um membro desse Corpo cuja alma é o Espírito Santo»⁶⁵. No batismo, os cristãos tornam-se membros deste corpo de Cristo e nunca mais vivem para si mesmos, mas em função do bem de todo o corpo que é a Igreja. «Através de Cristo, todos os membros da Igreja estão ligados uns aos outros»⁶⁶. A Igreja como corpo não afirma apenas a unidade de todos os seus membros, mas também a sua dependência da cabeça. Sem a cabeça, o corpo não pode viver. A unidade dos cristãos vincula-se em Cristo, que é a cabeça que possibilita a união de todos os que nele acreditam.

Esta designação paulina da Igreja aponta-nos para a verdadeira natureza da Igreja que é comunhão de todos em Cristo. Assim, São Paulo conseguiu levar a diversidade dos membros das comunidades cristãs a uma verdadeira unidade em Cristo. Na comunidade «existe diversidade de dons e de tarefas, mas há um só princípio que os unifica, que desempenha a mesma função do corpo em relação aos membros»⁶⁷. Os vários membros do corpo funcionam diferentemente, mas agem sempre em unidade. Na Igreja, os membros do corpo de Cristo

⁶³ MARTHALER, *The creed*, Twenty-Third Publications, Mystic, Connecticut, 1987, 295.

⁶⁴ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 431.

⁶⁵ L. TRESE, *A fé explicada*, I. PEREZ, (trad.), Quadrante, São Paulo, 1981, 117.

⁶⁶ C. O'DONNELL; S. PIÉ-NINOT, *Diccionario de ecclesiologia*, J. P. MORENO, (trad.), San Pablo, Madrid, 2001, 265.

⁶⁷ G. ROSSÉ, «A Igreja, Corpo de Cristo», in *A Igreja no seu mistério I*, Editora Cidade Nova, São Paulo, 1984 89.

ocupam diferentes funções, mas todos agem em plena unidade com a Cabeça, que é Jesus Cristo.

A Igreja como corpo não é apenas um conceito teológico. A Igreja é realmente o corpo de Cristo. «A Igreja não é só chamada de corpo; ela é realmente um corpo, não uma mera organização, mas um organismo vivente a partir do seu interior»⁶⁸. A Igreja em si é o corpo vivo de Cristo. «É o próprio Corpo de Cristo, um corpo tão especial, que deve ter um nome especial: o Corpo Místico de Cristo»⁶⁹. A Igreja como o Corpo místico ultrapassa a dimensão corporal, meramente física. A Igreja como corpo de Cristo é mais do que um corpo físico.

No desenvolvimento teológico desta imagem acrescentou-se a dimensão mística deste corpo de Cristo. Logo, a Igreja é o corpo místico de Cristo. O aspeto místico da Igreja como o corpo de Cristo surgiu na Idade Média. O corpo místico continuou nos pensamentos teológicos tendo saído, em 1943, a encíclica *Mystici Corporis*. Nesta encíclica, «culmina o esforço para recuperar a imagem do corpo místico e colocá-lo no centro da Igreja»⁷⁰. A encíclica diz que só os membros da Igreja católica fazem parte do corpo místico. O Concílio Vaticano II retomou essa imagem da Igreja como o corpo de Cristo e acrescentou que é na fração do pão eucarístico que a Igreja se torna o corpo místico de Cristo.

A Igreja como corpo místico de Cristo une todos os membros, em qualquer lado do mundo, em relação ao corpo eucarístico de Cristo. Os cristãos, quando participam na eucaristia e comungam o mesmo pão que é o corpo eucarístico, constroem o corpo místico. «O corpo místico de Cristo vive do corpo que se recebe na ceia»⁷¹. Todos os cristãos que partilharem o corpo eucarístico de Cristo tornam-se parte deste corpo místico de Cristo.

Esta imagem da Igreja é o fundamento da sua unidade com Cristo e da unidade entre os cristãos. Sendo o corpo de Cristo, a Igreja não se deve separar de Cristo que é a sua cabeça; senão ela morre. A Igreja, composta por vários membros, é uma só porque uma só é a sua cabeça que é Jesus Cristo. Só com Jesus Cristo é que é possível existir uma verdadeira unidade entre os cristãos numa só Igreja. Cristo é sempre o ponto de partida da unidade eclesial. Partilhando um só corpo eucarístico, os cristãos fazem o corpo místico de Cristo. «Ao participar realmente do corpo do Senhor, na fracção do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós»⁷². Aí se fundamenta a unidade de todos os cristãos em todos os lugares e tempos. «Jesus

⁶⁸ K. ALGERMISSEN, *Iglesia católica y confesiones cristianas: confesionología*, F. PEREGRINA, (trad.), Ediciones Rialp S. A., Madrid, 1964, 27.

⁶⁹ L. TRESE, *A fé explicada*, 117.

⁷⁰ J. A. SAYÉS, *La Iglesia de Cristo: curso de eclesiología*, Palabra, Madrid, 1999, 199-200.

⁷¹ K. RAHNER, *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*, A. COSTA, (trad.), Edições Paulinas, São Paulo, 1989, 396.

⁷² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 7.

Cristo é o mesmo, ontem, hoje e pelos séculos» (*Heb 13, 8*). A Igreja é sempre una, porque Jesus Cristo que é a sua cabeça é sempre igual em qualquer tempo e lugar. Por isso, com Cristo é possível a verdadeira unidade de todos os cristãos no Corpo místico de Cristo em todos os tempos. «A Igreja como o Corpo de Cristo é sacramento de unidade»⁷³. A imagem da Igreja como o corpo místico de Cristo leva-nos a uma outra realidade da Igreja, que é o sacramento. A Igreja como o corpo místico de Cristo também é o sacramento de Cristo no mundo.

2.2. A Igreja como sacramento

No Concílio Vaticano II, particularmente na *Lumen Gentium*, a Igreja é apresentada como sacramento. Para o Concílio, a natureza e missão da Igreja é ser «o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»⁷⁴. A Igreja é o sinal vivo da união com Deus e da união entre todos os homens. Esta designação da Igreja como sacramento compreende-se à luz de Cristo, o sacramento excelente da união com Deus. A imagem da Igreja como sacramento só tem sentido se for colocada ao lado de Cristo, o sacramento primordial. «A Igreja, de facto, é o “sacramento” de Cristo, como é o “sacramento” do Pai»⁷⁵. A Igreja é sacramento de salvação, da união dos homens, e da comunhão com Deus, porque ela é sacramento de Cristo no mundo.

O termo ‘sacramento’ tem a sua origem na palavra grega *mystērion*. «*Sacramentum* é a tradução precisa latina da palavra bíblica *mystērion*»⁷⁶. Na patrística, usavam-se estes dois termos quase com o mesmo sentido, até à sistematização da teologia sacramental da Igreja. Nos primeiros séculos, não se via a diferença nestas duas palavras, embora já existisse uma outra tradução *mysterium*. Muitos Padres da Igreja usavam mais o termo *sacramentum* do que *mysterium*. «Em Santo Agostinho, *sacramentum* e *mysterium* são sinónimos»⁷⁷. O sacramento, como atributo da Igreja, tem muito a ver com o seu mistério. Como já foi dito antes, a Igreja é um mistério. A Igreja é simultaneamente humana e divina. Ela não é apenas uma instituição visível, mas um povo reunido e consagrado por Deus Pai em Cristo e no Espírito Santo, que vai

⁷³ V. F. GOMES, *A Igreja como sacramento e mistério: textos escolhidos na obra do cardeal Henri de Lubac*, Gráfica de Coimbra Ltd., Palheira, 2009, 38.

⁷⁴ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 1.

⁷⁵ N. SILANES, “*La Iglesia de la Trinidad*”: *la Santísima Trinidad en el Vaticano II estudio genético-teológico*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1981, 350.

⁷⁶ W. KASPER, *La Iglesia de Jesucristo: escritos de eclesiología I*, Sal Terrae, Santander, 2013, 268-269

⁷⁷ Y. CONGAR, *A Igreja, sacramento da salvação*, M. A. DA SILVA, (trad.), Edições Paulistas, São Paulo, 1977, 55.

para além da categoria física. «Ela é visível e é invisível – é terrestre, histórica, escatológica, eterna»⁷⁸. A imagem da Igreja como sacramento leva-nos ao aspeto misterioso da Igreja.

O Concílio de Trento confirmou as decisões dos Concílios de Lião e Florença sobre o número dos sacramentos. A Igreja tem apenas sete sacramentos, nem mais nem menos. A Igreja vista como sacramento não significa que existe mais um outro sacramento. «A sacramentalidade da Igreja não significa que ela seja um oitavo sacramento»⁷⁹. A Igreja define os sacramentos como «*sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dispensada a vida divina*»⁸⁰. Os sacramentos são sinais visíveis da presença e união com Jesus Cristo, porque são ações próprias de Cristo e meios eficazes para atingir a graça de Deus. Vendo esta definição do termo ‘sacramento’, não se deve estranhar que seja atribuído à Igreja. Na verdade, esta definição vai perfeitamente com a essência da Igreja. Otto Semmelroth, um teólogo contemporâneo, descreveu «a Igreja como o primeiro de todos os sacramentos, uma espécie de *Ursakrament*»⁸¹. A Igreja como sacramento originário.

A Igreja é fundada e instituída por Jesus Cristo. Ele escolheu os doze para serem seus Apóstolos, «fundou a sua Igreja como sacramento de salvação e enviou os seus Apóstolos a todo o mundo, tal como Ele também tinha sido enviado pelo Pai»⁸². Os doze são a primeira comunidade construída por Jesus que nela fundou a Igreja sob a pessoa de Pedro. «Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja» (*Mt 16, 18*). Nesta comunidade, dá-se continuidade aos gestos de Jesus, sinais vivos da sua presença na terra. Fazendo os mesmos gestos de Jesus torna-se presente a graça, que é Jesus Cristo. Assim, a Igreja como um povo é sinal visível da presença de Jesus Cristo. Continuando os mesmos gestos de Jesus, a Igreja é um meio eficaz para a graça. A sacramentalidade da Igreja está na participação e no prolongamento da sacramentalidade de Jesus.

«A Igreja mistério e a Igreja sacramento são uma única e mesma realidade. Não precisa de muitas explicações quem se lembra de que *sacramento* é a tradução latina do grego *mysterion*»⁸³. A atribuição do conceito sacramental à Igreja não tem a ver apenas com ser administradora dos sete sacramentos. A Igreja é sacramento, porque a sua visibilidade aponta para uma realidade extra-física. O teólogo «Scheeben, sob a influência de Oswald, considerou,

⁷⁸ H. DE LUBAC, *Paradoxe et mystère de l'Église*, 48.

⁷⁹ J. A. SAYÉS, *La Iglesia de Cristo*, 240.

⁸⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 1131, 298.

⁸¹ M. FAHEY, «Church», 38.

⁸² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (Ad Gentes)*, 5, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1972.

⁸³ M. S. MONGE, *Eclesiologia: la Iglesia, misterio de comunión y misión*, Sociedad de Educación Atenas, Madrid, 1994, 115.

de maneira particular, a relação *Igreja-sacramento* no seu aspeto *sobrenatural e misterioso*»⁸⁴. A Igreja não é apenas uma instituição corporal e visível, mas uma comunidade humana e divina. Henri de Lubac escreveu a obra *Paradoxo e mistério da Igreja*. Nesta obra, o teólogo destacou a natureza da Igreja como humana e divina, visível e invisível, terrestre e celeste.

«Nos teólogos pré-Vaticano II, a palavra “sacramento” [...] quando usada em relação à Igreja, sublinhava o seu mistério»⁸⁵. As palavras ‘sacramento’ e ‘mistério’ estão muito ligadas. A Igreja é um sacramento no mundo, porque participa já na vida do Reino. O Concílio Vaticano II retomou este conceito e diz que a Igreja é um sacramento. Mas o Concílio diz claramente que ela é sacramento quando se liga a Cristo. A sacramentalidade da Igreja não vem de si própria, mas de Cristo. «A Igreja não se basta a si mesma, mas [...] é sacramento de salvação somente graças à ação de Cristo»⁸⁶. Cristo é o princípio e a fonte da sacramentalidade da Igreja.

Como sacramento, a Igreja é um sinal. Um sinal é uma realidade visível que aponta para uma realidade invisível. A comunhão visível dos cristãos numa só Igreja aponta para a comunhão de todos em Deus. A Igreja é o povo de Deus que nos une numa espécie de união com Deus. Nela está presente Deus que a congrega e une em Cristo e no mesmo Espírito. A Igreja é sinal da presença de Deus na terra, porque foi Deus que a chamou e reuniu em Jesus Cristo. Em São Mateus, Jesus diz: «Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (*Mt* 18, 20). A Igreja é o povo que está em união com Deus. Ela é o sinal da esperança, da aliança, da união entre Deus e o homem.

«Esta união da humanidade com Deus é realizada através da vida, morte e ressurreição de Cristo»⁸⁷. As ações salvíficas de Cristo possibilitam esta união íntima de Deus com a humanidade. A Igreja, que participa e continua as ações de Cristo, torna-se o sinal visível desta união entre Deus e o homem. «Se Cristo é o sacramento do Pai, a Igreja é o sacramento que revela e torna Cristo presente»⁸⁸. A Igreja como corpo de Cristo é a presença bem visível de Cristo. Pois onde está o corpo está a cabeça e onde está a cabeça está o corpo. A Igreja, para ser o sinal da presença e sacramento de Cristo, continua fielmente as ações de Cristo. Por isso, a Igreja administra os sacramentos como Ele mandou fazer.

«A aplicação do termo ‘sacramento’ à Igreja e a afirmação de que o efeito próprio do sacramento que é a Igreja não é apenas a união do homem com Deus (dimensão vertical), mas também a união dos homens entre si (dimensão horizontal), constitui uma novidade absoluta

⁸⁴ A. ANTON, *El misterio de la Iglesia: evolución histórica de las ideas eclesiológicas II*, La Editorial Católica S. A., Madrid, 1986, 436.

⁸⁵ C. O'DONNELL; S. PIÉ-NINOT, *Diccionario de eclesiología*, 961.

⁸⁶ J. A. SAYÉS, *La Iglesia de Cristo*, 240.

⁸⁷ J. FUELLENBACH, *Church: community for the Kingdom*, Logos Publications, Manila, 2004, 157.

⁸⁸ J. A. SAYÉS, *La Iglesia de Cristo*, 236.

nos documentos do magistério»⁸⁹. A Igreja também é sinal da união de todos os homens. A Igreja una, santa, católica e apostólica não deve promover divisão, mas unidade. Ela tem que ser o motivo da união e não a causa da divisão. Ela é o sacramento da unidade do mundo. A unidade é necessária para a Igreja ser um verdadeiro sacramento. Na história da humanidade, que, desde a queda de Adão, está cada vez mais dividida e dispersa, a unidade da Igreja não é senão um sinal da salvação e redenção. A Igreja é sinal da esperança de que ainda é possível ter uma verdadeira união entre todos os homens e com Deus. A Igreja é, para o mundo que carece de unidade e paz, um sinal vivo da união. «Deste modo, a Igreja pode e deve ser sacramento, isto é, sinal e instrumento da unidade e da paz no mundo»⁹⁰. Ela é a comunidade fundada por Jesus, para ser sinal do plano divino de reunir todos os povos em Deus.

«A Igreja é, pois, o sacramento da união com Deus e, em consequência, da união mútua dos crentes em um mesmo impulso de amor para ele»⁹¹. No âmago da Igreja está a sua unidade. Tudo o que a Igreja é e faz é ao serviço da união de Deus com os homens. A união da Igreja com Deus deve levá-la à união com os homens e vice-versa. «Ao falar da Igreja como sacramento, referimo-nos ao seu caráter relacional, derivado de Cristo e ao serviço do mundo»⁹². A Encarnação de Jesus estabeleceu uma relação mais íntima entre Deus e o homem. Na pessoa de Jesus encontra-se a união perfeita de Deus e do homem. Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Assim, Jesus é o sacramento primordial da união de Deus e do homem. A unidade dos homens na Igreja e a união da humanidade com Deus são possíveis por Jesus Cristo.

A Igreja como sacramento é um instrumento e graça. A Igreja, que está unida com Cristo, sua cabeça, experimenta e vive na graça. Nela, os cristãos podem experimentar, receber e viver na graça de Deus. «Os sacramentos são *ações de Cristo*. [...] e assim como são *ações da Igreja*»⁹³. Na celebração dos sacramentos é que a Igreja se torna um instrumento eficaz da graça. «A ação sacramental realizada na e pela Igreja permite verdadeiramente uma experiência de graça e um contacto com a vida de Cristo»⁹⁴. Assim, a Igreja é realmente o sacramento da salvação, porque ela é um sinal vivo da graça dada por Jesus. Ela é o sinal da comunhão entre Deus e a humanidade.

⁸⁹ M. MONGE, *Eclesiologia*, 121.

⁹⁰ W. KASPER, *La Iglesia de Jesucristo*, Sal terrae, Santander, 2013, 423.

⁹¹ M. PHILIPS, *A Igreja e o seu mistério no II Concílio do Vaticano*, Editôra Herder, São Paulo, 1968, 81.

⁹² J. A. ESTRADA, *Del misterio de la Iglesia al Pueblo de Dios: sobre las ambigüedades de una eclesiología misterica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1988, 87.

⁹³ M. MONGE, *Eclesiologia*, 123.

⁹⁴ J. A. ESTRADA, *Del misterio de la Iglesia al Pueblo de Dios*, 79.

«O sacramento da salvação é o próprio povo de Deus, a “congregatio fidelium”, a comunidade cristã»⁹⁵. A Igreja, como povo de Deus, é sacramento para o mundo. Ela é o sacramento de Cristo, sacramento da comunhão entre Deus e o seu povo, sacramento da união dos homens e sacramento da salvação. Ela é o sinal visível do plano salvífico de Deus para toda a humanidade. «Mas a Igreja é sacramento de salvação porque o próprio Deus tornou-se um sacramento visível e humano na humanidade de Cristo»⁹⁶. A Igreja só pode ser um sacramento porque Jesus Cristo, que a fundou, é o sacramento por excelência da salvação. Ela é o «sinal e instrumento que aponta para Cristo e se dirige ao homem»⁹⁷. Por isso, a Igreja é comunhão. Como a Igreja une todos em Deus, leva todos a uma vida de comunhão dos homens com Deus. Isto leva-nos à última imagem da Igreja que o autor quer destacar: a Igreja como comunhão.

2.3. A Igreja como comunhão

A terceira imagem da Igreja que destacamos aqui é a Igreja como comunhão. A Igreja como o Corpo de Cristo e o sacramento da união leva-nos a contemplá-la como *communio*. O Concílio Vaticano II completou a sua eclesiologia ao afirmar que a Igreja é *communio*, comunhão. A Igreja como comunhão enriquece a sua configuração à Santíssima Trindade, que é a comunhão perfeita das três pessoas divinas num só Deus. A comunhão eclesial «nasceu da comunhão da Trindade e não se realiza senão imitando a perfeita unidade trinitária para a qual se encaminha»⁹⁸. O Concílio também declara que a Igreja é uma comunhão. A comunhão que a Igreja vive não é nada mais que uma participação da comunhão do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Segundo o teólogo Karl Rahner, «esta eclesiologia da “communio” tornou-se no verdadeiro e próprio coração da doutrina sobre a Igreja do Vaticano II»⁹⁹. Assim, não há dúvida de que a comunhão é importante e significativa na vida da Igreja.

Esta designação tem uma origem grega. «“Comunhão” é a tradução da palavra grega *koinônia*, embora não recolha exatamente todo o seu significado»¹⁰⁰. O termo vem da palavra *koine*, que quer dizer comum. A tradução latina do termo incorpora este sentido. Esta designação ficou muito forte na história da Igreja. «O significado básico da palavra é “partilhar” ou “ter em comum.” Trata-se de um aspeto da Igreja que significa uma comunidade de pessoas

⁹⁵ Y. CONGAR, *A Igreja, sacramento da salvação*, 85.

⁹⁶ J. A. SAYÉS, *La Iglesia de Cristo*, 236.

⁹⁷ J. A. ESTRADA, *Del misterio de la Iglesia al Pueblo de Dios*, 103

⁹⁸ J. A. SAYÉS, *La Iglesia de Cristo*, 48.

⁹⁹ M. MONGE, *Eclesiologia*, 83.

¹⁰⁰ C. O'DONNEL; S. PIÉ-NINOT, *Diccionario de eclesiologia*, 192.

que partilham entre si»¹⁰¹. Na palavra ‘comunhão’ encontram-se as palavras ‘comum’ e ‘união’. Com estas duas palavras que constroem comunhão já se pode ver o significado da dita designação.

Esta designação já era comum no tempo neotestamentário. Nas cartas de Paulo e João, aparece constantemente a palavra *koinonia*. «Em várias passagens paulinas e joaninas, aparece a palavra *koinonia* como aquela que melhor expressa o que fundamenta e engloba toda a comunhão»¹⁰². A comunhão dos cristãos é o mistério, a natureza e a missão da Igreja. Desde os tempos das comunidades paulinas, a comunhão tem muita importância na vida dos cristãos. «Fiel é Deus por quem fostes chamados à comunhão com seu Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor» (*1 Cor* 1, 9). A comunhão com Deus e a comunhão dos cristãos são a primeira tarefa das comunidades cristãs. A comunhão era importante para a Igreja nascente. No início da primeira carta de São João, o apóstolo diz: «para que também vós estejais em comunhão conosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo» (*1 Jo* 1, 3).

Nas cartas paulinas e joaninas, mesmo até nos Atos dos Apóstolos, a comunhão é de grande relevo. É na comunhão que os cristãos manifestam que são verdadeiras testemunhas da salvação de Cristo. A comunhão aparece como a própria natureza da existência da Igreja. «Assim, a natureza da Igreja, tal como é entendida pela primeira tradição, sintetiza-se na comunhão, na *koinonía*»¹⁰³. São Paulo exigia a comunhão de todos os cristãos nas suas comunidades. A comunhão em todos os aspetos da vida cristã, não apenas espiritualmente mas também social e economicamente. A comunhão, no sentido cristão, é total e integral; quer isto dizer em todos os aspetos da vida. A comunhão não se manifesta apenas no momento de partir o pão, mas em todos os momentos e aspetos da vida da comunidade.

«O significado cristão fundamental da comunhão designa a comunhão dos fiéis de Deus em Cristo através do Espírito e, portanto, a sua participação comum nos bens cristãos»¹⁰⁴. A participação justa e igual nos bens comuns da comunidade era uma exigência cristã nos primeiros tempos. Nas comunidades antigas, a comunhão significava igualdade e solidariedade. A comunhão está muito ligada ao amor pelos outros. «O amor comunitário cria espaços reais de *koinonía*. Essa palavra, traduzida por Comunhão, significa pertença à *koiné*, a um mundo que une a todos através da língua, da política, do intercâmbio de bens»¹⁰⁵. Em Deus Trindade,

¹⁰¹ E. HILL, «Church», 199.

¹⁰² J. M. R. TILLARD, *Iglesia de las iglesias: eclesiología de comunión*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1991, 29.

¹⁰³ *Ibidem*, 40.

¹⁰⁴ M. LAWLER; T. SHANAHAN, *Church: a spirited communion*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1995, 8.

¹⁰⁵ L. SUSIN, *Deus*, 83.

há uma plena comunhão das pessoas divinas, um intercâmbio de amor. A Igreja configura a sua comunhão na comunhão interpessoal da Trindade. Como as pessoas divinas que se dão e não guardam nada para si, os cristãos devem partilhar tudo com os seus irmãos.

«Uma vez que a Igreja, onde o próprio Deus é adorado, sobretudo como *communio* de amor entre o Pai e o Filho no Espírito comum a ambos, entende-se a Igreja como parábola e “sacramento” dessa *communio*»¹⁰⁶. O amor fraterno que une os cristãos é a expressão visível do amor divino experimentado pelos cristãos. A Igreja é comunhão dos cristãos que se amam uns aos outros, como o Pai, o Filho e o Espírito Santo se amam uns aos outros no perfeito amor. A Igreja é ícone da Trindade pela sua comunhão. Segundo São Basílio, «a natureza de Deus é comunhão»¹⁰⁷. A Igreja, sendo imagem e ícone da Trindade, também por natureza é comunhão.

A comunhão da Igreja não é vista como uniformidade, mas unidade na diversidade. A Igreja não pede que todos sejam iguais, mas que, mesmo na sua diversidade, vivam mutuamente em comunhão. A comunhão entende-se como uma participação ativa na vida da Igreja. É a participação que leva todos à comunhão. O significado de *koinonia* na Bíblia e na Igreja antiga é «a participação (*participatio*) e, no nosso caso em particular, participação no único Espírito, num só Evangelho, nos mesmos sacramentos»¹⁰⁸. Por isso, usa-se o mesmo termo para referir a participação e receção do corpo eucarístico de Cristo. Pois é realmente na participação que os cristãos manifestam a sua comunhão com Deus e com os seus irmãos. «A refeição do Senhor, em substância, é comunhão, Koinonia, Communio, e isto em duplo sentido. O banquete do Senhor é, em primeiro lugar, comunhão com Cristo: os cristãos são chamados à comunhão com o Filho, o Senhor»¹⁰⁹. Os cristãos manifestam e experimentam a comunhão com Cristo quando o recebem na eucaristia.

«O essencial é que *communio* englobe tanto a dimensão vertical quanto a horizontal, isto é, a relação entre Deus e o homem, e a dos homens entre si»¹¹⁰. A Igreja como comunhão tem duas dimensões: a dimensão vertical, que é a comunhão com Deus; a dimensão horizontal que é a comunhão entre os cristãos. Nestas duas dimensões, a comunhão é atribuída ao Espírito Santo, a pessoa divina de comunhão. «Se a imagem de sacramento se refere diretamente a Cristo e ao mistério da encarnação, a imagem de comunhão, sem perder a referência a Cristo, exalta, acima de tudo, a função do Espírito»¹¹¹. Ao Espírito Santo se atribui a comunhão do Pai e do

¹⁰⁶ M. KEHL, *A Igreja: uma eclesiologia católica*, J. R. COSTA, (trad.), Edições Loyola, São Paulo, 1997.

¹⁰⁷ J. ZIZIOLAS, *Being as communion*, 134.

¹⁰⁸ W. KASPER, *La Iglesia de Jesucristo*, 273.

¹⁰⁹ H. KÜNG, *A Igreja (1º volume)*, M. GERBERT; J. PERESTRELLO; J. RODRIGUES, (trad.), Moraes Editores, Lisboa, 1969, 320.

¹¹⁰ G. GRESHAKE, *El Dios uno y trino*, 460.

¹¹¹ A. SAYÉS, *Iglesia de Cristo*, 244.

Filho. Do mesmo modo, a Igreja também atribui ao Espírito Santo a comunhão com Deus e com todos os seus membros. «Numa palavra, o Espírito Santo que une o Pai e o Filho na Trindade, é também Aquele que nos une ao Filho e nos une entre nós»¹¹².

A comunhão é importante para o mistério da Igreja. Na sua comunhão configurada em Deus Trindade, ela é o sinal visível da comunhão espiritual. A comunhão não é apenas um dom ou uma graça dada à Igreja, mas uma vocação e missão que a desafia em todos os tempos. A comunhão é uma missão constante da Igreja até que ela participe em plena comunhão com Deus e com o seu reino celeste. A Igreja peregrina encaminha-se para o seu futuro que é o Reino de Deus. A Igreja está efetivamente ao serviço do Reino quando vive e manifesta a sua comunhão. A Igreja, como sacramento e comunhão, é um instrumento onde se experimenta já a soberania do Reino de Deus na terra. Ela deve ser «o lugar onde o Reino de Deus se torna mais transparente e mais real graças ao modelo de relações, comportamentos e valores que gera»¹¹³.

A Igreja como comunhão é mistério, porque a verdadeira comunhão acontecerá só nos céus, embora se experimente já aqui na terra na presença da Igreja. «Tal koinōnia, de acordo com a mente de Paulo, é ao mesmo tempo presente e futuro. É presente porque começa e cresce com esta vida; contudo permanece uma realidade futura na medida em que uma completa comunhão com o Filho será apenas na Parousia»¹¹⁴. A Igreja na sua comunhão, em ambas as dimensões, vertical e horizontal, já participa e se manifesta na proximidade do Reino de Deus. O Reino de Deus é um reino de amor e a Igreja como instrumento do Reino é a comunidade de amor.

3. A Igreja e o Reino de Deus

Nesta terceira secção, destacamos a relação da Igreja com o Reino de Deus. Primeiro, falaremos sobre Jesus e o anúncio do Reino. Depois, abordaremos a relação da Igreja com o Reino de Deus. Finalmente, falaremos da vinda do Reino de Deus. Entrar no Reino é central na vida cristã. Todos os cristãos querem alcançar a salvação e entrar e ter um lugar no Reino de Deus preparado por Jesus. O Reino de Deus é a salvação, a completação do sentido cristão da Igreja, é o destino da Igreja peregrina, é a perfeição da Igreja como o Corpo de Cristo,

¹¹² A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 419.

¹¹³ J. A. ESTRADA, *Del misterio de la Iglesia al pueblo de Dios*, 103

¹¹⁴ G. PANIKULAM, *Koinōnia in the New Testament: a dynamic expression of the christian life*, Biblical Institute Press, Rome, 1979, 5.

sacramento da unidade e da comunhão. É a promessa de Jesus aos povos que aceitam, professam e vivem a fé nele. Na espera da vinda do Reino, os que acreditarem em Jesus formam-se em comunidades. Nisto, vê-se a relação entre o Reino e a Igreja. A Igreja é fundada em preparação para o Reino de Deus.

Nos evangelhos, Jesus sempre ensinava e anunciava a proximidade e a vinda do Reino. Ele acompanhava este ensino com milagres, discursos e parábolas. O Símbolo dos Apóstolos não faz referência nenhuma ao Reino de Deus, mas sim à Igreja. Só o símbolo Niceno-Constantinopolitano é que acrescentou a frase «e o seu reino não terá fim». O herege Marcelo de Ancrya disse que o Reino de Cristo não é eterno. «Os marcelianos, entre os hereges condenados pelo Concílio de Constantinopla, fizeram com que os bispos inserissem no final do segundo artigo “E SEU REINO NÃO TERÁ FIM”»¹¹⁵. Assim, o Reino entrou no símbolo da Igreja. A Igreja também confessa a sua fé no Reino de Deus. O Reino que Jesus veio anunciar durante o seu ministério.

«A mensagem central de Jesus foi o Reino de Deus, que ele “lança como um fogo sobre a terra”»¹¹⁶. Jesus chamou os doze para serem a comunidade para o Reino, que logo se chamou Igreja. Nesta lógica, Alfred Loisy diz uma frase problemática: «Jesus pregava o Reino, e foi a Igreja que veio»¹¹⁷. Esta afirmação criou incômodo aos teólogos que depois esclareceram a relação íntima da Igreja com o Reino de Deus. É verdade que a Igreja não é o Reino em si, mas não se pode negar o grande papel que a Igreja faz para o Reino. A Igreja e o Reino de Deus têm uma relação que os liga intimamente. A Igreja não substitui o Reino de Deus, mas prepara o mundo para a vinda do Reino.

3.1. Jesus e o anúncio do Reino

O Reino de Deus não é totalmente uma novidade do Novo Testamento. No Antigo Testamento, os profetas já falavam do reino de Deus. «Esta expressão já está presente no Antigo Testamento, inicialmente na forma *Yahveh malak* (Yahveh reina) e mais tarde também na forma abstrata *malkut Yahveh* (reino de Yahveh)»¹¹⁸. No Novo Testamento, encontramos logo João Batista a batizar e a pregar a proximidade do Reino do Céu. Em São Mateus, João dizia:

¹¹⁵ B. MARTHALER, *The creed*, 220.

¹¹⁶ J. FUELLENBACH, *Church*, 6.

¹¹⁷ M. PHILIPS, *A Igreja e o seu mistério no II Concílio do Vaticano*, 109.

¹¹⁸ M. SEMERARO, «Reino de Dios», in *Diccionario teológico enciclopédico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1995, 842.

«Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu» (Mt 3, 2). João Batista preparava o povo de Israel para a vinda do Reino de Deus que é o próprio Filho de Deus. Jesus Cristo é o Reino, como dizem alguns teólogos. «Onde está Jesus, aí está o reino»¹¹⁹. O Reino de Deus é a própria pessoa de Jesus.

Jesus pregava e ensinava o Reino, através dos milagres que fazia e das parábolas que contava. Os discípulos de Jesus aprenderam e experimentaram o Reino nas próprias ações e palavras de Jesus. Como afirma o Concílio Vaticano II, «este Reino manifesta-se na palavra, nas obras e na presença de Cristo»¹²⁰. A Igreja não espera pela vinda de outro reino senão o de Cristo. O Reino está muito ligado à pessoa de Cristo. Por isso, viver com Jesus é viver no Reino. Jesus é que faz presente o Reino. Durante o seu ministério não parou de anunciar a vinda do Reino e os critérios para entrar nele. Os critérios do Reino encontram-se expressamente no Sermão da montanha. Aí pode-se verificar que Jesus não fala de um reino terrestre mas sim de um reino que virá.

A missão de Jesus foi clara desde o começo. Desde o início do seu ministério, Jesus falou da conversão, porque o Reino do céu está para vir. «Convertei-vos porque está próximo o Reino do Céu» (Mt 4, 17). Em São Marcos, Jesus diz que o tempo já se completou e o reino está próximo. «Completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). Jesus começou com uma mensagem clara da proximidade do Reino. E desde aquele momento a sua comunidade caminha para o Reino. A própria vida de Jesus mostrou o caminho para o Reino. Não há outro caminho para o Reino de Deus senão por Jesus.

O ponto mais alto do anúncio de Jesus sobre o Reino encontra-se no momento da cruz, onde se encontra Jesus como o Rei crucificado e glorificado. No momento da paixão de Cristo, os evangelistas apresentam Jesus como um rei. A figura de Cristo Rei aparece constantemente nos textos da paixão e ressurreição. Na cruz, vemos o Cristo que é Rei não de um reino terrestre. Jesus respondeu à pergunta de Pilatos se era o rei dos Judeus: «a minha realeza não é deste mundo...o meu reino não é de cá» (Jo 18, 36). Jesus completou o seu anúncio da vinda do Reino com a sua morte e ressurreição. «O Reino de Deus preparado definitivamente por Cristo com o anúncio do Evangelho, e por Ele fundado na sua ação pascal: morte e ressurreição gloriosa, se manifesta na Igreja e nela cresce progressivamente»¹²¹.

¹¹⁹ J. RATZINGER, *Questões sobre a Igreja*, A. M. DA ROCHA, (trad.), Edições Paulistas, Lisboa, 1992, 14.

¹²⁰ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 5.

¹²¹ A. D. BARRETTO, *O anúncio do Reino de Deus: reflexões sobre as parábolas*, Editora Vozes limitada, Petrópolis, 1968, 26.

O Reino de Deus não é um lugar específico, mas sim a soberania de Deus. O Reino de Deus é o estar sob a glória de Deus. «Na boca de Jesus, “Reinado de Deus” não significa – nem mesmo na sua pregação baseada no Antigo Testamento – a soberania permanente de Deus sobre o mundo, soberania fundada no acto da criação»¹²². O Reino não é um lugar, mas o estado onde Deus e a sua justiça reinam. Este reino não é completamente deste mundo, mas sim em construção até a sua consumação na vinda de Jesus. Este reino não terá fim, porque o seu rei é eterno. Este é um reino que tem critérios morais e espirituais para quem quiser entrar nele. Jesus, através das parábolas e do Sermão da montanha, expôs estes critérios. Mas «Jesus nunca apresentou o reino como um assunto privado entre Deus e um indivíduo. Em vez disso, é uma força ativa no mundo, uma presença reconciliadora criando um sentido de solidariedade entre as pessoas»¹²³. Aqui entra a comunidade fundada por Jesus que é a Igreja.

Os cristãos não chegam ao Reino individualmente, mas como um povo reunido por Jesus. Jesus chamou os Doze para ser a comunidade que continuará a anunciar o Reino até Ele chegar. «A Igreja é também justamente chamada Comunidade do Reino»¹²⁴. A Igreja é realmente uma comunidade que caminha para o Reino. Os teólogos afirmam que a Igreja não é o Reino, mas ocupa um grande papel na construção do Reino.

3.2. A relação da Igreja com o Reino

A frase incómoda de Alfred Loisy, já referida, criou um grande debate entre teólogos sobre a relação entre a Igreja e o Reino. Todos os teólogos afirmam que a Igreja não é o Reino de Deus. «A Igreja não está identificada com o Reino de Deus»¹²⁵. A Igreja e o Reino são duas realidades diferentes, mas estão muito ligadas. A Igreja não é uma realidade fora do Reino de Deus. Existe precisamente para o Reino. A Igreja «não é o Reino, mas está ao serviço do Reino»¹²⁶. Ela é a comunidade que caminha para o Reino. Ela tem que ter a consciência de que existe para servir o Reino de Deus.

«A palavra *Igreja*, em si, só se encontra duas vezes na boca de Jesus (*Mt* 16, 18; 18, 17), enquanto a referência ao *reino de Deus* pode ser encontrada 92 vezes nas próprias palavras

¹²² H. KÜNG, *A Igreja (1º volume)*, 70-71.

¹²³ B. MARTHALER, *The creed*, 225.

¹²⁴ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 452.

¹²⁵ J. FUELLENBACH, *Church*, 78.

¹²⁶ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 452.

de Jesus»¹²⁷. Está bem claro nos evangelhos que o projeto de Jesus é a construção do Reino de Deus. A Igreja que surgiu depois do Pentecostes não é o Reino de Deus que Jesus anunciou. Desde a sua fundação, a Igreja está consciente de que ela própria não é o Reino de que Jesus falava. Está consciente do seu papel para a vinda do Reino. «O papel da Igreja é pregar e cooperar na construção do Reino de Deus na história humana»¹²⁸. A Igreja não é propriamente referida como o Reino de Deus. Ela existe para ser testemunho vivo da proximidade do Reino de Deus.

«Pode, pois, dizer-se que toda a Igreja é chamada e enviada a implantar o Reino, a torná-lo presente e actuante, a deixá-lo emergir»¹²⁹. É o serviço que a Igreja faz para o Reino; embora um reino futuro, através da Igreja que se faz presente na terra. Jesus fundou a Igreja para que haja uma comunidade que espere pela vinda do Reino. Desde a ascensão de Jesus até à vinda gloriosa do seu Reino, é a história da Igreja. «O Reino não é apenas anunciado pela Igreja, mas ele está realmente contido na Igreja até ao fim dos tempos, sendo por ela significado»¹³⁰. A Igreja é sinal do reino de Deus. O Reino prometido por Jesus ainda virá no futuro, mas, até esse momento escatológico, a Igreja existe como sinal do Reino. A Igreja é a implantação do Reino de Deus, nela cresce o Reino até à sua consumação.

A Igreja na terra é o espaço do Reino. Pela Igreja, o Reino de Deus está cada vez mais próximo da humanidade. A Igreja empenha-se no serviço à humanidade e ao Reino de Deus. A Igreja não existe para se servir a si própria. Tal como Jesus, antes de tudo, a Igreja vem para servir e não para ser servida. «O próprio ser da Igreja é servir o género humano, é existir como uma função para que se torne Reino de Deus, no campo aberto da história do mundo»¹³¹. O seu serviço é anunciar a proximidade do Reino, na pessoa de Jesus Cristo. Ela anuncia o Evangelho para que chegue até aos confins da terra. Assim se cumpre a vontade de Deus de que todos se salvem e entrem no Reino de Deus. A Igreja está no meio, entre o mundo temporal e o Reino eterno. Até ao cumprimento do anúncio de Jesus, da vinda do Reino, a Igreja existe para servir. Neste sentido, a Igreja é uma comunidade plantada na terra que espera pelo Reino de Deus. A Igreja não é o Reino de Deus em si, mas nela cresce já o Reino até à sua consumação em Cristo. «A Igreja é o Reino de Deus que cresce no mundo, lentamente mas progressivamente»¹³².

A Igreja não é o Reino de Deus. O Reino de Deus é eterno, enquanto a Igreja é temporal. «A Igreja é algo de essencialmente presente hoje, e como comunidade dissolver-se-á

¹²⁷ J. FUELLENBACH, *Church*, 22.

¹²⁸ J. A. ESTRADA, *Del misterio de la Iglesia al Pueblo de Dios*, 87

¹²⁹ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 452.

¹³⁰ M. SEMERARO, «Reino de Dios», 843

¹³¹ R. LOMBARDI, *Igreja e Reino de Deus*, Edições Loyola, São Paulo, 1978, 70.

¹³² A. D. BARRETTO, *O anúncio do Reino de Deus*, 38.

no futuro; o Reino em seu sentido mais pleno é eterno»¹³³. A Igreja foi fundada por Jesus para ser sinal visível da graça e do plano divino da salvação de Deus. Ela é um povo peregrino. Ela caminha para um determinado destino, o Reino de Deus. Quando o Reino de Deus se completar e se realizar, a Igreja terá a sua consumação. A Igreja será consumada, porque aquilo que ela simboliza já está bem presente, o Reino. «A Igreja é o símbolo temporal e transitório do Reino, na história. Não é o Reino porque o REINO NÃO TERÁ FIM. O Reino é intemporal no sentido de que o agora e o futuro se dissolvem no eterno»¹³⁴.

A Igreja não é o Reino, no sentido de que o Reino é muito maior que ela. Na Igreja foi implantado o Reino e nela cresce progressivamente. Mas não é o único instrumento da construção do Reino. A vinda do Reino não é dependente da Igreja. Por isso, a Igreja tem que ser humilde e fiel aos sinais dos tempos que mostram o caminho para o Reino. «O reino exige a transformação de toda a realidade humana, e a Igreja deve ser um “agente” da transformação»¹³⁵. À Igreja foi entregue a chave do Reino. Por isso, tem a missão de ser o sinal visível do Reino de Deus. Embora ainda não seja o Reino, ela já é chamada a viver os critérios do Reino, a sua justiça e a sua glória.

«A Igreja é sinal do Reino de que é portadora e sacramento. Tudo nela existe para o Reino e o Reino é a realidade última que a alenta e habita»¹³⁶. A Igreja não é o Reino, mas está ao serviço do Reino. A Igreja peregrina vive e caminha para o Reino de Deus. Mas a Igreja já faz o Reino presente pela sua configuração fiel a ele. «A Igreja é a permanente realização e desdobramento do Reino dos Céus»¹³⁷. Ela não existe para si própria, mas para que o reinado de Deus se realize na história humana.

3.3. A vinda do Reino de Deus

A proximidade do Reino veio das próprias palavras de Jesus, nos evangelhos. Jesus repetia várias vezes que o Reino de Deus virá. O povo tem que se preparar para a sua vinda. O Reino que Jesus anunciou não é a Igreja, mas algo do futuro. O Reino de Deus não é completamente deste tempo nem deste mundo. Ele é um reino em construção e virá na sua plenitude no fim dos tempos. Mas o Reino, desde o seu anúncio, já se implantou no meio dos

¹³³ R. LOMBARDI, *Igreja e Reino de Deus*, 68.

¹³⁴ B. MARTHALER, *The creed*, 233.

¹³⁵ J. FUELLENBACH, *Church*, 75.

¹³⁶ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 452.

¹³⁷ A. D. BARRETTO, *O anúncio do Reino de Deus*, 32.

homens. Jesus também disse: «Chegou até vós o Reino de Deus» (Mt 12, 28). Então, o Reino de Deus não é completamente futuro. O Reino de Deus também está muito presente na história da humanidade. Já está presente mas só virá na sua plenitude na *Parousia*. «A semente do reino de Deus já germina e amadurece aqui e agora na terra»¹³⁸. No anúncio da vinda do Reino, o povo escolhido já o acolheu no seu seio e cuida-o com a escuta da Palavra e na comunhão sacramental.

«O Reino de Deus pode ser “aceite” aqui e agora, e as suas bênçãos serão apreciadas no final, por aqueles que cumpriram as condições necessárias»¹³⁹. O Reino de Deus também é um dos mistérios da fé que se joga no “já mas ainda não”. O Reino já está presente, mas ainda não está perfeito. «O Reino é também a primeira concentração de todos os que nele entram já hoje e não só no fim dos tempos»¹⁴⁰. O Reino tem o seu aspeto atual na história. Os homens já podem entrar nele hoje pela aceitação da pessoa e da mensagem de Jesus. Os que aceitam o Reino são já chamados a viver pelos seus critérios. Portanto, embora o Reino ainda não tenha chegado plenamente, os homens já podem praticar o reinado de Deus.

«Por outras palavras, o reino de Deus “escatológico” é proclamado como um facto presente, que os homens devem reconhecer, manifestando pelas suas ações que aceitam ou rejeitam»¹⁴¹. No Evangelho de São Lucas, o Reino tem sempre o acento de ‘agora’. Jesus disse ao bom ladrão: «hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43). O Reino já está no meio dos homens, hoje. «O Reino de Deus não vem de maneira ostensiva. Ninguém poderá afirmar: “Ei-lo aqui” ou “Ei-lo ali”, pois o Reino de Deus está entre vós» (Lc 17, 20-21). Então, o Reino já chegou ou ainda não? O presente e o futuro do Reino de Deus está no mistério de Jesus. «Em Jesus, e com Jesus, o Reino de Deus foi já anunciado, é activo e eficaz no nosso *presente*»¹⁴². Mas o Reino também é uma realidade escatológica. Portanto, só se verá em plenitude e no seu verdadeiro sentido, no futuro.

O aspeto escatológico do Reino de Deus lembra-nos do momento da criação. Em *Génesis* 1, encontra-se Deus a criar o mundo e tudo o que nele habita. Esta história da criação aponta para a sua plenitude, na glória de Deus que é o Reino de Deus. «O Reino de Deus é esse estado final da criação, no qual Deus como *Abba* [Pai] será o fator abrangente e determinante»¹⁴³. O Reino de Deus é uma realidade escatológica que aponta para a consumação da criação de Deus e da realização do plano divino da salvação da humanidade. Portanto,

¹³⁸ E. SCHILLEBEECKX, *Church: the human story of God*, SCM Press Ltd., London, 1990, 132.

¹³⁹ C. H. DODD, *The parables of the Kingdom*, William Collins Sons & Co Ltd, Glasgow, 1961, 35.

¹⁴⁰ M. PHILIPS, *A Igreja e o seu mistério no II Concílio do Vaticano*, 109.

¹⁴¹ C. H. DODD, *The parables of the Kingdom*, 36.

¹⁴² H. KÜNG, *A Igreja (1º volume)*, 101.

¹⁴³ J. FUELLENBACH, *Church*, 6.

segundo alguns teólogos, quando se fala do presente do Reino de Deus, não se deve entender que o Reino de Deus já está atualizado, mas se está atualizando. «O presente aponta o futuro, mas o futuro, por seu turno, refere-se ao presente»¹⁴⁴. Assim, como comunidade já envolvida no Reino, a Igreja espera fielmente pela proximidade deste no fim dos tempos. A Igreja do presente é o sinal do Reino que virá.

«Mas o principal sinal, e o mais eficiente da vinda do Reino, é a vinda de Cristo, Filho do homem a fim de operar o resgate»¹⁴⁵. Na verdade, o mistério do Reino encontra-se no mistério de Cristo. O Reino de Deus não se entende fora de Cristo que o anunciou e o realizará no futuro. Pois onde está Deus está o seu Reino. Por isso, como Deus já se revelou e está presente na vida dos homens, assim também o seu Reino. O Reino de Deus já está presente através da pessoa de Cristo. Quando os homens vivem em comunhão com Cristo e observam os seus mandamentos já estão envolvidos no Reino. Pelo anúncio e pelas obras salvíficas de Cristo, o Reino de Deus já foi inaugurado. O «Reino já foi inaugurado, que já começou, e por isso a Igreja é um “Povo Escatológico”, um Povo que já recebeu no Espírito as primícias e a Nova Vida do Reino»¹⁴⁶. A vinda do Reino de Deus é a *Parousia*. Mas o Reino de Deus está presente na terra, pelo seu sacramento, que é Jesus Cristo e a sua Igreja.

Conclusão

Este primeiro capítulo pretendeu expor os fundamentos da fé cristã em Deus Trindade, na Igreja católica, e no Reino de Deus. Estes três objetos da fé cristã dizem respeito à unidade na diversidade. O objetivo é estabelecer a unidade na diversidade dos cristãos num só Deus, numa só Igreja e num só Reino de Deus. O maior de todos os mistérios da fé cristã é o Deus Trindade. Por isso, começámos pela fé na Santíssima Trindade. Há um só Deus em três pessoas. O Pai, o Filho, e o Espírito Santo são pessoas divinas muito distintas, mas um só Deus pela essência. Em Deus uno e trino, encontra-se a diversidade real das pessoas e a unidade substancial de Deus. «A unidade não é de forma nenhuma confusão – como a distinção não é separação»¹⁴⁷. Deus é realmente uno e trino.

¹⁴⁴ H. KÜNG, *A Igreja (1º volume)*, 102.

¹⁴⁵ M. PHILIPS, *A Igreja e o seu mistério no II Concílio do Vaticano*, 107.

¹⁴⁶ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 459.

¹⁴⁷ H. DE LUBAC, *Catholicisme: les aspects sociaux du dogme*, 7ª éditions, Les Éditions du Cerf, Paris, 1983, 287.

A Igreja, sob o mistério de Deus, também manifesta a sua unidade na diversidade. Ela é a imagem excelente de Deus Trindade. «A Igreja, como “pleroma de Cristo”, é a presença visível da Trindade invisível»¹⁴⁸ A Igreja é o sinal visível de Deus uno e trino. Ela configura-se na unidade e comunhão das três pessoas, num só Deus. «Unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade não são, portanto, apenas dons que a Igreja recebe da graça de Deus, mas também tarefas de cujo cumprimento responsável depende algo de decisivo»¹⁴⁹. Por isso, a Igreja, como o seu Deus Trindade, manifesta a unidade na diversidade. Uma unidade eclesial que reconhece a existência de várias culturas, línguas, e expressões de fé. Para apresentar a unidade dos cristãos numa só Igreja, abordámos três designações desta: o corpo de Cristo, o sacramento da união e a comunhão. A Igreja é uma unidade inclusiva em Cristo. Assim, a Igreja é o sacramento da unidade e comunhão de todos num só Corpo de Cristo.

Esta Igreja encaminha para a realização do Reino de Deus. Este é para todos, porque Deus quer que todos se salvem. Por isso, este Reino não é um reino fechado, mas abrangente, aberto a todos os povos e culturas que abraçam a mensagem de Jesus e o aceitam como Deus. O Reino de Deus é a completação e a perfeição da unidade e comunhão de todos. A Igreja vive a unidade e comunhão, como sua participação atual no Reino de Deus. Logo, na fé cristã encontra-se o fundamento da unidade dos cristãos, sem prejudicar o dom da diversidade. A unidade na diversidade é um dom de Deus, mas também é uma tarefa constante da Igreja com o seu testemunho de fé num único Deus, único Senhor e único batismo. A Igreja cristã deve viver sempre na unidade.

¹⁴⁸ N. SILANES, “*La Iglesia de la Trinidad*”, 353.

¹⁴⁹ H. KÜNG, *A Igreja (2º volume)*, J. PERESTRELLO; J. RODRIGUES, (trad.), Moraes Editores, Lisboa, 1970, 17.

CAPÍTULO II

PLURALIDADE E INTERCULTURALIDADE DA IGREJA

No segundo capítulo, aborda-se a pluralidade e a interculturalidade da Igreja cristã. O capítulo divide-se em três secções: primeiramente, a pluralidade no mundo contemporâneo; depois, a pluralidade no âmago da Igreja; e finalmente, a passagem da pluralidade à interculturalidade. O objetivo deste capítulo é, precisamente, expor a passagem da pluralidade à interculturalidade. Aqui, falaremos dos conceitos de pluralidade e interculturalidade e exporemos o seu sentido no mundo atual e na Igreja. A Igreja não deve ficar contente apenas com o reconhecimento da sua pluralidade cultural, mas deve esforçar-se por progredir para uma plena unidade e comunhão na sua diversidade. Uma verdadeira unidade e comunhão só são possíveis através da interculturalidade. É um processo e um caminho para a Igreja viver a sua comunhão e participação no Reino de Deus.

1. A pluralidade no mundo contemporâneo

O mundo é plural. Isto quer dizer que não é uma realidade homogénea; contém várias realidades contextuais. No mundo, existem diversos povos, nações, raças e culturas. Assim, o mundo não deve ser orientado por uma só ideologia, filosofia. Cada povo, nação, raça e cultura tem uma parte de verdade e ninguém tem a verdade absoluta. Por isso, o pluralismo obriga ao reconhecimento, respeito e tolerância de outras ideologias, costumes, pontos-de-vista, crenças, etc. O pluralismo criou em todos a consciência de que a pluralidade tem que ser aceite ou, pelo menos, tolerada pelas sociedades.

Atualmente, o mundo está cada vez mais aberto a abraçar a pluralidade. No entanto, o pluralismo vai mais além do mero reconhecimento da diversidade de culturas no mundo. O pluralismo é «o princípio de que as pessoas de diferentes raças, religiões e ideias políticas possam viver pacificamente juntas na mesma sociedade»¹⁵⁰. As diferenças culturais não impedem os diferentes povos e culturas de conviver no mesmo espaço, porquanto há tolerância entre eles. Não precisamos de uma assimilação cultural para viver juntos pacificamente num

¹⁵⁰ D. SUMMERS, (ed.), «Pluralismo», in *Longman dictionary of english language and culture*, new edition, Pearson Education Limited, Edinburgh Gate, Harlow, 2005, 1064.

determinado espaço. As diferenças aceitam-se o mais possível. Nenhuma raça ou cultura deve ser dominada por outra.

Antigamente, era difícil pensar que as diferentes raças e culturas pudessem viver juntas, pacificamente num mesmo espaço. No passado, as diferenças culturais levaram os homens a inumeráveis conflitos e guerras. Mesmo vivendo separadamente em diferentes países, as tensões entre culturas eram intensas. O diferente era sempre visto como ameaça, inimigo, incómodo ou perigoso. As diferenças culturais eram motivo de exclusão e separação. As divisões geográficas e fronteiras foram traçadas segundo a semelhança e a diferença cultural. Entrar no território do outro poderia criar problemas ou até perigo de vida para o estrangeiro. Cada um defendia o seu espaço da intromissão do outro. Este conceito altera-se sobretudo nos finais do século XX.

Nas últimas décadas, o mundo vira-se para uma sociedade pluralista. Hoje em dia, tornou-se normal ver as pessoas de diferentes culturas e raças viverem pacificamente numa mesma sociedade, especialmente nas grandes cidades. Atualmente, há mais tolerância entre as diferenças culturais. «O pluralismo pode referir-se, embora vagamente, ao valor da tolerância para esta diversidade»¹⁵¹. A sociedade aprendeu a tolerar e a aceitar as diferenças entre as diversas culturas. Assim, o diferente já não é visto como perigo como antes, mas como uma contingência a aceitar. Trata-se de um processo. Os primeiros contactos entre as diferentes culturas ainda causam estranheza, incómodo e desconfiança. Mas o respeito e a tolerância são valores incontornáveis para a paz numa sociedade pluralista.

«O grande novo desafio para os seres humanos é que eles já aprenderam a viver juntos – preto e branco, amarelo e moreno, hindu e muçulmano, judeu e cristão, budista e zoroastriano – como uma família plural e rica em ideias e valores tem de celebrar a diversidade e viver em paz»¹⁵². Os homens, ao longo dos anos, habituaram-se a viver separados segundo a sua raça e a sua nação. Agora, são muitos os que convivem no meio de uma sociedade multicultural e plural. A sociedade contemporânea vai descobrindo que na pluralidade cultural há mais vantagem do que desvantagem. «A pluralidade, agora, é assumida não como limite ou enfraquecimento de ser, senão como possibilidade enriquecedora de vida, a “pós-modernidade” não é a época da lamentação pela unidade perdida nem da esperança num paraíso de identidade a vir»¹⁵³. A diversidade cultural já não é vista como um obstáculo para a unidade, mas como

¹⁵¹ D. A. CARSON, «Christian witness in an age of pluralism», in D. A. CARSON; J. WOODBRIDGE, (eds), *God and culture*, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 1993, 32.

¹⁵² J. I. FERNANDO, «Globalization with a human face», in J. HOGAN, (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. I: cultural pluralism and democratic freedom*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington D.C., 2005, 179.

¹⁵³ J. DUQUE, *Cultura contemporânea e cristianismo*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 63.

algo que proporciona sentido à comunhão sonhada. A pluralidade e a diversidade cultural levam a sociedade contemporânea a descobrir um tesouro valioso que, por muitos anos, esteve escondido.

1.1. A diversidade das culturas e povos

O pluralismo nasce de uma consciência sensível à diversidade de culturas e povos. O mundo goza, desde sempre, de uma diversidade cultural. Embora todos nós vivamos num único planeta, viemos de diferentes contextos, realidades, tradições e culturas. Para os que promovem o pluralismo, esta diversidade é mais uma riqueza do que um obstáculo para a humanidade. Como diz um dito popular: «a nossa força reside na nossa diversidade». A riqueza da humanidade está mais na diversidade do que na semelhança. Qualquer tentativa para eliminar a diversidade cultural será um atentado grave contra a humanidade. «Os regimes hegemónicos e as grandes civilizações do mundo tentaram unificar os povos sob o dossel de uma língua, filosofia, música, arte e religião. Mas, mais cedo ou mais tarde, a diversidade reafirma-se».¹⁵⁴ A diversidade dos povos e culturas será sempre uma realidade humana.

Para nós, cristãos, a pluralidade e a diversidade são elementos distintivos da criação de Deus. No Génesis, vemos como Deus criou os animais da terra, as aves do céu, os peixes do mar, as árvores e as plantas numa grande diversidade e pluralidade. A humanidade também foi criada na diversidade. «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança» (*Gn* 1, 26). O Deus uno e trino criou o homem à sua imagem, uma comunidade de pessoas distintas. Podemos entender a nossa pluralidade e diversidade cultural como a imagem de Deus em nós. Em Deus, as três pessoas são distintas uma das outras. A nossa cultura é que nos distingue uns dos outros. Mesmo sendo da mesma essência humana, somos todos culturalmente diferentes. Como Deus é uno e trino, também nós somos uma só espécie humana, plural, enquanto povos e raças. Os seres humanos, como qualquer criatura de Deus, vivem na diversidade. As nossas diferenças culturais fazem parte da natureza humana. Enquanto homens, sempre seremos plurais e diversos culturalmente.

«A cultura é o modo de vida de um povo»¹⁵⁵. Ela é o conjunto de valores, crenças, costumes e tradições de um povo que é transmitido de uma geração para outra. Ela ocupa um

¹⁵⁴ J. P. KIRBY, «Meeting the challenge of diversity», in *Verbum SVD* 56, nº 1-2 (2015), 123.

¹⁵⁵ E. HATCH, «Culture», in A. KUPER; J. KUPER, (eds.), *The social science encyclopedia*, Routledge, London, 1985, 178.

importante papel na vida dos homens na sociedade. Ela é fundamental na vida das pessoas e da própria sociedade. Isto, porque a cultura dá à pessoa e à nossa sociedade a identidade que nos distingue uns dos outros. Pela cultura, nós podemos saber quem somos, como indivíduos e como povo. «A cultura pode ser entendida quer como uma realidade integrada, um conjunto de significados e valores compartilhados que unem um povo, quer como uma realidade contrastada, constituída por desigualdades de poder e participação na vida social de uma comunidade»¹⁵⁶. A cultura é essencial na nossa vida, como indivíduos, como comunidade e como povo. Ela é uma componente definidora que permite identificarmo-nos como um povo e distinguirmo-nos uns dos outros.

Em Génesis 11, encontramos a explicação desta diversidade de povos e culturas. Naquele tempo, «em toda a Terra, havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras» (*Gn* 11, 1). Quando começaram a construir uma torre que chegava até ao céu, o Senhor desceu e castigou-os confundindo a língua deles e dispersando-os por toda a terra. Desde então, os povos vivem dispersos por toda a terra e falam diferentes línguas. Em Babel, a diversidade de povos e culturas é vista como uma maldição. Mas não devemos olhar a Torre de Babel fora do projeto divino para a humanidade. «Mesmo no Pentecostes [...], Babel não foi revertida como se fosse uma maldição; A diversidade é mantida e celebrada como uma característica essencial do cristianismo»¹⁵⁷. No Pentecostes, Deus reunirá todos os homens de diversas culturas e línguas num só povo. Depois do Pentecostes, a diversidade de povos, culturas e línguas já não será vista como um obstáculo para a comunhão de todos os homens em Deus.

Do ponto de vista sociológico, a diversidade cultural é benéfica para a sociedade. «Em sociologia, o pluralismo de uma sociedade significa que cada elemento dessa sociedade (indivíduo, grupo, norma e valor) é marcado pelas diferenças culturais, étnicas e sociais não apenas toleradas pelos outros elementos, mas igualmente consideradas como uma fonte de enriquecimento para toda a sociedade»¹⁵⁸. A sociedade contemporânea não reconhece apenas a existência da pluralidade de povos e culturas; ela acredita mesmo que é benéfica e enriquecedora. A pluralidade cultural não impede, mas ajuda no desenvolvimento da sociedade.

¹⁵⁶ R. R. GAILLARDETZ, *Ecclesiology for a global Church: a people called and sent*, Orbis Books, New York, 2008, 74.

¹⁵⁷ A. YEH, «Asian perspectives on twenty-first century pluralism», in S. W. SUNQUIST; A. YONG, *The gospel and pluralism today: reassessing Lesslie Newbigin in the 21st century*, Intervarsity Press, Illinois, 2015, 219.

¹⁵⁸ G. THINES; A. LEMPEREUR, «Pluralismo», in *Dicionário geral das ciências humanas*, A. MORÃO, et al., (trad.), Edições 70, Lisboa, 1984, 712.

«Devíamos alegrar-nos com as diferenças culturais e tentar aprender com elas, não as considerar como estranhas, inaceitáveis ou odiosas»¹⁵⁹.

Atualmente, a diversidade cultural é aceite como nunca na história humana. O nosso tempo é marcado pela desconstrução de barreiras e reconstrução de amizades. Um exemplo disso foi a destruição do muro de Berlim, na Alemanha. Desde então, quebraram-se muitos outros muros que sempre nos separaram uns dos outros. Esta queda de muros tem um efeito *dominó*. Fomos conduzidos a uma nova realidade onde os contactos, encontros, convivências, mercados e negócios entre os diversos povos e culturas são realizados com mais facilidade e mais rapidamente. Com o desmoronar de muros, as pessoas movem-se mais facilmente. Em consequência disso, tornamo-nos concidadãos do mundo. Sendo diferentes culturalmente e racialmente uns dos outros, habitamos no mundo como uma casa comum a todos. A casa é comum a todos, possibilitando a deslocação de um lado para o outro. Os diferentes povos já se movem e vivem juntos.

Com tanta diversidade de culturas na sociedade de hoje, a abertura à pluralidade dos povos e culturas já não é uma opção, mas uma obrigação. Nós fazemos parte da sociedade contemporânea, que está cada vez mais plural e global. Já não vivemos no tempo em que os diferentes povos e raças viviam dispersos. Nós somos cidadãos de um mundo global e plural, onde os povos de diversas culturas vivem juntos, partilham o mesmo espaço. Portanto, mais do que uma escolha, abraçar a pluralidade é um dever. Reconhecer a existência e a igualdade de todos os povos e culturas é um processo inadiável. «O reconhecimento das diferenças é, acima de tudo, uma condição de diálogo e, portanto, condição para a construção de uma união mais ampla de pessoas diversas. Apesar das dificuldades, estamos perante uma obrigação incontornável: temos que encontrar formas de conciliar uma nova pluralidade com uma cidadania comum»¹⁶⁰.

O reconhecimento da nossa diversidade cultural ou a consciência pluralista não aconteceu de um dia para o outro. É a resposta ao que a Igreja chama «sinais dos tempos»¹⁶¹. O mundo abriu-se gradualmente à pluralidade e diversidade dos povos e culturas, devido a vários acontecimentos que o marcaram nas décadas passadas. A globalização, as migrações em massa e o conceito de aldeia global foram os fatores principais de uma sociedade pluralista,

¹⁵⁹ WORLD COMMISSION ON CULTURE AND DEVELOPMENT, *Our creative diversity*, Unesco Publishing, Paris, 1996, 54.

¹⁶⁰ *Ibidem*, 72.

¹⁶¹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, (*Gaudium et Spes*), 4, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1972.

tolerante para com as diferenças culturais, inclusiva, que olha para a diversidade cultural como uma vantagem e não como uma limitação.

1.2. A globalização, a migração e a aldeia global

A globalização, a migração e a aldeia global são elementos fundamentais da sociedade contemporânea. São o que caracteriza a nossa sociedade e o nosso tempo. Embora sejam tratadas em ciências como a sociologia, a economia, a política e o direito, a teologia não deve ficar indiferente a essas realidades porque elas afetam também a Igreja. Têm implicações na proclamação, no testemunho, na vivência da fé cristã, dado que integram o contexto em que a Igreja se encontra inserida. Nesta secção, falaremos da globalização, das migrações em massa e do mundo como aldeia global. Referiremos como estas três realidades afetam a Igreja numa idade pluralista.

«A globalização, no primeiro e mais amplo sentido, é melhor definida como “a cristalização do mundo inteiro como um único lugar” (Robertson, 1987a: 38) e o surgimento de uma “condição humana global”»¹⁶². A globalização afeta todo o planeta e todos os seus habitantes. Cria uma nova forma de relacionamento entre os países. «O termo *globalização* deveria ser utilizado para nos referirmos a um conjunto de processos sociais que se pensa transformarem a nossa condição social presente numa condição de globalidade. Na sua essência, então, a globalização é a alteração das formas de contacto humano»¹⁶³. A globalização causa um grande impacto em todos os aspetos da vida do homem.

«O impacto da globalização, nos últimos anos, acelerou todas as dimensões da história»¹⁶⁴. Ela começou como um processo de integração económica. Mas, com o correr do tempo, penetrou as outras dimensões da vida humana; social, política, cultural e religiosa. A globalização é um fenómeno que está bem integrado nas atividades do homem na sociedade. Mudou o modo de vida, os relacionamentos, pensamentos e valores das pessoas na sociedade contemporânea.

¹⁶² J. P. ARNASON, «Nationalism, Globalization and Modernity», in M. FEATHERSTONE, (ed.), *Global culture: nationalism, globalization and modernity*, SAGE Publications Inc., London, 1996, 220.

¹⁶³ M. B. STEGER, *A globalização: compreender*, A. TANQUE; H. SERRANO, (trad.), Quasi Edições, Vila Nova de Famalicão, 2006, 17.

¹⁶⁴ A. SIDEKUM, «The trace of the other: globalization and alterity», in J. HOGAN, (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. II: global ethics and religious pluralism*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington D. C., 2005, 337.

«A globalização, como conceito, refere-se tanto à compreensão do mundo como à intensificação da consciência do mundo como um todo»¹⁶⁵. A globalização é o processo de integração de todos os países num só mundo. O nosso mundo tem que ser visto na sua globalidade. Antigamente, o mundo era visto como fragmentado. Dividíamos o mundo em continentes, países, regiões, províncias e outras realidades. E cada um vivia no seu contexto. O que acontecia na Ásia afetava só os asiáticos, o que acontecia na África afetava só os africanos; a mesma lógica se aplicava à Europa, à América e à Oceânia. As fronteiras e barreiras que separavam os povos eram grandes; limitavam o nosso conhecimento da vida de quem estava noutras partes do globo. Era impossível pensar na globalidade do mundo, porque os nossos conhecimentos eram limitados e parciais.

Com a globalização, o nosso olhar sobre o mundo mudou. As fronteiras ainda existem, mas já não nos limitam para conhecer o mundo dos outros. «Os limites culturais, que uma vez foram preservados pela geografia, agora são esbatidos pelas modernas comunicações e transportes que fazem das interações instantâneas com pessoas em todo o mundo uma realidade quotidiana»¹⁶⁶. As fronteiras dos países ainda se mantêm. No entanto, já descobrimos maneiras e meios para superar as barreiras que nos limitavam. A globalização foi causa do avanço da tecnologia e da comunicação. Hoje em dia, com a tecnologia e a comunicação, podemos saber o que acontece em todo o mundo. O que acontece na Ásia já não afeta apenas os asiáticos, mas todo o mundo. Atualmente, tudo o que acontece no mundo, seja onde for, diz respeito a todos nós. Isto, porque nos sentimos integrados na vida e nas atividades de cada um.

Outro fruto da globalização é, sem dúvida, a intensificação do encontro e interação entre as diferentes culturas e povos. O esbatimento de fronteiras deu luz verde aos povos para se movimentarem de um lugar para o outro. A experiência e a consciência da globalidade do mundo fizeram deste um espaço comum para todos. A sociedade global é necessariamente plural. A sociedade que pensa o mundo como um todo também se abre à diversidade dos povos e culturas. «A globalização é (pelo menos, em princípio e muito provavelmente de facto) coerente com o pluralismo. Na verdade, pode-se argumentar que o relato anterior da globalização implica que, para ser verdadeiramente global, deve ser pluralista»¹⁶⁷. Portanto, podemos dizer que a globalização é uma componente essencial da abertura da sociedade contemporânea à pluralidade dos povos e culturas.

¹⁶⁵ M. B. STEGER, *A globalização*, 19.

¹⁶⁶ R. R. GAILLARDETZ, *Ecclesiology for a global Church*, 75.

¹⁶⁷ W. SWEET, «Globalization, philosophy and the model of ecumenism», in J. HOGAN, (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. II: Global ethics and religious pluralism*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington, 2005, 425.

A globalização originou um outro fenómeno próprio da sociedade contemporânea que são as migrações em massa. «As migrações são um dos fenómenos sociais mais impactantes da globalização»¹⁶⁸. Na intensificação da consciência do mundo como um todo, é preciso dissipar as fronteiras que separam as nações. Para ser verdadeiramente global, impõe-se ver o mundo como uma casa de todos. A globalização intensificou os movimentos migratórios em massa. Uma parte da população humana move-se de um lugar para o outro a cada momento. O homem contemporâneo já não teme sair da sua própria terra para viver noutra. A tecnologia, a comunicação e os meios de transporte são fatores que ligam os países todos os dias. Concorrem para o movimento dos homens de um ponto para o outro com maior facilidade.

«Embora a migração, às vezes, seja considerada um derivado da globalização e um aspeto da vida particular no final do século XX e início do século XXI, a realidade é bastante diferente. A migração tem sido uma característica regular da vida humana e animal desde o início dos tempos»¹⁶⁹. Para a ciência, o ato de migrar é natural. Há espécies de aves, peixes e mamíferos que migram em grupo para sobreviver. Na história humana podemos ver também homens em grupo, tribos e civilizações que migraram por motivos de sobrevivência. A migração não é uma novidade do século atual. No entanto, as migrações atuais são mais intensas e complexas do que as dos tempos antigos.

«Hoje, os movimentos populacionais globais são tão mundiais, frequentes e imensos que o nosso tempo tem sido chamado “a era da migração”»¹⁷⁰. Ainda que a migração já se fizesse nos tempos antigos, ela é atualmente bastante diferente. As migrações atuais são consequência de uma mentalidade globalizante. O mundo que vive o fenómeno da globalização faz com que os seus habitantes se movam em todas as direções. Élio Estanislau Gasda descreve os movimentos migratórios da sociedade contemporânea como «idas e vindas em todas as direções»¹⁷¹. Hoje em dia, as pessoas migram por vários e complexos motivos.

A realização do mundo como um todo criou uma consciência intensa de que ele é para todos. Assim, um filipino sente que tem direito a viver e a ter um lugar em Portugal. O mesmo caso para um português: sente-se no direito de viver nos Estados Unidos da América. Parece que todo o mundo está a viver a filosofia de Sócrates que dizia: «não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo». A globalização promove a atitude de ver o mundo na

¹⁶⁸ E. E. GASDA, «Globalização e migração: implicações ético-teológicas», in *Perspectiva Teológica* 41, nº 114 (2004), 193.

¹⁶⁹ M. N. CRAITH, *Narratives of place, belonging and language: an intercultural perspective*, Palgrave Macmillan, Hampshire, 2012, 1.

¹⁷⁰ P. PHAN, «Deus migrator – God the migrant: migration of theology and theology of migration», in *Theological studies* 77, nº 4, (2016), 846.

¹⁷¹ E. E. GASDA, «Globalização e migração», 197.

sua totalidade, como um espaço natural de povos e culturas. Com a globalização, os movimentos migratórios são caminhos para termos uma consciência mais clara da pluralidade cultural. Eles oferecem contactos entre diferentes povos e culturas. As pessoas migram e não deixam as suas identidades e costumes das terras de origem; levam-nas consigo para as terras de destino. Nisto, pode haver encontro e interação entre as diferentes culturas de migrantes e de povos que os acolhem.

«As migrações, voluntárias ou forçadas, multiplicam as ocasiões de intercâmbio entre pessoas de diferentes culturas, religiões, raças e povos»¹⁷². As migrações são componentes do progresso do pluralismo. Nos encontros de culturas, as pessoas ganham maior conhecimento da diferença entre elas. Pelas migrações, os migrantes dão um contributo na descoberta da pluralidade de povos e culturas. A presença deles, em todos os lados do mundo, ajuda a sociedade a abrir-se à diversidade cultural. As sociedades que acolhem migrantes mostram abertura à pluralidade cultural. Neste caso, realizamos o conceito pluralista que nos diz que as diferentes culturas e raças podem viver juntas e pacificamente na mesma sociedade.

A globalização e a migração são fenómenos interligados. Complementam-se e contribuem para o desenvolvimento do conceito de aldeia global. «Atualmente, o mundo é uma “Aldeia Global”»¹⁷³. O conceito de aldeia global foi introduzido por Herbert Marshall McLuhan. «A velocidade do movimento da informação na aldeia global significa que toda a ação ou evento humano envolve todos os da aldeia nas consequências de cada evento. A nova configuração humana, em termos da aldeia global concentrada, deve ter em conta o novo fator de envolvimento total de cada um de nós nas vidas e ações de todos»¹⁷⁴. O avanço da comunicação acelerou muito a disseminação das informações, ao ponto de transformar o mundo numa aldeia única onde todos conhecem as atividades dos outros. Os acontecimentos em qualquer parte do mundo são espalhados pela televisão, rádio e internet de forma célere. Joseph Isidore Fernando diz: «o mundo reduziu-se a uma casa global»¹⁷⁵. O mundo tornou-se numa casa e toda a humanidade numa só família.

O termo ‘aldeia global’ começou como um conceito no campo da comunicação, mas, depois, os outros campos de estudo adotaram-no e aprofundaram-no. Isto, porque a transformação do mundo numa aldeia global já não se sente apenas na área da comunicação, mas em todas as atividades da sociedade. «O facto de que “todo o planeta está sendo reduzido

¹⁷² JOÃO PAULO PP. II, *Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião do dia mundial dos migrantes e dos refugiados 2000*, in AAS (21 de novembro de 1999), nº 1.

¹⁷³ S. FOTIOU, «Diversity and unity: the vision of christian education in an age of globalization», in *The Greek Orthodox Theological Review* 49, nº 3-4 (2004), 269.

¹⁷⁴ M. MCLUHAN, *Counterblast*, Harcourt, Brace & World, Inc., New York, 1969, 41.

¹⁷⁵ J. I. FERNANDO, «Globalization with a human face», 179.

[...], implodindo para a experiência de uma aldeia, onde todos conhecem o que se passa com cada um”, é um efeito da velocidade»¹⁷⁶. A estabilização do mundo afeta todas as atividades do homem: social, política, económica, cultural e religiosa. Isto muda o relacionamento entre as pessoas, quando estas se sentem, cada vez mais, como concidadãos da aldeia global.

Para a sociologia e para a teologia, o conceito ‘aldeia global’ pode ajudar a compreender o conceito de pluralidade e da diversidade cultural. Na aldeia, todos se consideram como concidadãos e vizinhos. Com esta perspectiva, podemos responder melhor à pluralidade e à diversidade de culturas. A tolerância e a diferença são mais fáceis de compreender quando as pessoas têm algo em comum: a cidadania e a pertença a uma só sociedade, numa só aldeia, a aldeia global. «As novas gerações progridem na convicção de que o planeta já é uma “aldeia global”, tecendo relações de amizade que superam as diversidades da língua ou da cultura. Viver em conjunto torna-se para muitos uma realidade quotidiana»¹⁷⁷. Como todos nós somos concidadãos desta aldeia global, praticamos a boa cidadania para com todos. Isto é respeitar o outro, a sua identidade, os seus direitos, os seus pontos-de-vista, os seus costumes, etc. Na convivência da aldeia global, todos vivemos num mundo mais inclusivo e integrante. O mundo tornou-se uma aldeia global e todos vivemos juntos nela. Como diz uma publicidade de MCI telecomunicações: «Vai deixar de existir o “lá”. Estaremos todos aqui»¹⁷⁸. Estamos e vivemos todos juntos na aldeia global.

A globalização, a migração e a aldeia global são fenómenos da sociedade contemporânea que ajudam na formação gradual da consciência e apreciação da pluralidade de povos e culturas no mundo. Atualmente, as pessoas são mais abertas à pluralidade dos povos e culturas. A sociedade contemporânea pluralista promove o encontro e a convivência entre os diversos povos e culturas; isso enriquece a nossa sociedade favorecendo uma unidade na diversidade. No pluralismo, o convite não é só apreciar a cultura do outro, mas também fortalecer o conhecimento e a apreciação da cultura de cada um. «Assim, conhecer alguém de uma tradição diferente com história diferente permite olhar com olhos frescos para a própria tradição»¹⁷⁹. Ao aceitar e abraçar uma nova cultura não quer dizer que se vai deixar a própria cultura. Pelo contrário, apreciar a beleza da cultura dos outros é apreciar também a beleza da sua própria cultura.

¹⁷⁶ J. MARCHESSAULT, *Marshall McLuhan: cosmic media*, SAGE Publications, London, 2005, 218.

¹⁷⁷ JOÃO PAULO PP. II, *Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião do dia mundial dos migrantes e dos refugiados 2000*, nº 3.

¹⁷⁸ M. WATERS, *Globalização*, M. COSTA; A. B. ROCHA, (trad.), Celta Editora, Oeiras, 1999, 119.

¹⁷⁹ G. F. MCLEAN, «Culture, pluralism and globalization», in J. HOGAN, (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. I: cultural pluralism and democratic freedom*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington, 2005, 74.

Contudo, a globalização, a migração e a aldeia global levam-nos a uma maior apreciação da nossa diversidade cultural. São processos que nos ajudam a ver o mundo numa perspetiva mais global, integrante e inclusiva. Estes processos são os veículos que nos levam ao enriquecimento e desenvolvimento da nossa sociedade. Eles melhoram os relacionamentos e criam laços entre os diversos povos e culturas. «A experiência de viver numa sociedade multicultural significa o descobrimento do pluralismo dentro do que se supunha ser um bloco compacto e homogéneo»¹⁸⁰. A sociedade multicultural e plural descobre a riqueza da diversidade e pluralidade da humanidade. As diferenças raciais e culturais não são problemas nem obstáculos para se chegar a uma relação entre os diferentes povos e culturas.

1.3. A Igreja e as culturas

A pluralidade cultural da sociedade contemporânea é evidente e inegável. «Hoje a diversidade é um facto da nossa existência global e veio para ficar»¹⁸¹. A globalização, a migração e a aldeia global têm intensificado a consciência pluralista da nossa sociedade. Todos os fenómenos mencionados anteriormente afetam diretamente o aspeto religioso da vida do homem na sociedade. As religiões enfrentam o desafio da sociedade contemporânea pluralista. Assim, nasceu o movimento do diálogo inter-religioso e também intercultural como resposta das diferentes religiões à realidade pluralista da sociedade contemporânea.

Uma das primeiras religiões que se abriu ao diálogo inter-religioso e intercultural foi o cristianismo. O Concílio Vaticano II incorporou em todos os seus documentos o diálogo com o mundo. Segundo Gerard Mannion: «a herança duradoura do Vaticano II [...] é o seu compromisso inabalável com o *diálogo* no seio da família humana»¹⁸². A Igreja, como está no mundo, deve dialogar com a sociedade e conviver com ela. A Igreja não se separa do mundo, mas vive no mundo.

Agora, referiremos a relação da Igreja com as diversas culturas no mundo e como é que ela responde à pluralidade de povos e culturas. Como manter a sua catolicidade sem prejudicar a diversidade cultural dos seus membros? A Igreja, enquanto está no mundo, está sempre dentro de um contexto cultural. A cultura faz parte da natureza humana. A Igreja, para ser verdadeiramente humana, precisa de se inserir na cultura. «O cristianismo sempre foi

¹⁸⁰ D. INNERARITY, *O novo espaço público*, 173-174.

¹⁸¹ J. P. KIRBY, «Meeting the challenge of diversity», 124.

¹⁸² G. MANNION, *Ecclesiology and postmodernity: questions for the Church in our times*, Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 2007, 110.

encarnado numa cultura particular, mas não isolado ou excluído de qualquer uma. Ele continua comunicável em todas as culturas»¹⁸³. No percurso da evangelização, a fé cristã entra na cultura do povo que a aceita. Neste processo, a fé cristã não destrói a cultura do povo, mas dialoga com ela. Assim como Jesus se fez carne e assumiu a nossa humanidade, a fé cristã encarna nas diferentes culturas. «O exemplo de Jesus é fundamental para a contextualização, e a Encarnação de Jesus serve como um paradigma chave para uma teologia e missão contextualizada»¹⁸⁴. A fé cristã deve ser profundamente encarnada na cultura do povo para que possa evangelizar toda a vida do cristão. A este processo chama-se inculturação.

A inculturação é a contextualização da fé cristã numa determinada cultura. A fé cristã, uma vez recebida por um povo, entra, penetra e dialoga com a cultura própria desse povo. Com a inculturação, a fé cristã é traduzida na língua e na cultura desse povo. Assim, o povo pode sentir que a fé cristã não é uma coisa estranha. Importa que todos os povos sintam que a fé cristã também é deles. A Igreja quer que as igrejas locais expressem a sua fé nas suas próprias culturas. No processo da evangelização, a Igreja não olha para a cultura humana como uma coisa má, mas como uma terra fértil onde a fé cristã possa ser plantada, crescer e frutificar. «A Igreja lembra a todos que a cultura deve orientar-se para a perfeição integral da pessoa humana, para o bem da comunidade e de toda a sociedade»¹⁸⁵. A cultura tem que ser evangelizada e não destruída.

«A Igreja e a cultura estão interligadas, não separadas. O Reino de Deus inclui ambas, transcendendo ambas»¹⁸⁶. A Igreja e a cultura estão num processo contínuo de diálogo. Caminham juntas para se santificarem juntas. Na história da Igreja, vemos como esta abraça as culturas particulares. Desde o início da evangelização cristã, as testemunhas e missionários de Jesus sabiam da importância da cultura na evangelização. A cultura não é inimiga do evangelho, mas uma possibilidade para a santificação dos homens.

«A Igreja não está exclusiva e indissolavelmente ligada a nenhuma raça ou nação, a nenhum género de vida particular, a nenhuma tradição, antiga ou moderna»¹⁸⁷. Desde que começou a ação missionária da Igreja fora de Jerusalém e do Judaísmo, a Igreja viajou e inseriu-se em diferentes nações, povos e culturas. A missão da Igreja não se destina apenas a um povo, a uma raça ou a uma nação, mas a todos os povos, raças e nações. A Igreja, em toda a sua

¹⁸³ T. H. SANKS, *Salt, leaven and light: the community called Church*, The Crossroad Publishing Company, New York, 1992, 203.

¹⁸⁴ T. MANJALY, «Cultural contextualization of the gospel in Paul», in *Verbum SVD* 50, fasc. 2 (2009), 228.

¹⁸⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 59.

¹⁸⁶ P. TILLICH, *Theology of cultures*, Oxford University Press, London, 1964, 51.

¹⁸⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 58.

história, esteve sempre determinada a cruzar fronteiras entre diferentes povos e culturas. A Igreja está sempre aberta e pronta para abraçar a grande diversidade de povos e culturas, porque todos os povos e culturas são destinatários da salvação de Deus. À partida, nenhuma raça, nação e cultura está fora do plano da salvação de Deus. Por isso, não há motivo para a Igreja excluir qualquer raça, nação e cultura.

2. A pluralidade no âmago da Igreja

A pluralidade cultural é uma marca permanente da Igreja. Desde o início, a Igreja teve o seu aspeto plural e global. A sua mensagem de salvação em Jesus Cristo não se destina apenas a um determinado povo, mas a todos os povos da terra. A Igreja é uma comunidade de diversos povos unidos em Jesus Cristo. A Igreja nunca fechou a sua porta à pluralidade e diversidade de povos e culturas. De facto, sempre quis que a mensagem da salvação dada por Jesus Cristo, seu fundador e Senhor, chegasse até aos confins da terra. Todos os povos são chamados a fazer parte do reino de Deus. «Ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados»¹⁸⁸. O projeto salvífico de Deus é inclusivo.

A pluralidade está no âmago da Igreja. Faz parte da identidade da Igreja como Povo de Deus que caminha para a realização do Reino de Deus. Na secção seguinte, falaremos de alguns fundamentos da pluralidade cultural da Igreja. A unidade e a catolicidade da Igreja são marcas que nos apontam para a sua especificidade. Para que a Igreja seja verdadeiramente una e católica, é preciso que ela seja plural. «Na vida da Igreja, o pluralismo tem a sua base na catolicidade. O seu carácter universal é traduzido na capacidade do único Evangelho de Cristo para reunir as pessoas de todos os tempos e culturas»¹⁸⁹.

2.1. Ide por todo o mundo

O primeiro fundamento da pluralidade cultural da Igreja encontra-se no mandato missionário de Jesus aos Apóstolos de irem pelo mundo inteiro a anunciar o Evangelho a todos os povos (*Mc* 16, 15; *Mt* 28, 19, *Act* 1, 8). Este mandato dado aos Doze não tem em vista uma

¹⁸⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 13.

¹⁸⁹ J. RICO-PAVÉS, «Pluralismo», in C. IZQUIERDO; J. BURGGRAF; F. M. AROCENA, (eds.), *Diccionario de Teología*, 2ª edición, Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Pamplona, 2007, 831.

só raça ou um só povo, mas toda a humanidade. «A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser “sacramento universal de salvação”, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens»¹⁹⁰. Jesus Cristo, enviado pelo Pai, manda, por sua vez, os seus discípulos para todo o mundo. Isto, porque a salvação de Deus é oferecida a todos os povos, raças e culturas. A missão da Igreja de evangelizar toda a humanidade é, por natureza, globalizante. O mandato missionário de batizar todos e de reunir toda a humanidade como um só povo de Deus é globalizante. O cristianismo é o primeiro movimento globalizante. Por isso, a Igreja tem ido a todas as partes do mundo a evangelizar povos e culturas. A presença cristã em todas as partes do mundo não nos deve surpreender.

No Antigo Testamento, Deus escolheu e estabeleceu a sua Aliança com o povo de Israel. «Tomar-vos-ei para mim como povo e Eu serei para vós Deus, e reconheceréis que Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos fiz sair do peso dos carregamentos do Egipto» (*Ex 6, 7*). A antiga Aliança feita por Deus foi só com um povo. Deus revelou-se ao seu único povo e acompanhou-o sempre como o seu povo escolhido. Os outros povos eram vistos como inimigos e desavindos. A antiga Aliança era exclusivamente entre Deus e Israel. No Antigo Testamento, Deus era só Deus de Israel e Israel era o único povo de Deus. Deus protegia e defendia o seu povo contra os outros povos.

No Novo Testamento, Deus estabeleceu uma nova Aliança. Esta é mais aberta, inclusiva e abrangente do que a antiga. A nova Aliança entre Deus e o seu novo povo, feita por Jesus Cristo, abre-se a todos os povos. Deus já não é apenas o Deus de Israel, mas de todos os que se abrem e recebem o seu Filho Jesus. Os outros povos já não são tratados como inimigos, mas como amigos. Toda a humanidade é englobada no plano salvífico. Todos os homens, independentemente da raça ou cultura a que pertençam, podem ser cristãos. O novo Povo de Deus já não é exclusivo, mas inclusivo. A nova Aliança de Deus com a humanidade ultrapassa as fronteiras e as diferenças culturais. Deus quer que todos se salvem. A Igreja é o sacramento deste plano de Deus, ao reunir todos os homens dispersos num só povo. «Precisamente como um sacramento universal de salvação, a Igreja deve oferecer a sua mensagem salvadora a todos os povos e culturas»¹⁹¹.

Jesus encarregou os Doze da missão de evangelizar todos os povos. Esta missão visa toda a humanidade, na sua diversidade cultural. A Igreja não evangeliza só as pessoas, mas

¹⁹⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Ad Gentes*, 1.

¹⁹¹ W. MCCONVILLE, «Mission», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 665.

também as diferentes culturas. Esta evangelização implica inculturação. O Evangelho e a fé cristã inserem-se nas diferentes culturas. Isto cria na Igreja um olhar positivo para a pluralidade cultural. Pela evangelização inculturada, a Igreja insere-se em qualquer lugar e cultura. Aí, a fé é vivida num contexto particular e cultural. A Igreja permite que cada povo exprima e viva a fé, sem prejudicar a sua universalidade.

«Continua sempre o mandato do Senhor de reunir os povos na unidade do seu amor»¹⁹². A orientação missionária da Igreja é partir ao encontro de todos. Que todos ouçam e recebam o Evangelho. A Igreja não nasceu para si própria, mas para os outros. Jesus fundou a Igreja para que haja quem testemunhe e anuncie a todos o Evangelho. Para que, dessa forma, todos os povos e culturas participem na construção do Reino de Deus.

A primeira evangelização da Igreja encontra-se no livro dos Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas. Nos Atos dos Apóstolos, vemos o percurso da Igreja de Jerusalém até Roma. Os Apóstolos, pela sua presença e inspiração do Espírito Santo, conseguiram evangelizar gregos e romanos e, de seguida, muitos outros povos. «O tema central dos Atos é a realização da Igreja como comunidade missionária, confiante que o Evangelho acolhe todos os povos e culturas»¹⁹³. Desde então, a Igreja, em virtude deste mandato missionário, tem sido mais dinâmica e aberta às diferentes culturas.

A missão de São Paulo concretizou-se no anúncio do Evangelho a todos os povos. Através dele, a fé cristã chega a diferentes comunidades do império romano. Na Igreja antiga, sentiu-se também uma certa tensão entre diferentes povos e culturas, mormente entre judeus e pagãos. O primeiro Concílio da Igreja em Jerusalém deveu-se à tensão crescente entre diversos grupos culturais no cristianismo. Ali se acentuou que a unidade não reside nas práticas culturais, mas na fé em Nosso Senhor. Assim, a Igreja permaneceu firme em abraçar a diversidade cultural. Ela sabia que a sua unidade não era uniformidade; era unidade diferenciada.

A fé única é vivida na diversidade da expressão cultural. Assim, a fé única torna-se mais rica porque é vivida em diversas maneiras e expressões. O mandato de Jesus aos seus discípulos para levar o Evangelho até aos confins da terra abraça a pluralidade de povos e culturas. Cumprindo este mandato, a Igreja consegue levar o Evangelho a muitos povos e a fé é encarnada em diversas culturas. A Igreja cresceu em todo o mundo e o cristianismo abraçou a diversidade de culturas. A Igreja assegura que, ao manter a sua unidade e catolicidade, não exclui o respeito pela diferença cultural dos seus membros. Ir pelo mundo e batizar todos os

¹⁹² BENTO XVI, *Os doze apóstolos: e os primeiros discípulos de Jesus*, Paulus Editora, Lisboa, 2008, 39.

¹⁹³ R. R. GAILLARDEZ, *Ecclesiology for a global Church*, 36-37.

povos em nome de Deus constitui um mandato que leva a Igreja a abraçar e a englobar a pluralidade de povos e culturas numa só fé e no Senhor Jesus.

2.2. O dia de Pentecostes

O Pentecostes é um acontecimento decisivo para a Igreja. Sem o Pentecostes, a mensagem da salvação não sairia daquela sala de cima, onde os discípulos de Jesus se escondiam por medo do mundo de fora. Graças à descida do Espírito Santo, os primeiros discípulos saíram e proclamaram o Evangelho em diferentes direções. Esse momento é considerado como o nascimento da Igreja. «O dom do Espírito, ao vir completar o dom de Jesus aos seus, é esse acto do nascimento público da Igreja»¹⁹⁴. A Igreja nasceu no meio da multiculturalidade, pluralidade e diversidade de povos e culturas. Nisto, o Pentecostes incorpora a verdadeira identidade da Igreja que é a comunidade unificante de toda a humanidade: multicultural, plural e diversa.

O Pentecostes é considerado como o nascimento público da Igreja. A imagem da comunidade de Pentecostes é definitiva para a identidade da Igreja. «Desde o primeiro Pentecostes, existe na Igreja uma pluralidade de povos e línguas (cf. *Atos 2*, 1-13), e de carismas, mas também de um único Espírito»¹⁹⁵. No Pentecostes, a pluralidade e a diversidade culturais já fazem parte do seu ser, como comunidade fundada no alicerce da Trindade, que foi revelada completamente com a vinda do Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho. A pluralidade e a diversidade culturais estão no âmago da Igreja. Esta é uma comunidade que vive em unidade, na diversidade. Tal como o Deus Trindade, a Igreja vive uma comunhão de diversas pessoas. Quando Deus se revelou como Trindade, também nos manifestou que queria que a Igreja fosse o seu sacramento no mundo, até à realização do seu Reino.

A pluralidade cultural da Igreja é assinalada no momento em que os Apóstolos falam das maravilhas feitas por Jesus Cristo em diversas línguas. Os povos de diferentes regiões compreenderam o que os Apóstolos disseram nas suas próprias línguas. Os discípulos, depois da descida do Espírito Santo, receberam o dom de falarem e transmitirem a mensagem salvífica em diversas línguas. A mensagem de Deus, da qual a Igreja é portadora, não está presa a uma só língua e cultura. A riqueza da fé cristã supera os limites linguísticos e culturais do mundo. Expressar a fé cristã em diversas línguas foi possível no dia de Pentecostes. Por isso, a

¹⁹⁴ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé em terceiro milénio*, 518

¹⁹⁵ W. KASPER, *La Iglesia de Jesucristo*, 55.

pluralidade cultural e linguística não é um obstáculo para o anúncio e testemunho da fé, porque desde o Pentecostes a Igreja recebeu o dom de falar e de se fazer compreender nas diversas línguas e culturas. «Este novo discurso é para continuar como uma linguagem constante da Igreja, pois os apóstolos apenas começaram a falar»¹⁹⁶. Falar da fé em diversas línguas é um dom constante do Espírito Santo à Igreja, que tem a missão de levar o Evangelho a todos os povos. Jesus enviou os discípulos a todos os povos e o Espírito Santo capacitou-os para cumprirem a missão de reunir todos num só povo de Deus.

Desde o dia de Pentecostes, a Igreja abre a sua porta indo ao encontro de outros povos, falando com eles nas suas próprias línguas. «Antes do Pentecostes segundo os Actos dos Apóstolos, a comunidade dos discípulos é ainda uma Igreja fechada sobre si mesma que não sai à luz do dia. Daqui em diante tudo muda. As portas abrem-se e Pedro sai ao encontro da multidão para transmitir o que acaba de acontecer»¹⁹⁷. O Pentecostes indica à Igreja que ela não nasceu para si própria, mas para ir ter com os outros, comunicar-lhes a mensagem de Cristo, na língua e no contexto em que possam compreender. A Igreja, desde o seu início, não olha a pluralidade e diversidade de povos e culturas como um obstáculo. A pluralidade faz parte da Igreja.

«À Igreja pertencem muitas línguas, isto é, muitas culturas que na fé se compreendem e se fecundam mutuamente»¹⁹⁸. A diversidade de línguas e culturas na Igreja é um aspeto importante da sua catolicidade. A Igreja torna-se uma comunidade visível onde os diversos povos, nações, línguas e culturas se unem numa só fé. Embora existam diversas línguas e culturas em que a fé é expressa, a fé é única e a Igreja é una. As diversas línguas e culturas na Igreja provam a universalidade da fé cristã. Numa Igreja de diversas línguas e culturas, os povos encontram pontes que os ligam. Os povos têm motivo para dialogar porque têm algo em comum: a fé cristã. «Sem a fé, não há Igreja, nem religião católica, nem laços divinos entre diferentes culturas, nações, atributos sociais, grupos etários, sexos e géneros»¹⁹⁹. Pela fé cristã, superamos as nossas diferenças culturais e linguísticas. A Igreja que acolhe todos os povos faz com que cada cultura acolha as outras. Deus, pela Igreja, unifica os povos espalhados por toda a terra.

Normalmente, os teólogos ligam o dia de Pentecostes ao episódio da Torre de Babel, como se ele fosse a cura para a confusão de línguas e culturas que se verifica nesta. Propõem-

¹⁹⁶ R. B. RACKHAM, *The Acts of the Apostles: an exposition*, Multhuen & Co. Ltd., London, 1951, 19.

¹⁹⁷ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé em terceiro milénio*, 518.

¹⁹⁸ J. RATZINGER, *Questões sobre a Igreja*, 28

¹⁹⁹ T. SÖDING, «Testimony of faith: theological orientation according to the New Testament», in *Revista Española de Teología* 75, n° 3 (2015), 451.

no como a passagem da confusão de línguas à compreensão das línguas. Até à construção da Torre de Babel, os habitantes do mundo falavam uma só língua, mas, como castigo, deixaram de se compreender e foram dispersos pelo mundo. No Pentecostes, os discípulos, ao falarem em diversas línguas, foram compreendidos por todos. No Pentecostes, «a união dos povos numa catolicidade de fé foi esboçada de antemão na Igreja da nova Aliança, a qual fala em todas as línguas e entende e abraça todas as línguas na sua caridade, superando assim a dispersão de Babel»²⁰⁰. O Concílio Vaticano II também afirmou que há uma ligação entre estes dois acontecimentos. Desde o Pentecostes, «a voz do Espírito é inteligível para todas as nações debaixo do céu [...]. A sua presença reúne-as e, mais uma vez, fará que haja em “toda a terra uma só língua e uma só fala”»²⁰¹. A Igreja que nasce no dia de Pentecostes é a comunidade onde vai começar a reunião dos povos dispersos e confundidos por línguas e culturas.

Mas outros dizem que o Pentecostes não é, necessariamente, o reverso da Torre de Babel. Com a Torre de Babel, Deus confundiu a única linguagem de Babel e dispersou os seus habitantes por toda a terra. Desde então, deram-se divisões entre os povos, porque já não se compreendiam entre si. No Pentecostes, a pluralidade e a diversidade das línguas e culturas não desapareceram. O Espírito Santo não tirou a diversidade de línguas, mas simplesmente capacitou a Igreja para falar e ser compreendida no meio da pluralidade dessas línguas e culturas. «Não há provas concretas de que Lucas quisesse que Theophilus pensasse no Pentecostes como o contrário da Torre de Babel, [...] porque o Espírito não elimina a diferença de línguas, mas sim permite que cada um ouça em línguas diferentes»²⁰².

Mas podemos ver estes dois acontecimentos como um plano divino de Deus para toda a humanidade. Deus é o autor da pluralidade de povos, raças, línguas e culturas no momento de Babel. No Pentecostes, essa pluralidade e diversidade são celebradas e santificadas pela vinda do Espírito Santo. A pluralidade e diversidade que aparecem como um castigo em Babel, são agora considerados como dons dados à Igreja no Pentecostes. «Só que, enquanto em Babel, o acontecimento é a multiplicação das línguas para que os homens se diferenciem e amorteçam as suas forças, de modo a não atentarem contra a soberania de Deus, em Jerusalém celebra-se a possibilidade de uma comunhão e entendimento»²⁰³. A pluralidade cultural e linguística é uma marca distintiva da Igreja. Na Igreja, o Evangelho não é ouvido apenas numa língua, mas em muitas línguas.

²⁰⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Ad Gentes*, 4.

²⁰¹ R. B. RACKHAM, *The Acts of the Apostles*, 19.

²⁰² B. WITHERINGTON III, *The Acts of the Apostles: a socio-rhetorical commentary*, The Paternoster Press, Carlisle, 1998, 131.

²⁰³ J. T. MENDONÇA, «O Pentecostes», in *Bíblica Série Científica* 3, nº 1 (1995), 60.

A pluralidade cultural e linguística nunca foi motivo de receio; pelo contrário, é motivo de esperança de uma comunhão entre todos os povos e culturas. A pluralidade e a diversidade não nos impedem de sermos um povo reunido que caminha para a realização do reino de Deus. A nossa pluralidade não nos separa uns dos outros, antes leva-nos a uma verdadeira unidade na diversidade. O Pentecostes é um dos momentos que nos mostra que a pluralidade cultural está no âmago da Igreja.

2.3. A Igreja peregrina e migrante

A Igreja que saiu da sala de cima no Pentecostes encontra-se ainda a caminho do seu destino. A Igreja é um povo que está numa constante peregrinação até chegar ao seu destino preparado por Deus, que é o seu Reino. O Espírito Santo foi enviado para guiar esta comunidade na realização do Reino de Deus. Neste caso, a Igreja é peregrina e migrante aqui na terra. «Nesta vida, somos todos estrangeiros, este mundo não é a pátria definitiva para ninguém»²⁰⁴. Como cristãos, a nossa pátria é o Reino de Deus que está em construção até à sua plena realização. A Igreja considera-se como um povo que está sempre a caminho. Ela está num movimento constante.

O aspeto peregrino da Igreja encontra-se logo em Abraão quando Deus o mandou ir para a terra que Ele lhe indicasse. «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar» (*Gn* 12, 1). Desde Abraão até agora, ainda estamos em peregrinação até à terra prometida. O mandato de Jesus para ir até aos confins da terra complementa a identidade peregrina da Igreja. «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (*Mc* 16, 15). Nos Atos dos Apóstolos, foi o Espírito Santo que indicou para onde é que os Apóstolos deviam ir para proclamar o Evangelho (cf. *Act* 13, 2 e *Act* 16, 6-7). Ele é o Paráclito que está sempre ao lado dos Apóstolos e também ao nosso lado para nos guiar para a terra prometida, que é o Reino de Deus. Deus Trindade constantemente nos põe em peregrinação para a pátria que não é deste mundo.

Muitos documentos do Concílio Vaticano II como a *Lumen Gentium*, a *Ad Gentes* e a *Gaudium et Spes* destacam a imagem peregrina da Igreja. A Igreja, que está em constante diálogo com o mundo, tem de recordar sempre que ela também caminha e leva o mundo para a santidade e a perfeição. A Igreja é o sacramento de Deus que está no mundo. É chamada a ser

²⁰⁴ E. E. GASDA, «Globalização e migração», 210.

peregrina nesta terra até à sua consumação no Reino de Deus. «Só a Igreja que está consciente de ser um migrante institucional a caminho do Reino de Deus e cuida de todos os migrantes nesta jornada, realmente pratica a fé, a esperança e o amor»²⁰⁵.

A Igreja está na terra, mas não vive para ficar eternamente aí. Encaminha-se para o futuro que é o Reino de Deus. «Porque o reino de Cristo não é deste mundo (cfr. *Jo* 18, 36), a Igreja, ou seja, o Povo de Deus, ao implantar este reino não subtrai coisa alguma ao bem temporal de nenhum povo, mas, pelo contrário, fomenta e assume as qualidades, as riquezas, os costumes e o modo de ser de povos, na medida em que são bons; e assumindo-os, purifica-os, fortalece-os e eleva-os»²⁰⁶. A Igreja vive para que o Reino de Deus se realize.

Como peregrina, a Igreja também é migrante. Há uma ligação estreita entre a peregrinação e a migração. Ambas indicam um movimento de um lugar de origem para um lugar de destino. A peregrinação tem um sentido religioso enquanto a migração tem sentido mais económico e social. A migração faz parte da identidade da Igreja. «A “migratoriedade” é, portanto, uma marca da Igreja e do cristianismo»²⁰⁷. Um migrante é uma pessoa que sai da sua terra de origem e procura uma vida melhor numa terra estrangeira. São Paulo, na *Carta aos Hebreus* 11, 8-16, explicou o aspeto migrante da Igreja desde a vocação de Abraão. A Igreja sempre caminha e procura uma pátria. «A vocação de Abraão para caminhar do “conhecido” para o “desconhecido” ou para a “terra prometida” significa também a vocação de todos os cristãos, isto é, ser migrante em movimento para uma pátria»²⁰⁸. O contexto migratório está sempre ligado à vida dos cristãos como Povo de Deus a caminho do Reino celeste.

A Igreja como migrante identifica-se com os muitos migrantes do mundo. «A Igreja é, por sua natureza, solidária com o mundo dos migrantes que, com a sua variedade de línguas, raças, culturas e costumes, lhe recordam a sua condição de povo peregrinante em todas as partes da terra, rumo à pátria definitiva»²⁰⁹. Como migrante, a Igreja respeita a diversidade de culturas e povos. Como qualquer migrante, a Igreja move-se e não vive só num ambiente de monocultura. Neste aspeto, a Igreja, por ser peregrina e migrante, tem que se abrir à pluralidade. Por isso, ela deve acolher diversos povos e culturas que também migram com a Igreja. A Igreja não caminha sozinha para o seu destino, mas com todos os povos e culturas que com ela

²⁰⁵ P. PHAN, «Deus migrator – God the migrant», 866.

²⁰⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 13.

²⁰⁷ P. PHAN, «Deus migrator – God the migrant», 845.

²⁰⁸ A. BRAZAL, «Looking backward toward the future: hopes from sending countries», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in the migration context*, Borderless Press, Middletown, 2017, 5.

²⁰⁹ JOÃO PAULO PP. II, *Mensagem do Papa João Paulo II para o 85º dia mundial dos migrantes e dos refugiados*, in ASS (2 de fevereiro de 1999) nº 2.

procuram encontrar a terra prometida. Peter Phan diz: «Extra migrationem nulla ecclesia»²¹⁰. Ou seja: fora da migração não há Igreja.

A Igreja como peregrina e migrante é mais um motivo para se abrir à pluralidade e diversidade de povos e culturas. O Povo de Deus, como migrante e peregrino, encontra outros povos no seu caminho. Nos seus encontros com outras culturas, o Povo de Deus aprende algo dos outros, mas também ensina a outros. A Igreja, na sua peregrinação aqui na terra, dialoga com outros povos e culturas. Na evangelização, ela catequiza a cultura do povo e, ao mesmo tempo, aprende dessa cultura. Assim, a Igreja vive verdadeiramente a sua identidade como peregrina e migrante em direção ao Reino de Deus.

3. Da pluralidade à interculturalidade

Depois de afirmarmos a pluralidade da sociedade contemporânea e também da Igreja, propomos aqui uma mudança de paradigma. O mundo todo já tem uma consciência da sua pluralidade e diversidade cultural. Os fenômenos contemporâneos, como a globalização, a migração e a aldeia global, levaram-nos a uma perspectiva pluralista e global do nosso mundo. Mas parece que a sociedade exige uma nova resposta à nossa pluralidade e diversidade cultural. Atualmente, a sociedade propõe mais do que uma mera consciência pluralista. Neste contexto, entramos num outro processo de integração que é a interculturalidade.

Como é muito recente, «a “interculturalidade” é uma noção que ainda não aparece nos principais dicionários e enciclopédias. Varia de significado de acordo com o autor, a disciplina e o contexto sociocultural em que é tratado»²¹¹. A interculturalidade é um conceito interdisciplinar. Este conceito é falado em diversas áreas: ciência, educação, economia, sociologia, filosofia e teologia. Geralmente, «a interculturalidade é uma estratégia e uma forma inovadora de conviver e coabitar nas sociedades contemporâneas com a diversidade de grupos culturais e étnicos»²¹². A interculturalidade é uma proposta mais integral de como viver a pluralidade e a diversidade cultural na sociedade contemporânea. O prefixo *inter* oferece uma nova atitude e mentalidade em relação à pluralidade cultural da humanidade. «O termo *inter* implica mutualidade e reciprocidade no relacionamento com o outro»²¹³. Com este novo

²¹⁰ P. PHAN, «Deus migrator – God the migrant», 854.

²¹¹ D. DE VALLESCAR, «Interculturalidade e cristianismo» in J. J. TAMAYO, (dir.), *Novo dicionário de teologia*, C. M. TEIXEIRA; A. E. FELTRIN; M. GONÇALVES, (trad.), Paulus, São Paulo, 2009, 284.

²¹² E. R. VILAR, «Portugal e o mundo: um desígnio intercultural? A interculturalidade na Europa e o papel das organizações da sociedade civil», in *Povos e culturas: Portugal intercultural 13* (2009), 52.

²¹³ *Ibidem*.

conceito, estamos a dar, mais uma vez, um salto, porque a interculturalidade propõe um novo processo, mais ousado do que o do pluralismo.

«O pluralismo não é apenas um fim em si mesmo»²¹⁴. Atualmente, a sociedade não promove apenas a abertura e a simples tolerância das diferenças culturais. Agora que o mundo já se abriu à pluralidade e aprendeu a tolerar as diferenças culturais, procuramos uma nova maneira de viver a nossa pluralidade. A abertura e a tolerância são apenas passos preparatórios para a próxima etapa que é a interculturalidade. Com a convivência intercultural alimentada pelo respeito mútuo e diálogo podemos aproveitar melhor a nossa pluralidade e diversidade. A interculturalidade exige atitudes de hospitalidade, diálogo, respeito e amor.

3.1. A hospitalidade para o outro

A hospitalidade é uma atitude indispensável da interculturalidade. A hospitalidade ao outro não é estranha para nós cristãos. Isto, porque ela é um imperativo do cristianismo. Na Sagrada Escritura, acolher o estrangeiro, o diferente, o outro é um constante chamamento de Deus. «Se um estrangeiro vier residir contigo na tua terra, não o oprimirás. O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes estrangeiros na terra do Egito» (*Lv* 19, 33-34). No Novo Testamento, Jesus Cristo deu-nos o grande exemplo de hospitalidade e também nos convida a sermos acolhedores com os outros. Jesus Cristo acolhe a todos: publicanos, samaritanos e outros grupos condenados e excluídos pela sociedade. E nós, cristãos, como discípulos de Jesus, somos chamados a fazer o mesmo e a praticar a hospitalidade. O Evangelho acolhe todos os povos e culturas. A Igreja, como portadora do Evangelho, deve aprender a acolher todos.

O acolhimento é um processo necessário para a interculturalidade. «Muito mais do que a simples aceitação do “outro” a verdadeira tolerância, uma sociedade intercultural propõe o acolhimento do outro e a transformação de ambos com esse encontro»²¹⁵. O acolhimento envolve o ato de abrimos a nossa casa para o outro, deixar o outro entrar no nosso espaço, aceitá-lo como ele é, e tratá-lo não como estrangeiro, mas como família. Neste processo, os dois passam por um encontro profundo e penetrante. Um verdadeiro encontro e convivência entre diversos povos e culturas acontece quando eles se sentem em casa, no mesmo espaço, e nenhum

²¹⁴ WORLD COMMISSION ON CULTURE AND DEVELOPMENT, *Our Creative Diversity*, 72.

²¹⁵ R. MARQUES, *Uma mesa com lugar para todos: para uma visão humanista da imigração*, Instituto Padre António Vieira, Lisboa, 2005, 128.

é considerado estrangeiro e todos se sentem iguais. O verdadeiro acolhimento acontece quando o outro já não é tratado como estrangeiro. «As fronteiras entre o próprio e o outro, amigo e inimigo, devem ser reestruturadas»²¹⁶. Quando acolhemos uma pessoa em nossa casa, queremos que ela se sinta em casa, como se fosse da família. A interculturalidade propõe o mesmo tipo de hospitalidade. Quando acolhemos uma pessoa de uma cultura distinta queremos que se sinta em casa conosco. Esta hospitalidade não obriga a pessoa acolhida a deixar a sua própria cultura e a adotar a cultura da pessoa que a acolhe. A verdadeira hospitalidade é acolher a pessoa e a sua própria cultura.

O acolhimento é um processo necessário para a interação profunda. Acolhemos os outros para que haja uma interação entre a nossa cultura e a cultura deles. A interação deve colocar ambas as culturas em pé de igualdade, senão uma cultura será dominante da outra. Assim, não há interação. A hospitalidade ajuda as culturas a colocarem-se ao mesmo nível. Cada cultura pode ser fonte de riqueza para os outros. Tem a sua especificidade que pode enriquecer os outros. Só vamos descobrir isso quando entrarmos numa interação saudável.

A hospitalidade possibilita uma interação entre as culturas que pode enriquecê-las. O objetivo da interculturalidade é que as culturas, que se envolvem neste processo, se enriqueçam. «A interculturalidade leva ao enriquecimento mútuo e à transformação mútua das culturas envolvidas no intercâmbio»²¹⁷. A interculturalidade promete uma transformação. Na interação das culturas há uma aprendizagem mútua. Depois, as culturas envolvidas na interação experimentam uma transformação. «À medida que os povos de diferentes línguas e culturas interagem, as línguas e as culturas passam por mudanças inevitáveis»²¹⁸. Nenhuma cultura é perfeita e impecável em si. As culturas devem ser dinâmicas e mutáveis. Todas as culturas estão sujeitas à transformação. «As culturas são vivas e dinâmicas. Estão sempre em processo de mudança»²¹⁹. Pela interculturalidade, as culturas ajudam-se mutuamente a crescer e a enriquecer.

Portanto, acolher o outro não é benéfico apenas para aquele que é acolhido, mas também para aquele que acolhe. A hospitalidade deve ser uma atitude constante em cada povo e cultura. A hospitalidade proporciona condições para que os povos e as culturas interajam, se enriqueçam e se transformem. Para que a sociedade seja verdadeiramente intercultural, todos devem praticar a hospitalidade na base do encontro. O povo que fecha a sua porta aos outros

²¹⁶ A. J. GITTINS, «The challenge of intercultural living: anthropological and theological implications», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural living vol. I*, Allianz Enterprise, Delhi, 2015, 59.

²¹⁷ R. KISALA, «Ethnocentrism and ethnorelativism», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprise, Delhi, 2015, 10.

²¹⁸ R. R. GAILLARDETZ, *Ecclesiology for a global Church*, 72.

²¹⁹ T. H. SANKS, *Salt, leaven and light*, 195.

povos, fecha também a sua porta ao bem que a interculturalidade oferece. Quem não pratica a hospitalidade, não pode beneficiar da beleza, nem dos bens da interculturalidade. A hospitalidade é melhor do que uma mera tolerância das diferenças do pluralismo. «A interculturalidade [...] significa a passagem da mera tolerância das diferenças para uma apreciação dos dons da diversidade na família humana»²²⁰. Para passarmos de uma mera pluralidade e para que haja interculturalidade entre os povos, temos que passar de uma mera tolerância para uma apreciação da nossa diversidade.

«O acolhimento e integração de imigrantes é uma das mais dignas expressões de fraternidade humana que, para além das fronteiras, nos une no essencial»²²¹. O acolhimento e a atenção são caminhos para uma melhor apreciação da nossa interculturalidade. Depois da hospitalidade, que proporciona oportunidades de interação entre diversos povos e culturas, a interculturalidade propõe uma outra atitude indispensável no processo intercultural: o diálogo intercultural.

3. 2. O diálogo intercultural

A atitude do diálogo é fundamental para a missão da Igreja. Não é em vão que ela aparece constantemente em todos os documentos do Concílio Vaticano II. «O diálogo é um elemento essencial da vida da Igreja»²²². Para a Igreja, o diálogo é um processo indispensável na sua missão de evangelizar o mundo todo. «Em virtude da sua missão de iluminar o mundo inteiro com a mensagem de Cristo e de reunir sob um só Espírito todos os homens, de qualquer nação, raça ou cultura, a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero»²²³. O diálogo é um imperativo para a Igreja; é a sua configuração com Deus que a leva a dialogar. A Igreja dialoga com os outros povos e culturas porque Deus também lhe comunicou o seu amor na forma de diálogo. Desde o Génesis, nós temos uma imagem de Deus que dialoga. No jardim do Éden, Deus dialoga com Adão e Eva. Mesmo depois da expulsão da humanidade do paraíso, Deus continuou a dialogar com os homens. Dialogou com Abraão, Moisés, Noé, etc. E o mais perfeito diálogo de Deus com a humanidade vê-se na

²²⁰ R. KISALA, «Ethnocentrism and ethnorelativism», 13.

²²¹ R. MARQUES, *Uma mesa com lugar para todos*, 42.

²²² W. HENN, «Diálogo ecuménico», in *Diccionario teológico enciclopédico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1995, 259.

²²³ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 92.

encarnação do Verbo Divino. Deus Pai, enviou o seu Verbo Divino para viver connosco e nos comunicar o seu plano salvífico.

«E o Verbo fez-se homem e habitou connosco» (*Jo* 1, 14). Para nós, cristãos, este é o maior modelo de diálogo intercultural. Porque Jesus, «que por natureza era Deus, não quis agarrar-se a esse direito de ser igual a Deus. Pelo contrário, privou-se do que era seu e tomou a condição de escravo. Tornando-se igual aos homens» (*Fl* 2, 6-7). A encarnação de Jesus Cristo mostra-nos o que é uma autêntica presença de proximidade. Como Deus, Jesus assumiu a nossa condição e cultura humanas sem deixar de ser Deus. Neste diálogo, Deus entrou na nossa humanidade. Por isso, a humanidade experimentou dialogar com Deus como um de nós. Trata-se de uma referência dialogante.

«O diálogo das culturas faz parte do processo de evangelização»²²⁴. A evangelização não para quando um povo ou uma cultura é batizada e aceita o Evangelho. Ela é um processo de conversão contínuo de toda a Igreja. O diálogo entre as culturas na Igreja faz parte da evangelização e do compromisso de conversão e transformação cristã. Hoje em dia, que vivemos no tempo da interculturalidade, o diálogo intercultural já não é apenas um convite, mas um imperativo do nosso discipulado.

O processo de diálogo é fundamental para a interculturalidade. É difícil pensar numa autêntica interculturalidade sem o diálogo entre culturas e povos. O prefixo *inter* pressupõe este processo. «A “interculturalidade” refere-se à “existência e interação equitativa” de diversas culturas, assim como à possibilidade de gerar expressões culturais partilhadas pelo diálogo e pelo respeito mútuo»²²⁵. A reciprocidade e mutualidade das culturas vivem-se através do diálogo. No diálogo intercultural, as duas culturas deixam os seus preconceitos e convergem na atenção e compreensão. No diálogo devem existir de ambos os lados a abertura, escuta ativa e desejo de aprender com o outro. Também não pode faltar o respeito mútuo. «A interculturalidade, mais que uma teoria, é uma experiência de inter-relação, reciprocidade, diálogo e solidariedade. Pressupõe uma atitude de abertura e escuta atenta»²²⁶.

O diálogo entre as culturas é que dá sentido à interculturalidade da Igreja. No diálogo intercultural, há uma partilha das diversas experiências da fé, chegamos a conhecer como os outros vivem a fé num contexto particular. Isto enriquece a nossa experiência da grandeza de Deus que é comunicável em todas as culturas. Com esta partilha, ganhamos uma perspetiva mais integral da revelação e comunicação de Deus com a humanidade. O intercâmbio das

²²⁴ M. NSANZURWIMO, «Intercultural mission and reaching out to the margins: the zambian experience», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprise, Delhi, 2015, 232.

²²⁵ E. R. VILAR, «Portugal e o mundo», 48.

²²⁶ D. DE VALLESCAR, «Interculturalidade e cristianismo», 284.

nossas experiências diversificadas de Deus oferece-nos uma imagem mais integral e holística de Deus, que se revela em diferentes contextos e culturas.

Entrando num diálogo com outras culturas, descobrimos a catolicidade da Igreja. Partilhando as nossas experiências da fé com elas, descobrimos os aspetos da nossa fé que nos unem numa única Igreja. Nós descobrimos as nossas diferenças, mas também o que é comum a todos nós. O reconhecimento da nossa pluralidade e diversidade culturais é um passo para descobrir a universalidade e a catolicidade da Igreja.

Através do diálogo intercultural, o encontro e a interação entre as culturas são aprofundados e fortalecidos. Pelo diálogo intercultural, construímos pontes entre as diversas culturas na Igreja. O constante diálogo intercultural fortalece a relação entre os diversos povos e culturas. Assim, vivemos numa unidade na diversidade alimentada pelo diálogo. Deste modo, todos os povos, raças, culturas contribuem para a realização do desejo de Deus de reunir o seu povo disperso pelo mundo.

O diálogo intercultural é muito importante para a interculturalidade. «O diálogo com outras culturas enriquece a nossa própria cultura»²²⁷. O diálogo intercultural não é só benéfico culturalmente, mas também religiosamente. Ao dialogar com o outro, enriquecemos também o nosso conhecimento e a nossa fé em Deus. Cada vez que dialogamos com outras culturas, temos uma imagem mais clara de Deus que está presente em todos os povos, em todas as culturas. Pelo diálogo intercultural, descobrimos a imagem de Deus que está nos outros. Deus criou todos os homens à sua imagem e semelhança. Cada pessoa, raça, povo e cultura contém em si esta imagem. Ir ao encontro do outro e dialogar com ele é também ir ao encontro e dialogar com Deus.

O constante diálogo intercultural leva os povos e as culturas a uma compreensão global do grande amor de Deus para com a humanidade. Este amor de Deus à humanidade induz ao amor com todos. O diálogo começa e acaba no amor. O amor é um elemento essencial no processo do diálogo. São Paulo afirma a importância do amor no diálogo intercultural. «Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou» (*1 Cor* 13, 1-2).

²²⁷ G. MCLEAN, «Culture, pluralism and globalization», 76.

3.3. «Um só coração, muitos rostos»

«Um só coração, muitos rostos»²²⁸ foi o lema dos missionários do Verbo Divino na celebração da canonização do seu fundador Santo Arnaldo Janssen e do seu primeiro missionário na China, São José Freinademetz, em 2003. Este lema foi o advento da orientação atual da congregação para a interculturalidade. Através dos elementos presentes neste lema, os missionários do Verbo Divino conseguiram sintetizar a espiritualidade da sua interculturalidade. O lema fala da unidade na diversidade. Usando a imagem de um só coração que simboliza a unidade do amor de Deus e os muitos rostos que representam a pluralidade e a diversidade dos povos e culturas. Na verdade, a força que pode unir diversos povos e culturas numa só comunidade é o amor. É o amor de Cristo que nos une numa só Igreja, embora sejamos diferentes e diversos. Como diz São Paulo: «Revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição» (Col 3, 14).

Nas cartas de São Paulo, o Apóstolo constantemente relembra às comunidades cristãs a força do amor na vida delas. O amor é um elemento fundamental na construção de uma comunidade. Ele é o laço que liga as pessoas umas às outras. Numa sociedade que está cada vez mais consciente da sua pluralidade e diversidade cultural a necessidade de praticar o amor é maior. Na interculturalidade «é urgente desenvolver um forte sentimento de que há um só mundo onde todos temos de viver. E ter consciência disso é o primeiro passo para começar a amar e a cuidar»²²⁹. O segundo passo, depois da constatação de que existe no mundo uma pluralidade e diversidade cultural, é praticar o amor uns pelos outros.

Como diz um ditado popular: «o amor faz o mundo girar». Sem o amor, o mundo vai morrer. Os homens têm que se amar uns aos outros, sobretudo num mundo que se assume como aldeia global. Hoje em dia, os encontros e a interação entre os diversos povos, nações e culturas são frequentes e intensos. Se não tivermos cuidado, as nossas diferenças culturais podem-nos levar facilmente a conflitos e guerras como nos séculos passados. Para evitar isto, precisamos de nos munirmos da arma poderosa que é o amor; a *ágape*. «Na *ágape*, uma pessoa não busca o seu próprio bem, mas o do seu vizinho. A *ágape* alcança todos, tanto amigos como inimigos. A *ágape* procura preservar e promover a comunidade apesar dos esforços para derrubá-la»²³⁰. A sociedade intercultural tem que viver neste amor que é para o bem de todos os povos e culturas.

²²⁸ C. PAPE; J. M. VERGARA, *José Freinademetz: um tirolês que amou os chineses*, J. AMARO, (trad.), Paulinas, Lisboa 2003, 7.

²²⁹ E. R. VILAR, «Portugal e o mundo», 52.

²³⁰ J. I. FERNANDO, «Globalization with a human face», 182.

Para a Igreja onde se cultiva a interculturalidade, viver no amor para com os outros é um imperativo inadiável. Para os cristãos, o maior mandamento é o amor de Nosso Senhor. Jesus resumiu todos os mandamentos no único mandamento de amor. «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (Jo 13, 34). A Igreja foi fundada pelo amor de Jesus Cristo. Deus é amor, por isso, a Igreja tem que ser uma comunidade de amor. «Para São Paulo, amar os outros é a característica mais importante da vida cristã e o coração da existência cristã. Que tudo o que se faz seja uma expressão de amor»²³¹. A interculturalidade é uma expressão do nosso amor pelos outros, sobretudo os que são diferentes de nós culturalmente.

A Igreja, para que seja uma comunidade de amor, tem que ser intercultural e vice-versa. A Igreja tem que ser o sacramento vivo do amor de Deus para com todos os homens, onde todos os povos, raças, nações e culturas se sintam amados. «Precisamos de promover uma Igreja multicultural no espírito de unidade na diversidade, onde ela é entendida como um lar para pessoas de diferentes culturas, um instrumento de diálogo intercultural e de toda a inclusão do Reino de Deus»²³². O Reino de Deus é inclusivo para todos os homens, independentemente das suas pertenças nacionais, raciais e culturais. A Igreja como está ao serviço deste Reino, promove já aqui na terra a comunhão de todos os povos e culturas. O papel do amor é fundamental para tal comunhão.

O amor é o elemento que dá sentido aos esforços da Igreja na interculturalidade. Raimon Panikkar diz: «o diálogo entre culturas exige não apenas o respeito mútuo, mas também um mínimo do conhecimento mútuo, que não é possível sem simpatia e amor»²³³. A interculturalidade é um processo progressivo no relacionamento entre culturas. Este é um processo que quer melhorar a fraternidade entre os povos e culturas. É a passagem da tolerância, nas diferenças do pluralismo, para o amor fraterno entre as culturas. O diálogo intercultural permite que as diferentes culturas se conheçam melhor. Depois deste conhecimento mútuo, vem o convite a superar estas diferenças no amor pelos outros.

A interculturalidade é o esforço para levar a nossa pluralidade cultural da mera tolerância das diferenças para a convivência verdadeira entre as culturas. A Igreja intercultural não apenas tolera as diferenças culturais, mas também promove a convivência autêntica das culturas no Evangelho de amor. O amor tem que ser a qualidade distintiva da Igreja. Jesus diz:

²³¹ R. MOHRLANG, «Love», in G. HAWTHORNE; R. MARTIN; D. REID, (eds.), *Dictionary of Paul and his letters*, Intervarsity Press, Downers Grove, Illinois, 1993, 576.

²³² A. MIOTK, «The SVD general chapters: from historical point of view (Part III)», in *Verbum SVD* 53, fasc. 3-4 (2012), 376.

²³³ A. SIDEKUM, «The trace of the other», 337.

«por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jo* 13, 35). A interculturalidade é uma expressão atual do seguimento do mandamento de Jesus para que todos se amem uns aos outros como Ele nos amou.

São José Freinademetz diz: «a única linguagem que todos entendem é a linguagem do amor»²³⁴. Realmente, é o amor universal de Deus que faz com que todos os povos e culturas se entendam uns com os outros. Não existe outro laço que possa superar as barreiras e diferenças culturais entre os homens, senão o amor que é o próprio Deus Trindade. «Se Deus é amor, então, é universal, está em toda a parte e é acessível a todos. Não há barreiras que O impeçam de estar onde for!»²³⁵. Para se ter um verdadeiro diálogo intercultural, usamos uma linguagem que é universal e que todos os povos entendem. A nossa linguagem tem que ser a linguagem do amor. Esta é a mesma linguagem que Jesus usou para dialogar com a nossa humanidade. É a mesma linguagem do Evangelho e da Igreja. Por esta linguagem, embora sejamos diferentes culturalmente e falemos diferentes línguas, podemos compreender-nos e viver juntos.

«Um só coração, muitos rostos» seria a imagem da Igreja intercultural. Sendo distintos uns dos outros culturalmente, vivemos com um só coração. Os muitos rostos representam a nossa pluralidade e diversidade cultural. Na Igreja intercultural, os muitos rostos ou as nossas culturas diferentes têm que ser promovidos e enriquecidos. Apesar de sermos distintos uns dos outros, estamos unidos num só amor, numa só fé e num só Deus. O motivo da unidade é a fé, que nos une num só Povo de Deus. Nós vivemos a interculturalidade não em nome dela mesma, mas em nome de Deus Trindade que nos une. O *inter* é possível porque há algo em comum entre as culturas: a fé. A fé é comunicável nas diversas línguas e culturas, faz-nos ser uma só comunidade cristã.

A unidade na diversidade da Igreja concretiza-se pela interculturalidade. A unidade num só coração vive nos muitos rostos da nossa diversidade. O termo ‘interculturalidade’ é recente, mas o seu espírito já estava presente no plano de Deus de reunir os povos dispersos num só Reino. Este Reino abrange todos os que se abrem ao convite de Deus através de Jesus Cristo e do Espírito Santo. A interculturalidade é a nova etapa da vida da Igreja na sua participação no projeto divino da realização do Reino de Deus. A Igreja intercultural é o sinal do Reino de Deus na terra.

²³⁴ C. PAPE; J. M. VERGARA, *José Freinademetz*, 11.

²³⁵ J. H. JERÓNIMO, *Orar 15 dias com São José Freinademetz: a linguagem do amor*, Paulus Editora, Lisboa, 2008, 7.

Conclusão

Heráclito diz que a única coisa permanente é a mudança. Na vida terrestre, tudo está sujeito à mudança. Nas últimas décadas, as mudanças na nossa sociedade têm sido velozes e imparáveis. Estas mudanças sociais são consequência de alguns fenómenos como a globalização, as grandes deslocações migratórias e a assunção de que o mundo é uma aldeia global. Estes fenómenos intensificaram a consciência pluralista. No processo da globalização, as barreiras e as fronteiras que separavam as nações e os povos desapareceram, em grande medida. Isto aumentou os encontros e as interações entre diferentes povos e culturas. A sociedade contemporânea adotou o conceito de pluralismo que requer tolerância às diferenças culturais, a fim de que diversas pessoas, raças e culturas vivam pacificamente numa sociedade. «Dada a pluralidade e especificidade das diversas culturas e religiões, um dinamismo se revela essencial no processo de globalização: o do diálogo intercultural e inter-religioso»²³⁶. Isto dá início a uma nova etapa que é a interculturalidade.

Atualmente, a sociedade e a Igreja estão cada vez mais orientadas para a interculturalidade. A época não pede apenas tolerância, mas a convivência entre culturas. «A interculturalidade concentra-se no diálogo e interação entre as culturas em direção à práxis da *convivência*»²³⁷. O prefixo *inter* requer uma interação entre culturas. A interculturalidade também é um processo oportuno para a Igreja. Na Igreja existem a pluralidade e a diversidade de povos e culturas. «O cristianismo é diverso na sua própria essência»²³⁸. A pluralidade de culturas é uma marca permanente da Igreja. Temos visto os três fundamentos desta pluralidade; primeiro, o mandato missionário; depois, o dia de Pentecostes e, finalmente, a atitude peregrina e migrante da Igreja. Estes três fundamentos tornam a Igreja aberta para abraçar a diversidade de povos e culturas.

Na última secção, fizemos um percurso da pluralidade para a interculturalidade. Esta passagem parece inadiável. A interculturalidade é a resposta atual da Igreja aos sinais dos tempos. É um convite a todos para construir uma comunidade onde se viva o respeito mútuo e o diálogo saudável entre diferentes povos e culturas. «Uma comunidade global que supera a própria raça, classe e nacionalidade só pode ser realizada com um amor abrangente. Uma

²³⁶ J. POLICARPIO, «Globalização e religiões», in *Globalização, ciência, cultura e religiões*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, 24.

²³⁷ A. BRAZAL, «Exploring “interculturality” with Hall, Bhabha, and Bourdieu», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in the migration context*, Borderless Press, Middletown, 2017, 52.

²³⁸ A. YEH, «Asian perspectives on twenty-first century pluralism», 218.

comunidade global baseada no amor é essencial para a sobrevivência da raça humana»²³⁹. Para a Igreja ser verdadeiramente intercultural, é preciso que ela se abra a acolher todos os povos e culturas no seu seio. Depois, segue-se o diálogo intercultural. Através dele, teremos o intercâmbio das experiências de fé e de vida cristã nas diferentes culturas e contextos. Nisto, enriquecemos com o nosso conhecimento dos outros povos e culturas. Ao mesmo tempo, enriquecemos o nosso conhecimento da grandeza de Deus e do seu amor que é traduzível em todas as línguas e culturas.

A convivência das diversas culturas na Igreja é aprofundada através do amor mútuo. Pelo diálogo e amor, promove-se a igualdade e a irmandade de todos os povos e culturas na Igreja. Assim, ela torna-se uma comunidade intercultural. «Uma verdadeira comunidade intercultural implica o reconhecimento das outras culturas, o respeito pela diferença cultural e a promoção de uma interação saudável entre culturas»²⁴⁰. A salvação de Deus destina-se a todos os povos, nações, raças e culturas. A Igreja, como mensageira e portadora desta boa notícia, torna-se uma Igreja intercultural.

²³⁹ J. I. FERNANDO, «Globalization with a human face», 179.

²⁴⁰ A. MIOTK, «The SVD general chapters», 376.

CAPÍTULO III

A FÉ CRISTÃ COMO O CORAÇÃO DA IGREJA INTERCULTURAL

No terceiro capítulo, aborda-se a fé cristã como o coração da Igreja intercultural. Este capítulo divide-se em três secções: primeiramente, a Trindade como o modelo da Igreja intercultural; depois, a Igreja e a interculturalidade; e, finalmente, a interculturalidade e o Reino de Deus. Este capítulo sintetiza os dois primeiros. Falaremos dos fundamentos da interculturalidade cristã na fé em Deus Trindade, na Igreja e no Reino de Deus. Ao mesmo tempo, exporemos como a interculturalidade enriquece e dá sentido à nossa fé.

1. A Trindade como o modelo da Igreja intercultural

O maior mistério da fé cristã é a Santíssima Trindade. Deus revelou-se à humanidade como Deus uno e trino. «Na vida divina, [...] Deus se manifesta em toda a radicalidade da sua unidade e da sua trindade»²⁴¹. Nós, cristãos, acreditamos em Deus uno e trino; um só Deus, três pessoas. Este mistério trinitário não é apenas uma doutrina a guardar nas gavetas do arquivo do Vaticano, mas uma fé que se aplica na nossa vida quotidiana como cristãos. A nossa fé em Deus Trindade tem muito a ver com a nossa vida cristã como indivíduos e como comunidade. Em Deus, vemos a unidade perfeita das três pessoas distintas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem numa comunhão perfeita. Nesta comunhão não existe contradição entre a unidade divina e a diversidade das pessoas. A unidade divina não anula a distinção entre as três pessoas divinas e a distinção entre as pessoas não impede a unidade perfeita. Isto é uma inspiração para nós, cristãos. Como o Deus Trindade, nós podemos também construir uma comunidade imitando a unidade das três pessoas num só Deus.

A Igreja, que está cada vez mais global e intercultural, precisa de um modelo para conseguir viver a unidade em diversidade sonhada. «A primeira imagem que sempre passa pela cabeça é a Santíssima Trindade: a unidade de três pessoas distintas assegurando tudo em comum»²⁴². Na verdade, a unidade perfeita das três pessoas divinas num só Deus é sempre para

²⁴¹ L. MATEO-SECO, *Dios uno y trino*, 3ª edición, Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Pamplona, 2008, 636.

²⁴² N. APOSTOLA, «How much unity? how much diversity?», in *The Greek Orthodox Theological Review* 50, nº 1-4 (2005), 120.

nós um modelo de relacionamento e convivência na Igreja. Não existe um outro modelo melhor senão a comunidade das três pessoas divinas que se amam, se dão e se entregam umas às outras perfeitamente.

1.1. Unidade em diversidade

A unidade em diversidade é um aspecto fundamental da nossa fé trinitária. Nós, cristãos, acreditamos na unidade das três pessoas divinas num só Deus. Para que Deus seja verdadeiramente uno, como professamos, a unidade perfeita deve existir em Deus. No mesmo modo, para que Deus seja verdadeiramente trino, a distinção entre as três pessoas divinas deve existir em Deus. «Na comunhão trinitária, a diversidade e a unidade coexistem»²⁴³. Elas complementam-se. A unidade perfeita não anula a distinção das três pessoas divinas. Ao mesmo tempo, esta distinção não impede a plena unidade divina. Deus Trindade vive na unidade em diversidade.

Atualmente, a unidade em diversidade é um valor muito importante. Muitos grupos, instituições e companhias promovem a unidade em diversidade. Aliás, boa parte da humanidade trabalha para que se realize este sonho. Perante a sociedade global, multicultural e plural, a unidade em diversidade é um sonho e um projeto a realizar por todos os que fazem parte desta sociedade. O nosso tempo marca uma nova etapa da história humana. Estamos numa nova fase, onde sentimos a intensificação do encontro e interação entre diferentes povos e culturas. No mundo globalizado, «o destino da comunidade humana torna-se um só, e não já dividido entre histórias independentes»²⁴⁴. Assim, a unidade em diversidade é mais exigida no nosso tempo do que nunca.

A unidade em diversidade está no seio da Igreja. Não é uma novidade para a Igreja viver a unidade em diversidade. Na *Primeira Carta aos Coríntios*, São Paulo já fala da unidade em diversidade dos cristãos. «Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos» (*1 Cor* 12, 4-6). A Igreja desde o seu início reconhece a existência da diversidade nos seus membros, mas reconhece também a sua unidade pela única fé recebida do Senhor.

²⁴³ S. FOTIOU, «Diversity and unity», 276.

²⁴⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium e Spes*, 5.

Agora, levamos a nossa unidade em diversidade para um outro nível: a interculturalidade. No meio de uma sociedade globalizada, plural e multicultural, a Igreja é chamada a viver radicalmente a sua unidade em diversidade. Para esta tarefa, a Igreja olha para Deus uno e trino como modelo perfeito de unidade em diversidade. Em Deus uno e trino, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são distintos uns dos outros, mas, ao mesmo tempo, são iguais na divindade. A unidade das três pessoas divinas num só Deus é para nós uma inspiração a seguir. Pelo exemplo de Deus Trindade, podemos apreciar melhor a importância de viver na unidade em diversidade.

«A diversidade sempre foi uma realidade muito presente no cristianismo desde os seus primórdios»²⁴⁵. E nunca lhe será tirada. A diversidade é uma marca definitiva da Igreja. E temos que a valorizar, porque é importante para a unidade eclesial. Para chegar à unidade, não precisamos de negar a nossa diversidade. «Os defensores da unidade geralmente tendem a confundir unidade com uniformidade»²⁴⁶. Isto não é correto. A unidade não devia ser entendida como uniformidade. A Igreja promove unidade e não uniformidade. A nossa unidade deve ser uma unidade diversificada.

«Na Igreja, cada pessoa é singular e única, contudo existe em união com os outros. Em Jesus Cristo, as pessoas estão unidas independentemente da cor, idioma, raça ou idade»²⁴⁷. A nossa unidade não se deve ao facto de sermos todos iguais na aparência ou nos costumes, mas à mesma fé confessada num só Senhor. «É por isso que se pode dizer que a fé é o princípio interno da unidade da Igreja»²⁴⁸. A fé une-nos numa só Igreja, num só Povo de Deus. Sendo de diferentes origens culturais, raças ou cores, sentimos que estamos unidos como um só Povo de Deus. A nossa diversidade cultural é mantida na nossa unidade eclesial.

Como não devemos confundir unidade com uniformidade, também não devemos confundir diversidade com desigualdade. «Não podemos confundir diferença e desigualdade: os diferentes seriam desiguais. Os diferentes (por origem, sexo, família, cultura, riqueza, religião) são iguais em dignidade e direitos»²⁴⁹. A nossa diversidade não diz respeito à nossa dignidade como filhos de Deus. Embora sejamos diferentes culturalmente e racialmente, somos todos iguais como irmãos. Por isso, somos unidos embora diferentes, porque somos iguais na dignidade como filhos de Deus.

²⁴⁵ W. L. SANCHEZ, «O Concílio Vaticano II e o tema da diversidade», in *Revista Espaço* 23, nº 2 (2015), 127.

²⁴⁶ N. APOSTOLA, «How much unity? how much diversity?», 132.

²⁴⁷ S. FOTIOU, «Diversity and unity», 276.

²⁴⁸ B. FORTE, *La Iglesia de la Trinidad*, 39.

²⁴⁹ C. DEL VALLE, «La interculturalidad como llamada y horizonte de misión», in *Verbum SVD* 54, fasc. 3 (2013), 286.

Além disso, a nossa unidade em diversidade é inspirada pela vida trinitária de Deus. «A humanidade é criada à imagem de Deus, refletindo tanto a unidade como a diversidade da própria Trindade. Essa diversidade é expressa tanto em termos de indivíduos como em termos de culturas»²⁵⁰. A nossa fé em Deus uno e trino tem que se manifestar nas nossas comunidades eclesiais. Como Deus é uno, a Igreja também é una. Como Deus é trino, uma comunidade de três pessoas distintas, a Igreja também é uma comunidade de pessoas distintas. A unidade em diversidade é o nosso testemunho de que Deus é verdadeiramente uno e trino.

A unidade sempre foi uma das grandes tarefas da Igreja. Esta, ao evangelizar todos os povos, sempre assegurou a unidade de todos num só Senhor. Mas nem sempre foi fácil. «Existe uma tensão natural entre a unidade e a diversidade, pelo menos quando a experimentamos de maneira prática e, falando teologicamente, na condição de humanidade caída»²⁵¹. Portanto, podemos dizer que a unidade de todos é uma missão da Igreja. Como o desejo de Jesus na sua oração sacerdotal em *São João*: «que todos sejam um, como tu e eu» (*Jo* 17, 20). Mas, até agora, «a antiga questão sobre a relação entre diversidade e unidade – a relação entre um e muitos – ainda está à espera de uma resposta»²⁵². A Igreja continua a procurar meios para que se realize este sonho.

A interculturalidade seria uma resposta oportuna do nosso tempo à realização da unidade em diversidade sonhada. A nossa unidade em diversidade passa pela interculturalidade. «A interculturalidade pode ser definida como um intercâmbio onde pessoas de origens e culturas diferentes interagem em pé de igualdade»²⁵³. Esta definição de José Antunes da Silva é muito interessante, porque realça os três elementos essenciais da interculturalidade: o intercâmbio, a interação e a igualdade. Tendo estes três elementos juntos, a unidade em diversidade é possível. A interação ativa, o intercâmbio das experiências da fé e o espírito de igualdade criam o ambiente onde todos podem sentir-se unidos e respeitados. Compreendemos melhor a importância destes três elementos à luz do amor, sobretudo no exemplo do Amor de Deus.

²⁵⁰ R. KISALA, «Theological foundations of interculturality», in *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 29.

²⁵¹ N. APOSTOLA, «How much unity? how much diversity?», 119.

²⁵² S. FOTIOU, «Diversity and unity», 269.

²⁵³ J. A. SILVA, «Reino de Deus: expressão da fraternidade e inclusão», in *Communio Revista Internacional Católica* 33, nº 1 (2006), 93-94.

1.2. Comunidade de amor

«Deus é uma comunidade de Amor»²⁵⁴. Aliás, Deus é amor. As três pessoas divinas da Santíssima Trindade estão ligadas umas às outras pelos laços de amor que elas têm em abundância entre si. «Em tal perfeição, Santo Agostinho descobre três termos: o amante, o amado e o próprio amor»²⁵⁵. Deus Trindade é uma comunidade de amor: do Pai amante, do Filho amado e do Espírito Santo que é o próprio amor. É uma comunidade que vive no amor perfeito; um amor que se dá ao outro completamente sem guardar nada em si. Portanto, a Santíssima Trindade é o modelo de uma comunidade perfeita.

Há um ditado que diz: «O amor faz o mundo girar». Sem o amor, não podemos imaginar o nosso mundo e a nossa vida. O amor é salvação. Deus criou todo o universo pelo seu amor e salvou-nos pelo seu grande amor. O amor é o melhor dom de Deus para a humanidade. Portanto, convém que toda a humanidade seja uma comunidade de amor. Mas, para conseguirmos ser uma comunidade de amor, temos que seguir o exemplo da Trindade. Isto, porque só a Santíssima Trindade pode ensinar-nos o que é o verdadeiro amor. Aliás, segundo António Vaz Pinto, «só o amor “explica” a Trindade. Só a Trindade “explica” o amor»²⁵⁶. Temos que aprender muito da nossa fé em Deus Trindade sobre o amor e traduzi-lo na nossa vida comunitária.

«O mistério trinitário não é uma sociedade anónima, mas uma comunidade vital de pessoas com as suas próprias diferenças e, ao mesmo tempo, uma vontade operativa de harmonia e inter-relação»²⁵⁷. Em Deus Trindade, as três pessoas divinas são distintas umas das outras, mas todas se entregam à harmonia e ao intercâmbio divino. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, ao manterem as suas diferenças pessoais, comprometem-se perfeitamente com a harmonia divina. Eles não se contradizem, complementam-se pelo seu amor entre si. O amor é o que explica melhor Deus uno e trino. «O um e o muito coexistem no amor: unidade na trindade e trindade na unidade. A diversidade na unidade é a forma como o Deus trinitário existe»²⁵⁸. O amor é um mistério. Ele é uma força unificadora.

Jesus ordena a todos nós: «Amai-vos uns com os outros como vos amei» (*Jo* 13, 34). Colocando sempre o amor como o centro das nossas relações, seja com Deus ou com o nosso

²⁵⁴ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 400.

²⁵⁵ T. SZABÓ, «La santísima Trinidad y el encuentro interpersonal en San Buenaventura», in *Semanas de estudio trinitario 14: Trinidad y vida comunitaria*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1980, 62.

²⁵⁶ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 400.

²⁵⁷ J. A. MERINO, «La Trinidad, paradigma de vida comunitaria en S. Buenaventura», in *Semanas de Estudios trinitarios 30: Pensar a Dios*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1997, 190.

²⁵⁸ S. FOTIOU, «Diversity and unity», 276.

próximo. Aliás, Jesus resumiu todos os mandamentos em apenas dois; primeiro, «amar Deus acima de todas as coisas e, depois, amar o teu próximo como a ti mesmo» (Mt 22, 37-39). O Filho amado de Deus Pai veio ensinar-nos a importância do amor na nossa vida como filhos de Deus. Portanto, a fé tem que se traduzir no nosso amor por Deus e pelo nosso próximo. Temos que ser uma comunidade que vive no amor de uns pelos outros.

Atualmente, a nossa sociedade é plural e multicultural. A Igreja propõe uma resposta ousada que se chama ‘interculturalidade’. «Quando a linguagem teológica é empregada, já existe um uso distinto entre multicultural (sociológico) e intercultural (teológico)»²⁵⁹. A multiculturalidade reconhece apenas a existência de uma diversidade cultural e racial no mundo e que haja tolerância relativamente à diferença. A interculturalidade, por sua vez, convida todos os povos e culturas a entrar numa convivência e interrelação.

A interculturalidade pede mais do que uma mera tolerância; pede uma verdadeira convivência de diferentes povos e culturas na Igreja. «A interculturalidade só pode ser vivida se todos estiverem conscientes de que é um processo para crescer num relacionamento mais profundo de uns com os outros»²⁶⁰. Esta convivência de povos e culturas na Igreja é possível se cada um se comprometer a amar o outro sobretudo aquele que é diferente. Para conseguirmos uma Igreja intercultural, precisamos do amor que cria ambiente para o intercâmbio e a interação entre povos e culturas que se tratam com respeito e igualdade.

Nisto, Deus Trindade é modelo para a Igreja intercultural. «Deus é caridade: *ágape*. Contudo, a caridade é essencialmente *amor interpessoal*, amor de uma pessoa para outra e vice-versa. Por sua própria natureza, exige *pluralidade de pessoas*»²⁶¹. Em Deus, vemos o exemplo de uma comunhão perfeita na pluralidade de pessoas. O amor divino é que faz unir as três pessoas num só Deus. Inspirada pelo mesmo amor, a Igreja também procura uma comunhão de diferentes povos e culturas.

O próprio ser de Deus é amor. Portanto, todas as suas obras são fruto do amor que não reside apenas em si, mas se manifesta em toda a criação. «Ele é amor. Todas as suas obras *ad extra* são marcadas pelo amor: cria-nos por amor e, acima de tudo, nos redime por amor e nos destina ao amor»²⁶². Fomos criados por Deus pelo seu grande amor e o nosso destino é o mesmo amor. Desde que o pecado entrou na nossa realidade humana, fomos separados do amor de Deus. Onde existe o pecado, o amor não pode existir. Por isso, Jesus nos redime da nossa condição pecadora para que possamos voltar plenamente a Deus e gozar do seu amor infinito.

²⁵⁹ A. J. GITTINS, «The challenge of intercultural living», 62.

²⁶⁰ P. B. KLEDEN, «Trinitarian spirituality and interculturality», 33.

²⁶¹ T. SZABÓ, «La santísima Trinidad y el encuentro interpersonal en San Buenaventura», 64.

²⁶² L. F. MATEO-SECO, *Dios uno y trino*, 638.

O amor é fundamental para a nossa vida cristã. Fomos criados por amor, redimidos por amor e destinados para o amor. Convém sermos uma Igreja de amor. A comunhão de todos os cristãos é a nossa comunhão com Deus uno e trino. «Chegou a hora em que podemos descrever a comunhão como a participação gratuita dos homens pela caridade na própria vida de Deus, uno e trino»²⁶³. A Igreja intercultural, onde os diferentes povos e culturas se amam uns aos outros, é um grande testemunho da presença de Deus Trindade. A Igreja que vive na comunhão a sua pluralidade e diversidade cultural é uma teofania. «O lugar onde a Igreja nasce é, portanto, a Trindade e o lugar de manifestação da Trindade é a Igreja»²⁶⁴.

Para a Igreja ser uma verdadeira comunidade de amor, ela tem que promover a interculturalidade nos seus membros. Como Deus é comunidade de amor das três pessoas distintas, nós, os cristãos, devemos ser uma Igreja de amor onde todos os povos e culturas se amam e se unem na mesma fé, no mesmo amor e no mesmo Senhor. A nossa interculturalidade é o testemunho da nossa fé em Deus uno e trino. Se acreditamos na existência de um só Deus em três pessoas, também temos que acreditar que é possível ser uma só Igreja de diferentes povos e culturas. Pela interculturalidade, somos a imagem viva de Deus Trindade no mundo atual.

1.3. A comunhão plena da Igreja: imagem da Trindade

Nós fomos criados à imagem de Deus. No fundo do nosso ser está essa imagem de Deus Trindade, a comunhão das três pessoas divinas. Por isso, todos nós somos homens de comunhão. Temos sempre, no fundo do nosso coração, o desejo de estar em comunhão com Deus e com os outros. «A inserção numa comunidade humana está inscrita na própria natureza do Homem. Viver em comum é uma necessidade do Homem, ser essencialmente social, estruturalmente comunitário»²⁶⁵. Estar em comunhão faz parte da nossa natureza humana.

No primeiro capítulo, falámos da Igreja como a imagem mais perfeita da Santíssima Trindade. A Igreja é a imagem da Trindade, porque ela nasce, vive e caminha para a Trindade. Além disso, é pela comunhão que a Igreja representa concretamente o mistério de Deus Trindade. Deus é comunhão do Pai, Filho e Espírito Santo. «Da mesma forma, a humanidade é

²⁶³ V. M. CAPDEVILA Y MONTENAR, «Trinidad y comunidad en el evangelio y en las cartas de San Juan», in *Semanas de estudios trinitarios 14: Trinidad y vida comunitaria*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1980, 47.

²⁶⁴ R. BLÁZQUEZ, «La Iglesia, “icono” de la comunión trinitaria», in *Semanas de estudios trinitarios 40: Trinidad y comunión*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 2005, 218.

²⁶⁵ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 423.

chamada a participar da comunhão do Pai, Filho e Espírito no único Deus, uma comunhão de indivíduos e culturas»²⁶⁶. Como Deus é comunhão, a humanidade que foi feita à sua imagem tem que ser comunhão.

A comunhão é um dos grandes mistérios de Deus. Nós queremos sempre a comunhão, mas simplesmente não sabemos o caminho para chegar lá. Isto porque comunhão é um mistério que só se pode alcançar e compreender à luz da fé em Deus Trindade. Como será possível alcançar a comunhão de todos os homens da terra, havendo tantas diferenças entre nós? Segundo o Concílio Vaticano II, a Igreja é o sacramento da comunhão de todos os povos. Havendo diferentes povos e culturas, a Igreja acredita na comunhão de todos num só Povo de Deus. «Quanto mais se espalha pelo mundo essa maneira de viver a *communio*, tanto mais se torna a Igreja uma “parábola do mútuo partilhar” [...] no seio de sua humanidade cheia de conflitos»²⁶⁷.

A comunhão é um paraíso para todos os homens, mas, para chegar lá, exige muito da nossa parte. Segundo António Vaz Pinto, «o Amor é Comunhão e esta surge do mútuo acolhimento e da mútua entrega, da partilha mútua»²⁶⁸. Um aspeto importante da comunhão é a reciprocidade. Todos têm que dar e todos têm que receber. Na reciprocidade tem de haver dois sentidos: damos algo e recebemos algo. Se a mutualidade e a reciprocidade faltarem, não poderá existir comunhão. O amor é comunhão; tem que se amar e ser-se amado ao mesmo tempo. Na Santíssima Trindade, a comunhão acontece porque as três pessoas divinas se entregam e se acolhem umas às outras. Na Trindade, todos se amam e são amados.

Na comunhão, a igualdade também deve existir. É impossível alcançar a comunhão sem igualdade. Tem que haver igual respeito, igual direito, igual importância e igual dignidade entre todos. «Os direitos culturais podem ser entendidos dentro desse modelo social trinitário de igualdade na diversidade. A Trindade é um modelo para sociedades e comunidades culturais, de um relacionamento sem subordinação ou dominação e onde se permite que exista a diferença»²⁶⁹. Nas nossas comunidades, embora sejamos de diferentes culturas e raças, somos iguais na dignidade de filhos de Deus. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são distintos entre si, mas iguais em dignidade, santidade e divindade. «A comunhão eclesial, então, tem suas raízes

²⁶⁶ R. KISALA, «Theological foundations of interculturality», 29.

²⁶⁷ M. KEHL, *A Igreja*, 33.

²⁶⁸ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 401.

²⁶⁹ A. BRAZAL, «Cultural rights of migrants: a philosophical and theological exploration», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in the migration context*, Borderless Press, Middletown, 2017, 85.

na comunhão trinitária»²⁷⁰. Sem dúvida, a nossa comunhão vem de cima, de uma comunhão em Deus que nos inspira a estar em comunhão com Ele, com toda a Igreja e com toda a humanidade.

«A espiritualidade da comunhão leva-nos ao caminho da interculturalidade»²⁷¹. A comunidade intercultural promove a comunhão. Os elementos essenciais da comunhão também são elementos essenciais da interculturalidade. «A comunidade intercultural baseia-se na igualdade dos seus membros»²⁷². Na comunidade intercultural, ninguém está acima ou abaixo de ninguém. Todos estão no mesmo patamar. Assim, a igualdade cria espaço para a reciprocidade. Os diferentes povos e culturas podem sentir-se em casa na comunidade e trabalhar juntos para a comunhão.

Normalmente, quando falamos da comunhão, temos o sentido espiritual. «Mas, a comunhão também tem que ser visível»²⁷³. A Igreja, como é sacramento da comunhão de todos os homens, tem que ser um sinal visível. A interculturalidade será uma possibilidade para que a Igreja possa ser um sinal visível de comunhão de todos os povos. Na comunhão não procuramos apenas tolerar as nossas diferenças culturais; procuramos usá-las como motivo da nossa comunhão.

Na comunhão, não queremos acabar com a nossa diversidade. Se fosse assim, não seria uma verdadeira comunhão. Porque a comunhão é comunicação e doação de amor interpessoal sem deixar a própria identidade pessoal. Na comunhão das três pessoas divinas em Deus, a doação é total e perfeita. Mas nesta doação elas não perdem a distinção pessoal de cada uma. «As pessoas de Deus ou em Deus, Pai, Filho e Espírito, são precisamente a “expressão” pessoal, do único e mesmo mistério de Amor eterno, infinito e total, na diferença e complementaridade»²⁷⁴. A nossa comunhão nunca será igual à de Deus Trindade. Mas nunca devemos ficar desanimados por isso.

«A Trindade é a autêntica pátria do homem»²⁷⁵. A humanidade só poderá sentir-se em casa em comunhão com Deus. Mas, antes disso, toda a humanidade tem que trabalhar pela comunhão dela própria. É pela nossa comunhão que entramos em comunhão com Deus. Na verdade, «a comunhão dos cristãos não pode ser separada do Pai, do Filho e do Espírito Santo»²⁷⁶. É pela nossa comunhão que somos a imagem de Deus Trindade.

²⁷⁰ M. S. MONGE, *Eclesiologia*, 84.

²⁷¹ C. DEL VALLE, «La interculturalidad como llamada y horizonte de misión», 284.

²⁷² P. B. KLEDEN, «Trinitarian spirituality and interculturality», 30.

²⁷³ J. M. R. TILLARD, *Iglesias de iglesias*, 46.

²⁷⁴ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 401.

²⁷⁵ L. F. MATEO-SECO, *Dios uno y trino*, 641.

²⁷⁶ J. M. R. TILLARD, *Iglesias de iglesias*, 61.

Ao sermos Igreja intercultural, aprofundamos a nossa comunhão. A Igreja intercultural é o testemunho de que a comunhão de todos os povos e culturas é possível, a exemplo de Deus uno e trino. A Igreja, durante muitos anos, reconheceu a sua multiculturalidade. Agora, passamos da multiculturalidade para a interculturalidade. «A passagem de *multi-* para *inter-*cultural tem que ser consciente e concertada nas relações comunitárias»²⁷⁷. Temos que ter em conta os elementos essenciais da interculturalidade: igualdade, reciprocidade, respeito e amor mútuo.

A interculturalidade não é a própria comunhão, mas é um caminho para uma comunhão mais profunda dos cristãos. Pela interculturalidade, podemos criar um ambiente onde os diferentes povos e culturas entrem numa interação e diálogo que os leve a uma descoberta e compreensão da riqueza da sua diversidade cultural. A interculturalidade oferece a todos os povos e culturas uma oportunidade de se sentirem acolhidos, respeitados e iguais. É este o caminho para uma verdadeira comunhão de toda a humanidade.

2. A Igreja e a interculturalidade

Jesus fundou a Igreja como a comunidade que será sua testemunha e mensageira da proximidade da vinda do Reino de Deus. Desde a sua fundação, a Igreja está consciente de que «não existe para si mesma, mas para o mundo – para *todos* no mundo»²⁷⁸. A Igreja sugere modelos ou imagens dela própria para que os cristãos não percam a compreensão da sua natureza e identidade. Nesta secção, falaremos das duas imagens da Igreja que podem ajudar-nos a compreender a exigência da interculturalidade nela. As duas imagens são a Igreja como o corpo de Cristo e a Igreja como sacramento da comunhão de toda a humanidade com Deus. Além disso, articularemos a complementaridade da unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja com a sua interculturalidade.

A Igreja é sempre una, santa, católica e apostólica. Ela é o corpo de Cristo e o sacramento da comunhão de toda a humanidade com Deus, desde o momento da sua fundação. Contudo, os cristãos compreendem a natureza e identidade da Igreja de acordo com o contexto em que estão. «O facto de a Igreja existir no tempo e no espaço significa que ela deve-se adaptar

²⁷⁷ C. DEL VALLE, «La interculturalidad como llamada y horizonte de misión», 288-289.

²⁷⁸ F. GMÄINER-PRANZL, «From “inculturation” to “interculturalization”: an essay in mission theology», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 131.

sempre às condições mutáveis do mundo»²⁷⁹. Hoje em dia, no momento em que a nossa sociedade está cada vez mais plural e multicultural, a nossa fé na Igreja e as imagens que temos dela podem fazer-nos compreender por que motivo a interculturalidade é uma resposta da nossa fé.

Para compreender a teologia da interculturalidade da Igreja, temos que ter a noção de ‘*ad gentes*’ e de ‘*inter gentes*’. O termo ‘*inter gentes*’ promove uma Igreja que não apenas se direciona para o povo, mas que seja um encontro entre os povos. «O termo “*missio inter gentes*” foi proposto pela primeira vez por William Burrows na sua resposta ao artigo de Michael Almaladoss na convenção de 2001 da Sociedade Teológica Católica da América»²⁸⁰. Desde então, ‘*inter gentes*’ ganhou fama nos estudos teológicos, não em oposição ao documento do Concílio Vaticano II *Ad gentes*, mas para complementar a definição da missão da Igreja. A Igreja ‘*ad gentes*’ é também ‘*inter gentes*’. A Igreja enviada por Deus a todas as gentes tem que ser intercultural.

«Para expressar este intercâmbio mútuo e multidirecional de missão em todo o mundo, um número significativo de pessoas agora propõe complementar a frase “*ad gentes*” (“às nações”) com “*inter gentes*” (“entre as nações”)»²⁸¹. Segundo António Pernia, antigo superior geral dos missionários do Verbo Divino, a missão da Igreja, hoje em dia, tem que ser ‘*missio inter gentes*’. Ele descreve «“*missio inter gentes*” como “missão enquanto diálogo COM as pessoas”, missão enquanto encontro ENTRE os povos, missão de encontrar um lar entre as pessoas»²⁸². A Igreja tem que ser instrumento de encontro e união de todos os povos e culturas.

2.1. Igreja intercultural como o corpo de Cristo

A Igreja é o corpo de Cristo. Esta designação é uma das primeiras imagens da Igreja. «A designação da Igreja como o Corpo de Cristo é frequente em S. Paulo e aponta para um outro aspeto muito importante da natureza da Igreja: a união de Cristo com a Sua Comunidade, a Igreja, sendo esta o Seu Corpo e Ele a sua Cabeça»²⁸³. A imagem do corpo humano é uma simples representação da natureza da Igreja, mas é riquíssima de significados. Pela imagem do

²⁷⁹ T. NEILL; R. SCHMANDT, *History of the Catholic Church*, The Bruce Publishing Company, Milwaukee, 1957, viii.

²⁸⁰ J. TAN, «*Missio inter gentes*», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 189.

²⁸¹ R. SCHROEDER, «Interculturality and prophetic dialogue», in *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 12.

²⁸² A. PERNIA, «*Missio inter gentes*», in *Arnoldus Nota* (november 2009), 2.

²⁸³ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 430-431.

corpo, vemos a nossa união com Cristo que é a Cabeça, a nossa unidade em diversidade e a nossa interdependência. Na mesma imagem, podemos achar o fundamento da interculturalidade da Igreja.

São Paulo diz: «Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro» (*I Cor 12, 27*). O corpo humano é uma unidade de diferentes membros. Cada membro tem a sua função específica e contribui para o bem do corpo. A nossa comunidade tem que ser como um corpo humano. «A Igreja assume a aparência de um corpo de membros bem diferenciados»²⁸⁴. A nossa diferença cultural não deve ser um motivo de separação ou divisão, mas um motivo de união. Seguindo o modelo do corpo, temos que apreciar o papel de cada membro e a sua contribuição para o bem de todos num só corpo. A Igreja, como o corpo de Cristo, é feita de diferentes membros que têm diferentes funções e contribuem diferentemente para o corpo inteiro. Embora diferentes uns dos outros, juntos somos um só corpo de Cristo.

«Enquanto corpo de Cristo, a Igreja constitui um sistema orgânico com uma variedade e multiplicidade de membros»²⁸⁵. Para ser verdadeiramente uma entidade chamada corpo, temos que ver a unidade em diversidade. Todos, embora diferentes, procuram cumprir a sua parte para que o corpo todo beneficie. O Concílio Vaticano II afirma que «na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções»²⁸⁶. Neste sentido, a nossa diversidade cultural e racial numa só Igreja faz muito sentido. Como no corpo, a nossa diversidade cultural é complementar. E para conseguirmos ver isso temos que entrar no processo da interculturalidade.

A Igreja intercultural é uma perspectiva nova de vivermos a nossa identidade como o corpo de Cristo. «Tal como num corpo humano há uma íntima união e ligação entre a cabeça e os diversos membros que constituem o corpo, assim também entre Cristo e a Igreja»²⁸⁷. A nossa ligação com Cristo dá sentido à nossa ligação de uns com os outros. Por meio da Cabeça que é Jesus, não nos vemos como membros separados do corpo, mas como membros ligados. Nenhum membro pode cumprir a sua função sozinho porque, como um só corpo, nenhum membro funciona sozinho, mas com os outros e para os outros. «No Corpo de Cristo, “a diversidade torna-se interdependência”»²⁸⁸. Assim, a diversidade cultural é uma riqueza para a Igreja.

Na Igreja como corpo de Cristo, aprendemos a importância da igualdade e solidariedade. Na Igreja, nenhum dos seus membros é mais importante ou menos importante. A Igreja, por ser

²⁸⁴ M. PHILIPS, *A Igreja e seu mistério*, 123.

²⁸⁵ K. ALGERMISSEN, *Iglesia católica y confesiones cristianas*, 27.

²⁸⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 7.

²⁸⁷ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 431.

²⁸⁸ N. APOSTOLA, «How much unity? How much diversity?», 120.

o corpo de Cristo, goza de uma igualdade entre todos os seus membros. «O modelo do corpo oferece uma maneira de dar dignidade e lugar a todos os membros da Igreja de Cristo e mostrar como cada um deles é necessário para o bom funcionamento do todo»²⁸⁹. No corpo, todos dão a sua contribuição para o bem de toda a Igreja, de toda a comunidade e de toda a humanidade.

«Em Cristo, a “pessoa coletiva”, a nova humanidade, o corpo de Cristo, é reconstituída. A Igreja, de facto, é a nova vontade e propósito de Deus para a humanidade. É o “corpo” mostrando-se à sociedade como ser intacto e indiviso»²⁹⁰. Nós somos um só corpo em Cristo. No corpo, os membros agem sempre juntos. Como corpo de Cristo, a Igreja tem que ser sempre intacta, inteira e indivisa. O corpo tem que se sentir um só e não partes separadas. «O corpo deve ser um corpo unificado»²⁹¹. Pela interculturalidade, a Igreja pode sentir a unidade, interdependência, igualdade e solidariedade de povos e culturas diferentes.

Na Igreja intercultural, todos os povos e culturas são importantes e têm algo a oferecer-lhe. «Com este contexto mais amplo em mente, *reconhecer o corpo* pode ter a ver com o cuidar uns dos outros dentro da comunidade de Cristo»²⁹². Por Jesus, a cabeça que nos une, sentimo-nos unidos uns aos outros e sentimo-nos corresponsáveis. Todos os membros do corpo têm que ser cuidados para ele ser saudável. Se alguém não receber o mesmo cuidado que os outros, quem sofre é o corpo todo. Como diz um dito filipino: «A dor de um é dor de todos». Neste sentido, todos nós, cristãos, devemos cuidar uns dos outros e ser sensíveis aos outros nas nossas comunidades.

A maior prova da vida é o crescimento. Como o corpo humano que cresce, a Igreja, o corpo de Cristo, também tem que crescer. Ao crescer o corpo, todos os membros também crescem. Na Igreja intercultural, todos os povos e culturas têm que crescer na sua fé. «A verdadeira “interculturalidade” é mais do que uma mera coexistência lado a lado com pessoas de diferentes nacionalidades ou culturas»²⁹³. Por sermos membros do mesmo corpo de Cristo, todos nós temos que crescer para nos enriquecer uns aos outros. Todos crescem juntos e ninguém fica atrás.

A Igreja como corpo de Cristo não é um mero conceito teológico. A Igreja é realmente o corpo de Cristo. «Ser o corpo de Cristo não é uma experiência misteriosa, mas é vivida diariamente nas manifestações corporais da fé da Igreja, ou seja, na fraternidade e irmandade

²⁸⁹ *Ibidem*, 132.

²⁹⁰ B. LEAHY, «‘Christ existing as community’: Dietrich Bonhoeffer’s notion of Church», in *Irish Theological Quarterly* 73, nº 1-2 (2008), 40.

²⁹¹ M. ERICKSON, *Christian theology*, 2nd edition, Baker Books, Grand Rapids, 1999, 1048.

²⁹² C. CAMPBELL, *Paul and union with Christ: an exegetical and theological study*, Zondervan, Grand Rapids, Michigan, 2012, 272.

²⁹³ V. NGUYEN, «Biblical foundations for interculturality», in *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 45.

concreta em que a obediência ao Senhor se manifesta no amor pelos irmãos e irmãs»²⁹⁴. A nossa unidade num só corpo tem que ser concreta, visível e tangível. Os cristãos têm que ver a sua inter-relação, união, igualdade, mutualidade e reciprocidade na vivência da nossa fé na Igreja, o corpo de Cristo. A interculturalidade é um processo no qual sentimos a nossa inter-relação, união, igualdade, mutualidade e reciprocidade.

«O conceito de interculturalidade vê o mundo como inter-relacionado e interdependente e visa estabelecer um diálogo genuíno além das fronteiras culturais baseado na parceria e na reciprocidade»²⁹⁵. A Igreja como o corpo de Cristo inspira-nos a viver a nossa interculturalidade. «O corpo de Cristo também é universal. Todas as barreiras foram removidas»²⁹⁶. Na diversidade de povos e culturas na mesma Igreja, somos um só corpo e temos uma só cabeça que é Jesus Cristo. Somos o corpo visível de Cristo, um sacramento para o mundo.

2.2. Igreja intercultural como sacramento de comunhão

O Concílio Vaticano II, no início do documento *Lumen Gentium*, afirma que a Igreja é sacramento da união com Deus e de toda a humanidade. Jesus fundou a Igreja para que haja uma comunidade que será o sinal vivo da união de toda a humanidade com Deus. A Igreja é sacramento de Cristo para o mundo. «Este modelo da Igreja tenta assegurar os elementos divino e humano da Igreja»²⁹⁷. A Igreja como sacramento é um sinal visível e tangível, mas aponta para uma realidade invisível e intangível aos olhos do homem. «Ser um “sacramento” significa ser um sinal (eficaz) de outra realidade»²⁹⁸. A Igreja, ao ser sacramento para o mundo, é o sinal do plano de Deus para a humanidade.

«Uma imagem que ajuda poderosamente a compreender a Igreja na sua necessária dimensão salvífica é o sacramento»²⁹⁹. Deus quer que todos se salvem. Por isso, Ele oferece a salvação a todos. A salvação que Jesus ofereceu não está destinada apenas a uma raça ou a um só povo. Jesus Cristo mostrou que a salvação de Deus é para toda a humanidade. «Em todo caso, a ação de Jesus mostra que a missão salvífica de Deus inclui todos os povos, e isto é o

²⁹⁴ J. FUELLENBACH, *Church*, 49.

²⁹⁵ P. GIBBS, «Encountering difference: interculturality and contextual theology», in *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 88

²⁹⁶ M. ERICKSON, *Christian theology*, 1048.

²⁹⁷ J. FUELLENBACH, *Church*, 155.

²⁹⁸ F. GMAINER-PRANZL, «From “inculturation” to “interculturalization”», 132.

²⁹⁹ J. A. SAYÉS, *Iglesia de Cristo*, 227.

fundamento bíblico para o intercâmbio intercultural e o enriquecimento mútuo de todas as nações em resposta à missão de Deus»³⁰⁰. Jesus inclui todos: homens e mulheres, judeus e gentios, samaritanos e romanos.

Jesus derrubou as fronteiras existentes no nosso mundo. Ele é que ousou atravessar as fronteiras entre judeus, samaritanos e gentios. Jesus é o sacramento de Deus que ama todos, inclui todos e salva todos. Pelos gestos de Jesus, vemos um Deus que inicia uma nova comunhão com toda a humanidade. «Cristo é o sacramento de Deus. Ele é um sinal eficaz da nossa união com Deus e da comunhão de Deus conosco»³⁰¹. Jesus, o Emanuel, uniu-nos a Deus pela sua Igreja. A sacramentalidade da Igreja está sempre ligada a Jesus. «Logo, como *communio* com Deus, a Igreja é também um sinal e instrumento de *communio* entre os seres humanos, sinal e instrumento de paz, liberdade e justiça no mundo»³⁰². Como explica São Paulo: «não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (*Gal 3, 28*). Para atingirmos a comunhão com Deus, a comunhão de toda a humanidade é necessária.

Jesus fundou a Igreja para que seja o seu sacramento de comunhão de toda a humanidade no mundo. «Como Cristo é o sacramento de Deus, a Igreja é vista como o sacramento de Cristo. Ela fá-lo presente e tangível neste mundo até que Ele volte»³⁰³. A Igreja não é uma realidade fora da pessoa de Cristo. Sendo ela sacramento de Cristo, o mundo tem que ver Jesus Cristo na presença da Igreja. Como Cristo abriu o Reino de Deus para todos, a Igreja tem de fazer o mesmo. Ela tem que ser aberta e inclusiva para toda a humanidade.

A Igreja é o sacramento da unidade e comunhão de toda a humanidade em Jesus Cristo. Mas a Igreja como sacramento da comunhão de toda a humanidade é um processo. No Concílio de Jerusalém, vemos como foram unidos judeus e gentios na mesma Igreja. Naquele tempo, a Igreja era o sacramento da comunhão dos judeus e gentios na mesma fé. Ao longo do tempo, ainda muitos povos e culturas aderiram à mesma Igreja, professaram a mesma fé e acreditaram no mesmo Senhor. A Igreja é sempre o sacramento da comunhão de toda a humanidade. A Igreja é a luz que atrai e guia todos os povos e culturas à comunhão desejada por Deus para toda a humanidade. «A Igreja é continuamente chamada a tornar-se sinal de Cristo melhor do que tem sido»³⁰⁴. A Igreja vive para ser sacramento desta comunhão para os homens de todos os tempos. No nosso tempo de pluralidade e multiculturalidade, a interculturalidade é um

³⁰⁰ V. NGUYEN, «Biblical foundations for interculturality», 42.

³⁰¹ J. FUELLENBACH, *Church*, 157.

³⁰² W. KASPER, *Iglesia de Jesucristo*, 112.

³⁰³ J. FUELLENBACH, *Church*, 156.

³⁰⁴ A. DULLES, *Models of the Church: a critical assessment of the Church in all its aspects*, Gill and Macmillan Ltd., Dublin, 1976, 68.

testemunho cristão da comunhão de todos os povos e culturas na Igreja. A interculturalidade é um processo que não pretende apenas um mero reconhecimento da diversidade e pluralidade de povos e culturas, nem uma tolerância pacífica das diferenças culturais e raciais, mas propõe uma convivência de povos e culturas em que todos se enriquecem mutuamente.

O termo “interculturalidade” sugere uma comunhão entre povos e culturas na Igreja. O intercâmbio, o diálogo, o respeito mútuo e a igualdade dos povos e culturas levam-nos à comunhão. «A Igreja é uma comunhão, um conjunto de relações baseadas na partilha dos dons de Cristo para formar o seu povo»³⁰⁵. A Igreja intercultural é um sacramento de comunhão para o mundo plural e multicultural. Pela interculturalidade, a Igreja é um testemunho de que a comunhão de diferentes povos e culturas é possível.

Deus chama todos os povos e culturas à comunhão com Ele. «Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um sacramento visível»³⁰⁶. A Igreja como sacramento de comunhão de toda a humanidade tem que ser visível. «Exige-se a unidade visível entre todos os cristãos; sem isto, o sinal, ou a comunhão que a Igreja é, seria fragmentado numa multidão de sinais desconectados»³⁰⁷. A Igreja como sacramento é a comunhão de todos os povos e culturas. As igrejas não são separadas, porque vivem a fé única em diferentes contextos ou em diferentes expressões. Sendo cristãos de diferentes culturas, temos que viver a unicidade da Igreja, senão a Igreja como sacramento de comunhão não teria sentido. A Igreja é sacramento de comunhão entre nós e depois para os de fora. «A Igreja deve usar a sua própria unidade interna como fermento para restaurar a unidade da raça humana»³⁰⁸. É pela nossa interculturalidade que convidamos todos os povos a trabalhar para a comunhão de toda a humanidade.

A Igreja intercultural é o sacramento da comunhão de toda a humanidade no mundo. A Igreja que celebra a diversidade de povos e culturas em pé de igualdade é um sacramento para um mundo em que a diferença é motivo de desigualdade e divisão. Uma Igreja que constrói um bom relacionamento entre membros de diferentes povos e culturas é a Igreja de que o mundo precisa. «A Igreja, que se constituiu em sinal e instrumento de comunicação e manifestação de Deus aos homens, deve refletir na sua vida e missão os traços da Santíssima Trindade, de quem é ícone»³⁰⁹. A comunhão é importante para a vida e missão da Igreja. Aliás, é um elemento fundamental do seu ser e natureza. Ela é sacramento de Deus Trindade, Deus relacional. «O

³⁰⁵ F. C. GEORGE, «The significance of Vatican II», in *Communio International Catholic Review* 39, nº 1-2 (2012), 26.

³⁰⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 9.

³⁰⁷ A. DULLES, *Models of the Church*, 63.

³⁰⁸ F. C. GEORGE, «The significance of Vatican II», 14.

³⁰⁹ R. BLÁZQUEZ, «La Iglesia, “ícono” de la comunión trinitaria», 228.

caráter sacramental da Igreja é relacional»³¹⁰. Portanto, a Igreja tem que fortalecer a sua unidade e comunhão construindo laços e relações baseados na reciprocidade e igualdade entre cristãos de diferentes povos e culturas. Nisto, a interculturalidade, como processo de interação e convivência entre os diferentes povos e culturas na Igreja, é muito útil para alimentar as nossas relações. «Onde a comunhão entre nós não for vivida, também a comunhão com o Deus – Trindade não é viva nem verdadeira»³¹¹. Se os cristãos não vivem em comunhão perdem o sentido de ser sacramento da comunhão.

2.3. A Igreja una, santa, católica, apostólica e intercultural

O termo “interculturalidade” é relativamente novo, mas o seu sentido já estava presente no seio da fundação da Igreja. Desde os primeiros momentos da Igreja, ela já sabia do seu aspeto intercultural. Dois fundamentos óbvios do aspeto intercultural da Igreja são o mandato missionário de ir pelo mundo inteiro e a inauguração da Igreja no Pentecostes. «O *locus* da comunidade da nova Aliança já não era só uma nação (como a comunidade da antiga Aliança), mas uma comunhão transnacional que busca viver a nova vida dada pelo Espírito num mundo que pensa não poder partilhar os seus valores»³¹². Desde o Pentecostes, quando a comunidade de Jesus saiu daquela sala de cima para o mundo, a Igreja sabia que é para todos os povos e culturas. A Igreja que professamos como una, santa, católica e apostólica é também intercultural.

Os Padres da Igreja fizeram bem ao pôr estas quatro características da Igreja no Credo. Assim, cada vez que confessamos a nossa fé, lembramos a verdadeira identidade da Igreja que é una, santa, católica e apostólica. Na verdade, a Igreja recebe de Cristo estes dons, que são ao mesmo tempo um convite, ou seja, a missão de trabalhar na sua unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade. Estas características entram no mistério da Igreja: “já mas ainda não”. «A afirmação da Igreja como una, santa, católica e apostólica deve ser entendida escatologicamente»³¹³.

Ao professar a fé na Igreja una, santa, católica e apostólica, sentimos a nossa responsabilidade de realizar a unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja na nossa vida cristã. Cada um de nós tem que contribuir com a sua parte para a construção de uma

³¹⁰ J. A. ESTRADA, *Del misterio de la Iglesia al pueblo de Dios*, 103.

³¹¹ BENTO XVI, *Os doze apóstolos*, 43.

³¹² D. A. CARSON, «Christian witness in an age of pluralism», 45.

³¹³ M. FAHEY, «Church», 42-43.

Igreja verdadeiramente una, santa, católica e apostólica. Nós, como membros desta Igreja, temos que viver a unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade como o nosso testemunho da fé. Para nós, a interculturalidade é uma nova perspectiva, caminho e oportunidade de viver a unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja.

A Igreja é chamada a viver com o contexto do seu tempo. O nosso tempo é marcado pelo pluralismo e multiculturalismo. «Esse novo lugar ocupado pela Igreja católica confirmava a necessidade de voltar a valorizar a diversidade dentro dela própria»³¹⁴. O Concílio Vaticano II afirma que a Igreja deve viver a unidade em diversidade. Neste caso, a diversidade de povos e culturas na Igreja é promovida, mas com o desejo ardente de uma unidade mais profunda e rica de todos os cristãos na Igreja. À luz deste espírito, muitos sugerem a interculturalidade como processo de viver a unidade em diversidade da Igreja. «Aceitar a interculturalidade como um processo permite que as pessoas aprendam umas com as outras, para enriquecer e ser enriquecidas por outras pessoas»³¹⁵. Pela convivência, diálogo, interação e reciprocidade, os diferentes povos e culturas enriquecem a fé de cada um. Assim, «a diversidade é condição para a unidade da Igreja»³¹⁶.

A unidade da Igreja vem do princípio de que a fé é só uma e o Senhor é só um. A Igreja vive a oração sacerdotal de Jesus «que todos sejam um só» (*Jo 17, 21*). A santidade da Igreja vem do princípio de que tem origem em Deus que é santo. Como Deus Trindade é santo, a Igreja também é santa. Ao ser sacramento da comunhão de Deus com a humanidade e de toda a humanidade, ela é santa. «A Igreja é o lugar do encontro»³¹⁷. Ela é um lugar de encontro entre diferentes povos e culturas e lugar de encontro entre Deus e a humanidade. Ao ser sacramento e instrumento de encontro e comunhão, a Igreja é santa. Praticamente, já falámos da relação da unidade e da santidade da Igreja com a interculturalidade quando falámos das duas imagens da Igreja: corpo de Cristo e sacramento da comunhão.

Agora, abordamos a relação da catolicidade e apostolicidade da Igreja com a interculturalidade. «Por ser “católica”, universal, a Igreja é enviada a todos os Povos e homens e, nesse sentido, apostólica, quer dizer, a Igreja é toda ela missionária, enviada»³¹⁸. A catolicidade e a apostolicidade da Igreja também nos levam a apreciar a nossa interculturalidade. A Igreja é católica, porque se destina a todos os povos e culturas. A apostolicidade vem do princípio de que a verdadeira Igreja fundada por Jesus é a Igreja iniciada

³¹⁴ W. L. SANCHEZ, «O Concílio Vaticano II e o tema da diversidade», in *Revista Espaços* 23, nº 2 (2015), 129.

³¹⁵ P. B. KLEDEN, «Trinitarian spirituality and interculturality», 33.

³¹⁶ W. L. SANCHEZ, «O Concílio Vaticano II e o tema da diversidade», 133.

³¹⁷ B. FORTE, *La Iglesia de la Trinidad*, 41.

³¹⁸ A. V. PINTO, *Revelação e Fé I*, 450.

pela comunidade dos Apóstolos. Jesus escolheu doze homens como seus discípulos. Ele fundou a Igreja a partir desta comunidade liderada por Pedro. A Igreja é apostólica, porque recebeu a mesma missão dos Apóstolos. Jesus enviou os seus discípulos a toda a terra, a evangelizar todos os povos e culturas. E, como os Apóstolos que falaram em diferentes línguas no Pentecostes, a Igreja é chamada a dialogar com todos os povos e culturas.

A catolicidade da Igreja é importante para a sua interculturalidade. O motivo de convivência e diálogo intercultural de diferentes povos e culturas na Igreja é o princípio de que todos fazem parte da Igreja universal. O ser católico da Igreja exige que ela seja intercultural. «Em suma, ser “católico” significa ser capaz de comunicar a fé cristã de forma intercultural»³¹⁹. A Igreja que se destina a todos os povos e culturas sempre assegura a sua catolicidade, para que as igrejas locais se sintam uma só Igreja. «O que dominava como Igreja católica era expressão das diferentes igrejas locais com a diversidade própria de cada uma delas»³²⁰. A catolicidade salvaguarda a diversidade das igrejas e comunidades cristãs e a união de todos numa só Igreja. Embora existam diferenças culturais nas igrejas locais, elas são parte da Igreja universal que confessa uma só fé no único Senhor. «A catolicidade é expressão teológica da realidade de que o alcance do amor de Deus não é divisivo nem opressivo, mas reúne a diferença genuína numa totalidade inclusiva»³²¹. A interculturalidade pode ajudar-nos a ser inclusivos, abertos e respeitosos de todos os povos e culturas inseridos na Igreja católica.

Os quatro atributos da Igreja não contradizem, aliás reforçam, a interculturalidade da Igreja. A unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja são motivos para abraçarmos a nossa interculturalidade. A Igreja una, santa, católica e apostólica é necessariamente intercultural. Pela interação, convivência e diálogo entre diferentes povos e culturas na Igreja, concretizamos estes seus quatro atributos. A interculturalidade é o testemunho da fé na Igreja una, santa, católica e apostólica perante a sociedade pluralista e global.

3. A interculturalidade e o Reino de Deus

Um dos fundamentos principais dos que promovem a interculturalidade é a proximidade do Reino de Deus. O centro do ministério e vida de Jesus é o Reino de Deus. Todos os

³¹⁹ F. GMAINER-PRANZL, «From “inculturation” to “interculturalization”», 137.

³²⁰ W. L. SANCHEZ, «O Concílio Vaticano II e o tema da diversidade», 128.

³²¹ R. GAILLARDETZ, *Ecclesiology for a global Church*, 35.

evangelhos destacam a centralidade do Reino de Deus no ministério de Jesus, como vemos nas parábolas que contou e nos milagres que fez. Logo no início da sua vida pública, Jesus anunciou: «convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu» (*Mt* 4, 17). A Igreja foi fundada por Jesus para ser o sacramento deste Reino até à sua consumação no fim dos tempos.

O Reino de Deus é inclusivo e aberto a todos os povos da terra. O Reino de Deus é sempre visto como reunião ou comunhão de todos os povos na terra. «Os profetas do Antigo Testamento descrevem o Reino de Deus da Nova Aliança como um reino universal de amor, harmonia, paz e bênção»³²². O profeta Isaías conta-nos como Deus lhe revelou numa visão o Reino. «Eu virei para reunir os povos de todas as línguas; todos virão e contemplarão a minha glória» (*Is* 66, 18).

No Novo Testamento, Jesus abriu a porta do Reino para todos os povos e culturas. Ele é o sacramento do Reino de Deus. Jesus incluiu todos, independentemente do seu grupo cultural, raça ou papel político e social na sociedade daquele tempo. Jesus descreve o Reino de Deus como um banquete, com lugar para todos. «Do Oriente e do Ocidente, muitos virão sentar-se à mesa do banquete com Abraão, Isaac e Jacob, no Reino do Céu» (*Mt* 8, 11). Por isso, a Igreja foi enviada a todos os povos e culturas da terra, para que todos cheguem a conhecer a vinda deste Reino e participem na sua construção vivendo os seus valores.

3.1. A Igreja, o Povo de Deus e o Reino de Deus

Para compreendermos a interculturalidade da Igreja é bom vermos a sua relação com os dois conceitos teológicos: Povo de Deus e Reino de Deus. A Igreja é o sacramento do Povo de Deus e do Reino de Deus. Ela é instrumento e sinal dos dois neste mundo. A Igreja serve Cristo na sua missão de reunir todos os povos e culturas num só Povo de Deus, serve Cristo na sua missão de construir o Reino de Deus.

O Povo de Deus já estava presente no Antigo Testamento. Quando Deus chamou Abraão, disse-lhe: «Farei de ti um grande povo» (*Gn* 12, 2). Desde então, o povo de Israel serviu como povo escolhido por Deus. No Novo Testamento, Deus escolheu o seu novo Povo por meio de Jesus Cristo. «Ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus»³²³. O Concílio Vaticano II entende o Povo de

³²² K. ALGERMISSEN, *Iglesia católica y confesiones cristianas*, 24.

³²³ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 13.

Deus como toda a humanidade. O novo Povo, não como o do Antigo Testamento, é mais inclusivo e abrangente.

A Igreja como Povo de Deus vê-se como um povo enviado a todos os povos e culturas da terra para lhes levar a graça e a salvação de Deus. A Igreja como Povo de Deus deve ser um povo de reconciliação e amor. Segundo Avery Dulles, «é essencial [...] que a Igreja retenha a sua capacidade, tão surpreendente para o mundo antigo, de juntar judeus e gentios, gregos e bárbaros, num único povo»³²⁴. Em todos os tempos, a Igreja é um instrumento de encontro e comunhão dos diferentes povos e culturas. A Igreja, para ser verdadeiramente o Povo de Deus, deve viver para cumprir o desejo de Deus de reunir toda a humanidade num só povo. No documento conciliar *Gaudium et spes*, a Igreja dirige-se não apenas aos que estão dentro da Igreja, mas a toda a humanidade, toda a família humana. Na verdade, o Povo de Deus é maior que a Igreja. Mas ela tem a sua grande missão de chamar todos os povos a esta união.

«Esta metáfora “Povo de Deus” apresenta a Igreja como um *povo peregrino*, um povo no caminho para o seu destino final, a realização do Reino que vem»³²⁵. A Igreja como Povo de Deus está numa constante peregrinação na terra. Ela, como todos os homens, caminha na terra até chegar à sua plena realização em Deus no seu Reino. Todos os povos e culturas são chamados a participar e fazer parte do único Povo de Deus.

«E assim, o Povo de Deus encontra-se entre todos os povos da terra, já que de todos recebe os cidadãos, que o são de um reino não terrestre, mas celeste»³²⁶. Se Deus está presente em todos os povos e culturas e a dignidade de ser povo de Deus é oferecida por Deus a todos, nenhum povo ou cultura é mais importante ou menos importante na Igreja. Todos têm a mesma e igual dignidade no Povo de Deus.

«A igualdade fundamental entre todos os homens deve ser cada vez mais reconhecida, uma vez que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem»³²⁷. Pela interculturalidade, esta igualdade fraternal entre povos é reconhecida e valorizada. Para que todos os povos e culturas se sintam iguais no encontro e interação, devia existir um outro espaço entre eles. O prefixo ‘*inter*’ exige um duplo movimento de dar e receber: reciprocidade. Assim, o terceiro espaço é necessário.

O conceito de «terceiro espaço de enunciação»³²⁸ foi criado por Homi K. Bhabha, um teórico sociocultural. Agnes Brazal e Emmanuel de Guzman adotaram-no e realçam a sua

³²⁴ A. DULLES, *The reshaping of catholicism: current challenges in the theology of the Church*, Harper & Row, Publishers, Inc., New York, 1988, 45.

³²⁵ J. FUELLENBACH, *Church*, 45.

³²⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 13.

³²⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 29.

³²⁸ H. K. BHABHA, *The location of culture*, Routledge, New York, 1994, 54.

importância na interculturalidade. O ‘terceiro espaço’ «é o “espaço intermediário” entre significado cultural e identidade»³²⁹ que serve como espaço de encontro entre diferentes povos e culturas na comunidade intercultural. Nesse ‘terceiro espaço’, todos os povos e culturas dialogam uns com os outros em pé da igualdade. Aqui, ninguém é totalmente de dentro e ninguém é totalmente de fora. Só assim se pode evitar uma atitude de domínio.

O ‘terceiro espaço’ proporciona o ambiente para o encontro. Exige-se que todos os povos tenham uma atitude adequada na interculturalidade. Todos os povos e culturas têm a missão de proporcionar esse espaço a todos. «A missão encontra-se no “inter” – esse é o espaço entre o que é familiar e o que é diferente, entre unidade e diversidade, e entre global e local»³³⁰. Assim, todos os povos poderão sentir-se em casa e membros do único Povo de Deus, porque ninguém é totalmente diferente e estranho. Todos nós somos familiares na mesma família humana, Povo de Deus.

O Povo de Deus caminha para o Reino de Deus. O povo de Deus é um povo peregrino a caminho da sua própria pátria. A pátria do Povo de Deus é o próprio Deus no seu Reino. «Mas porque o Reino de Cristo não é deste mundo, a Igreja, ou seja, o Povo de Deus, ao implantar este reino, não subtrai coisa alguma ao bem temporal de nenhum povo, mas, pelo contrário, fomenta e assume as qualidades, as riquezas, os costumes e o modo de ser dos povos»³³¹. A Igreja é o fermento para todo o Povo de Deus a caminho do Reino de Deus. A Igreja ainda não é o Reino, mas é o sacramento e instrumento da sua construção na história até à sua plena realização.

«A Igreja é algo de essencialmente presente hoje, e como comunidade dissolver-se-á no futuro; o Reino em seu sentido mais pleno é eterno»³³². O Reino está próximo. Os discípulos de Jesus entenderam que a vinda do Reino acontecia no tempo de Jesus. Por isso, a sua comunidade esperava ferverosamente a vinda do Reino, vivendo os valores do Reino, formando-se, assim, a presença do Reino de Deus na terra. Pela Igreja, Povo de Deus, o Reino de Deus está verdadeiramente próximo. Ela é o sacramento, sinal visível do Reino. «Pode, pois, dizer-se que toda a Igreja é chamada e enviada a implantar o Reino, a torná-lo presente e actuante, a deixá-lo emergir»³³³.

A Igreja não é o Reino de Deus, mas pela sua presença no mundo, o Reino está próximo. A Igreja que vive os valores do Reino de Deus na terra é a presença do Reino na terra. Embora

³²⁹ A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, «Exploring “interculturality” with Hall, Bhabha, and Bourdieu», 55.

³³⁰ P. GIBBS, «Encountering difference», 85.

³³¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 13.

³³² R. LOMBARDI, *Igreja e Reino de Deus*, 68.

³³³ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 452.

o Reino de Deus ainda não se realize completamente, temos esperança na sua proximidade, porque temos algo que nos faz sentir a sua presença através da Igreja. «O Reino de Deus, enquanto horizonte e meta da vida cristã, tem consequências ao nível das relações entre as pessoas e entre os povos»³³⁴. Pela Igreja, já temos a experiência do Reino, ainda que seja uma experiência imperfeita ou incompleta.

A Igreja é a construção do Reino na terra. «Visto como a construção do Reino da Vida, a natureza missionária da Igreja deve também ser entendida como missão *inter-gentes*»³³⁵. O Reino de Deus é aberto e inclusivo a todos os povos e culturas que querem viver os seus valores de amor, igualdade, comunhão, paz e justiça. A Igreja, como construção do Reino, deve viver já estes valores aqui na terra. E para isso, tem que viver a interculturalidade. A Igreja deve ser aberta e inclusiva a todos os povos e culturas. Ela tem a missão de ser o instrumento de reconciliação e comunhão de toda a humanidade. A interculturalidade é muito útil para este projeto. Na interculturalidade, a diferença cultural e racial não é vista como limitação para a comunhão de diferentes povos e culturas. A Igreja que proporciona um verdadeiro encontro, interação, diálogo, reciprocidade e convivência entre diferentes povos e culturas é a Igreja fiel à sua missão de ser o fermento do Reino de Deus na terra. Pela sua interculturalidade, a Igreja é o Povo de Deus a caminho para o Reino de Deus. Ela ainda está a caminho, em peregrinação, mas já é chamada a ser o Povo de Deus e a viver no Reino de Deus.

3.2. A Igreja intercultural a caminho do Reino de Deus

«A Igreja tenta forçar o seu caminho para o Reino, não pelo seu próprio discipulado, mas buscando identificar-se com o Reino»³³⁶. Ela não é o Reino, mas identifica-se com o Reino pelo seu serviço. «[A Igreja] não vive para si, mas para os outros, para anunciar, celebrar e construir o Reino no meio dos homens, sem cessar e sem exceção, como os Apóstolos»³³⁷. A Igreja não vê a sua existência como algo definitivo. O anúncio da vinda do Reino de Deus faz a Igreja lembrar sempre o seu ser e missão em direção à salvação oferecida por Deus. Ela é peregrina. «A noção de “Igreja peregrina” (estrangeiros residentes) é muito relevante – não está totalmente em casa em nenhum lugar, mas sente-se em casa em todos os lugares»³³⁸. Esta

³³⁴ J. A. SILVA, «Reino de Deus», 93.

³³⁵ S. NAKANOSE, «Bible, life and mission: Jesus and a syro-phoenician woman (Mk 7:24-30)», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 114.

³³⁶ J. M. LOCHMAN, *The faith we confess*, 207.

³³⁷ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 450.

³³⁸ T. MANJALY, «Cultural contextualization of the gospel of Paul», in *Verbum SVD* 50, fasc. 2 (2009), 237

imagem da Igreja como peregrina dá-nos uma relação íntima entre a Igreja no presente e o Reino de Deus no futuro.

«A Igreja é sinal do Reino de que é portadora e sacramento. Tudo nela existe para o Reino e o Reino é a realidade última que a alenta e habita»³³⁹. O ser sinal do Reino é, para a Igreja, uma tarefa e missão. Ela tem a missão de anunciar e levar a boa nova da salvação de Deus a toda a terra. O seu ser e missão estão ligados ao Reino de Deus, à sua plena consumação. «Já afirmámos várias vezes que o Reino é mais vasto do que a Igreja. Mas dissemos também que a Igreja está dentro do Reino e insinuámos que este guarda estreita relação com ela»³⁴⁰. A existência da Igreja não se vê fora do contexto do Reino de Deus. Senão, como Alfred Loisy, não veremos a relação entre a Igreja e o Reino de Deus.

Quando Jesus anunciou a vinda do Reino de Deus, muitos acreditaram e seguiram Jesus. Estes discípulos formaram, primeiramente, comunidades e, mais tarde, igrejas locais que, até ao momento, como uma só Igreja, continuam a esperar pela vinda do Reino de Deus. Toda a Igreja em toda a terra vive na esperança da vinda do mesmo Reino. Como rezamos todos os dias na oração do Pai Nosso «venha a nós o vosso Reino». Mas a Igreja não olha a vinda do Reino como algo totalmente escatológico. «Pedir a vinda do reino não é esperar que tal prece seja atendida só no futuro escatológico ou com a segunda vinda do Senhor. É antes uma prece que nos compromete com o presente: cientes de que o “reino já está entre nós”»³⁴¹. O pedido da vinda do Reino é, por um lado, uma esperança da realização plena do Reino no futuro e, por outro lado, um compromisso constante a construir no presente o Reino de Deus que já está no meio de nós.

«Na pregação de Jesus, a *basileia* de Deus não está “já totalmente presente” no momento em que ele está a falar (“escatologia realizada”), nem totalmente ausente e ainda aguardando realização no futuro (“escatologismo”)»³⁴². O Reino de Deus já está no meio de nós, mas ainda está no caminho da sua consumação. Em todos os tempos, a Igreja tenta o seu melhor para viver a dimensão presente do Reino na terra. No nosso tempo, a interculturalidade da Igreja podia ser uma experiência do Reino de Deus na sua inclusão.

Na interculturalidade da Igreja, onde existem diálogo, reciprocidade, mútuo respeito, igualdade, comunhão, fraternidade e convivência enriquecedora entre diferentes povos e culturas, podemos sentir estar no Reino de Deus. Ao viver interculturalmente, a Igreja torna-se

³³⁹ A. V. PINTO, *Revelação e fé I*, 452.

³⁴⁰ R. LOMBARDI, *Igreja e o Reino de Deus*, 110.

³⁴¹ I. LAMELAS, «O Pai Nosso comentado pelos Padres da Igreja: Súplicas da primeira parte», in *Communio Revista Internacional Católica* 33, nº 1 (2016), 46.

³⁴² M. FAHEY, «Church», 18.

a presença do Reino na terra. A Igreja é chamada a ser o instrumento de transformação do nosso mundo em Reino de Deus. «O Reino de Deus não é um outro mundo sobrenatural, mas a conclusão da restauração deste mundo, do nosso mundo que está em desordem»³⁴³. A Igreja compromete-se a ser o fermento do Reino de Deus. Ela vai ser o instrumento que transformará toda a massa. Esperamos que, pela nossa interculturalidade, toda a humanidade veja a possibilidade de restauração da família humana que foi dividida pela sua própria diferença.

A consumação do Reino não depende totalmente do nosso esforço, mas, mesmo assim, temos que cumprir o nosso papel na construção do Reino. «É plano imperscrutável de Deus que o Reino universal não se realize sem o núcleo misterioso e também institucional chamado Igreja, enviado ao mundo essencialmente para o transformar no Reino de Deus»³⁴⁴. Ao viver a interculturalidade, ousamos ser instrumento de restauração da família humana. Como a Igreja foi o instrumento da união entre judeus e gentios no tempo dos Apóstolos, somos chamados agora a ser o instrumento de uma união maior, não apenas entre dois povos, mas de todos os povos. A interculturalidade é necessária para uma tal união.

«A vinda do Reino de Deus é uma graça, mas uma graça que é eficaz na e através da ação humana e não fora dela, acima dela ou atrás dela»³⁴⁵. Na verdade, a interculturalidade não é apenas dependente do esforço e desejo humano. Antes de tudo, a interculturalidade é uma graça de Deus. Podemos ver na história humana, como nos destruimos e nos dividimos por causa das nossas diferenças étnicas e culturais. Não faltam exemplos de como a humanidade se lançou em guerras entre si. A interculturalidade, como o Reino de Deus, é uma esperança nossa e um compromisso diário a cumprir.

A Igreja está no caminho para o Reino de Deus. Isto quer dizer que já tem a presença do Reino. Ao caminhar para o Reino, já se prepara para o seu destino. Como fomos chamados a construir o Reino de Deus na terra, temos que dar sempre o que é preciso, de acordo com os sinais dos tempos. A nossa realidade contemporânea de pluralidade e multiculturalidade pode ser uma oportunidade para a Igreja avançar na sua peregrinação para o Reino. Pois a interculturalidade não é fácil nem simples, mas passos têm que ser dados. «É este desafio de uma Igreja multicultural é para que a Igreja se torne um lar para pessoas de diferentes culturas, um instrumento de diálogo intercultural e um sinal da inclusão do Reino de Deus»³⁴⁶.

³⁴³ E. SCHILLEBEECKX, *Church*, 133.

³⁴⁴ R. LOMBARDI, *Igreja e Reino de Deus*, 112.

³⁴⁵ E. SCHILLEBEECKX, *Church*, 234.

³⁴⁶ A. PERNIA, «A multicultural SVD in a multicultural world», in *Verbum SVD* 43, fasc. 2 (2002), 153.

3.3. Interculturalidade: o ‘hoje’ do Reino de Deus

Quando foi perguntado sobre a vinda do Reino de Deus, Jesus disse: «O Reino de Deus não vem de maneira ostensiva. Ninguém poderá afirmar: ‘Ei-lo aqui’ ou ‘Ei-lo ali’, pois o Reino de Deus está entre vós» (Lc 17, 20-21). Uma vez, o anúncio da vinda do Reino de Deus é acompanhado pelo adjetivo “próximo”, algo que vem ainda. Outras vezes, Jesus afirma que o Reino de Deus está no meio de nós, algo que já está presente. Pois o Reino de Deus é um mistério: ‘já está’, mas ‘ainda não’. «Sobre a terra, o reino já está misteriosamente presente; quando o Senhor vier, atingirá a perfeição»³⁴⁷.

O Reino de Deus está no meio de nós. «Os cristãos acreditam que o Reino de Deus entrou [no mundo] num estado final e decisivo com a Encarnação de Deus em Cristo»³⁴⁸. Jesus Cristo é a presença do Reino de Deus na terra. Quando Jesus encarnou e viveu entre nós, o Reino de Deus também foi plantado no meio de nós. Jesus Cristo é que nos abriu o Reino de Deus e por Ele é que entramos no Reino. Convém dizer que, se Jesus está no meio de nós, o Reino também está no meio de nós. Assim, o Reino está presente no espaço e no tempo. ‘Hoje’, o Reino de Deus está presente no meio de nós.

«Jesus é o “Reino de Deus em pessoa”»³⁴⁹. Ele é que faz presente o Reino de Deus na terra. A Igreja, como é sacramento de Cristo e do Reino de Deus, tem a missão de tornar presente o Reino de Deus no nosso dia-a-dia. «Sacramento significa que a Igreja simbolicamente abre o mundo presente ao final, o Reino de Deus»³⁵⁰. No presente, a Igreja, pela graça de Deus, é instrumento da construção e transformação do nosso mundo no Reino de Deus. No tempo de globalização e pluralismo, o ‘hoje’ do Reino seria uma comunidade onde se vive a unidade em diversidade, diálogo intercultural e convivência enriquecedora. Uma comunidade onde toda a família humana, apesar da sua diferença interna, vive em comunhão.

«Uma Igreja que fomente a genuína interculturalidade por dentro e promova o diálogo intercultural por fora será um sinal verdadeiramente credível da abrangência do Reino de Deus»³⁵¹. Como o processo da globalização, que olha para o mundo como um todo que antes foi visto fragmentado, também a interculturalidade é o processo de vermos a humanidade como uma só família, antes vista como raças e povos diferentes e isolados. As nossas diferenças eram motivo de divisão e desunião. Agora, as diferenças são motivo de unidade e mutualidade.

³⁴⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 39.

³⁴⁸ M. FAHEY, «Church», 19.

³⁴⁹ M. FÉDOU, «Jesus e o Reino», in *Communio Revista Internacional Católica* 33, nº 1 (2016), 40.

³⁵⁰ J. FUELLENBACH, *Church*, 208.

³⁵¹ A. PERNIA, «A multicultural SVD in a multicultural world», 154.

Dentro e fora da Igreja, está a crescer a consciência de uma unidade em diversidade. Dentro da Igreja, entendemos a unidade em diversidade como interculturalidade. Para nós, uma verdadeira unidade em diversidade passa pela interculturalidade.

«A Igreja deveria apostar na criação de mecanismos que facilitem a transformação de comunidades multiculturais (paróquias, por exemplo) em comunidades interculturais que sejam um sinal do Reino de Deus, inclusivo e universal»³⁵². A Igreja prefere o termo ‘interculturalidade’ ao termo ‘multiculturalidade’. Há grande diferença entre os dois termos. A interculturalidade procura uma interação e diálogo entre os povos e culturas presentes. Esta interação tenta informar cada um sobre a diferença e semelhança de cada um, da riqueza de cada um: reciprocidade. Chegando a certo conhecimento da cultura de cada um, os povos e culturas são convidados a entrar em relações mais íntimas e respeitadas, a fim de que haja fraternidade e comunhão entre os diferentes povos e culturas na Igreja.

A multiculturalidade é um processo que nos leva ao reconhecimento da existência de muitos povos e culturas. Ela está ligada à globalização, ou, para muitos, é fruto da globalização. «Certamente, a “multiculturalidade” tornou-se quase sinónimo de “globalização”. Assim, pode-se dizer que a multiculturalidade é simplesmente uma característica da aldeia global»³⁵³. A multiculturalidade é igual a uma mera consciência da diversidade de povos e culturas; mas não é menos importante. Sem a multiculturalidade não conseguiremos a interculturalidade. A primeira é o pré-requisito da segunda. A multiculturalidade prepara-nos para a interculturalidade.

Na Igreja, não queremos apenas ter a consciência da nossa multiculturalidade, mas queremos chegar a uma interculturalidade. A interculturalidade pretende uma comunhão que enriqueça cada povo e cada cultura que participa nela. Na interculturalidade, todos os povos e culturas convivem e enriquecem-se mutuamente e em pé de igualdade. Assim, a Igreja intercultural será vista como o ‘hoje’ do Reino de Deus. «A teologia do *Reino de Deus* é essencialmente positiva quanto à cultura»³⁵⁴. A Igreja intercultural é ‘hoje’ a «proclamação de que o Reino inclui todos e não exclui ninguém, e que nele não há forasteiros nem estrangeiros, somente irmãos e irmãs»³⁵⁵.

A Igreja intercultural será a presença e sinal vivo do Reino de Deus no mundo. A salvação do Reino de Deus é a restauração da dignidade e unidade de toda a humanidade feita

³⁵² J. A. SILVA, «Reino de Deus», 93.

³⁵³ A. PERNIA, «A multicultural SVD in a multicultural world», 145.

³⁵⁴ R. SCHROEDER, «Interculturality as a paradigm of mission», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 164.

³⁵⁵ A. PERNIA, «A multicultural SVD in a multicultural world», 154.

à imagem de Deus Trindade. Desde a queda dos nossos pais, o pecado entrou na única família humana, ficando esta cada vez mais dividida e isolada. Caim matou o seu irmão. Israel, o único povo, dividiu-se em monarquias. Ora, o Reino de Deus é a salvação para nós. Ele recolhe e reúne todos num só povo e assim recupera toda a família humana. Deste modo, voltaremos todos à comunhão uns com os outros e com Deus que nos criou. É o Reino em que todos se amam e se entendem. «O Reino de Deus não é um lugar: é o governo de Deus no mundo»³⁵⁶. A Igreja intercultural mostra já ao mundo de ‘hoje’ o reinado de Deus. Por isso, a Igreja tem que promover a interculturalidade dos seus membros.

Conclusão

A fé cristã é unificante. «Nada além da fé pode unir judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres numa comunidade religiosa»³⁵⁷. Ao ter a mesma fé no mesmo Senhor, todos os cristãos, em todos os tempos, são chamados à comunhão e à unidade. O nosso século é marcado pela globalização e pelo pluralismo. O nosso mundo está cada vez mais global e plural. A Igreja, como está no mundo, está em constante diálogo com o mundo. «Num mundo em mudança célere, com tendências globalizantes, a missão intercultural ou *missio inter gentes* é um apelo para apreciar a diversidade e encontrar maneiras para um maior empenho entre diferentes grupos»³⁵⁸.

A Igreja ousa viver a interculturalidade. Pela unidade dada pela fé, os diferentes povos e culturas entram no diálogo intercultural e convivem mutuamente. Nisto, os cristãos enriquecem-se mutuamente e a fé torna-se mais integral. A fé é o coração da Igreja intercultural. A única fé de muitos povos e culturas é o que nos faz viver a unidade em diversidade. Neste capítulo, vimos os fundamentos da interculturalidade cristã alimentada pela fé em Deus Trindade, na Igreja e no Reino de Deus. Deus Trindade é a origem da nossa interculturalidade. A Igreja é a comunidade presente onde vivemos a nossa interculturalidade. O Reino de Deus é a consumação e a perfeição da nossa interculturalidade.

A Igreja intercultural promove a convivência de todos os povos e culturas em pé de igualdade. Ela procura ser o sacramento da comunhão de toda a humanidade. Ela quer construir boas relações entre diferentes povos e culturas. Nós, cristãos, acreditamos que uma verdadeira

³⁵⁶ M. LAWLER; T. SHANAHAN, *Church*, 35.

³⁵⁷ T. SÖDING, «Testimony of faith», 451.

³⁵⁸ P. GIBBS, «Encountering difference», 88.

interculturalidade é possível, porque em Cristo já somos irmãos, filhos de Deus. Jesus é o salvador do homem caído. Ao fazer-se homem, Ele começou a curar as nossas divisões. Mas esta graça tem que ser acompanhada por uma resposta humana, a interculturalidade. «Olhando à escala global, se não formos capazes de construir um mundo que tenha lugar à mesa para todos, não teremos – nem merecemos – futuro»³⁵⁹. Se nós, cristãos, não vivêssemos a comunhão e a unidade na Igreja, não mereceríamos a comunhão com Deus nem entrar no seu Reino.

³⁵⁹ R. MARQUES, *Uma mesa com lugar para todos*, 17.

CONCLUSÃO

«Estabelecer o fundamento para uma Igreja intercultural exige muita oração, diálogo, abertura e intencionalidade»³⁶⁰. Pois a interculturalidade não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível. Ela exige muito da nossa parte, mas também vai enriquecer-nos na nossa vida cristã. A interculturalidade precisa de intencionalidade e abertura. Não como a multiculturalidade que apenas aceita ou tolera a situação global e plural da sociedade, pois a interculturalidade exige um compromisso e empenho para se construir uma comunidade onde a convivência de diversos povos e culturas a todos enriquece e onde a diversidade cultural é celebrada e a unidade é vivida.

Nos séculos passados, a diferença cultural era vista como um obstáculo, uma limitação ou uma barreira entre povos e culturas. Qualquer encontro entre diferentes povos e culturas criava tensão precisamente pelas diferenças culturais. Os homens caíam sempre na tentação de se separarem ou de se dividirem em grupos; ‘nós’ e ‘eles/outros’. Pior ainda, a tendência era cuidarmos de nós e defendermo-nos a nós mesmos dos outros. O outro, o diferente de nós, era visto como inimigo ou um potencial perigo. Mesmo entre os cristãos existia essa «mentalidade de “nós *versus* outros” na Igreja»³⁶¹. A diferença cultural era motivo de divisão.

Antigamente, era impensável imaginar o mundo que temos hoje. Até nós, que já vivemos na sociedade plural e multicultural, ainda estranhamos que seja possível que os povos de diferentes origens culturais possam viver juntos no mesmo espaço. Por um lado, isso é normalíssimo. «Existe uma tensão natural entre a unidade e a diversidade, pelo menos quando as experimentamos de maneira prática e, falando teologicamente, na condição de humanidade caída»³⁶². Desde a queda do homem, a tendência humana é para a divisão. Por outro lado, como cristãos, filhos de Deus Pai, somos chamados à união e comunhão. Por amor de Jesus Cristo e pela santificação da graça, nós podemos superar essa tensão entre unidade e diversidade. Além disso, Deus é a fonte e princípio de ambas.

A unidade em diversidade é um aspeto importante da Igreja. Ela vive sempre esta unidade em diversidade em diferentes contextos e tempos. A situação atual muda o nosso modo de entender e viver a unidade em diversidade. A sociedade globalizante e pluralista desafia a

³⁶⁰ C. A. SMITH, «Laying a Foundation for a true and viable intercultural church», in G. J. KIM; J. ALDREDGE-CLANTON, (eds.), *Intercultural ministry: hope for a changing world*, Junson Press, Valley Forge, 2017, 97.

³⁶¹ H. CHOE, «Teología intercultural: una perspectiva asiática», in J. J. TAMAYO; R. FORNET-BETANCOURT, (eds.), *Interculturalidad, diálogo interreligioso y liberación*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005, 97.

³⁶² N. APOSTOLA, «How much unity? How much diversity?», 119.

Igreja, sobretudo no testemunho e vivência da fé cristã. Os contactos e encontros diretos entre diferentes povos e culturas criam um novo terreno onde esta unidade em diversidade possa crescer e frutificar. Na sociedade onde se vê e vive a pluralidade cultural, a Igreja pode aprofundar a sua teologia da unidade em diversidade.

Pela interculturalidade, a Igreja terá uma nova compreensão e experiência da unidade em diversidade. A interculturalidade é uma mudança de paradigma. Na sociedade onde vivemos na pluralidade e diversidade de povos e culturas, a interculturalidade convida-nos a aprofundar a nossa inter-relação, a estabelecer uma Igreja onde todos os diferentes povos e culturas convivem e se enriquecem mutuamente e em pé de igualdade. A interculturalidade convida-nos a evangelizar o nosso relacionamento e a aprofundar a nossa convivência. Por isso, acreditamos que a interculturalidade é a resposta certa e cristã para o nosso contexto.

Antes de mais, temos que ver o fundamento da interculturalidade. Ela é uma missão difícil. Se o seu fundamento e sentido não fossem claros para nós, não conseguiríamos realizá-la verdadeiramente. Nós, cristãos, não vivemos a interculturalidade em nome da interculturalidade, mas de Deus que nos reúne num só Povo. Por isso, a interculturalidade funda-se na nossa própria fé em Deus Trindade, na Igreja e no Reino de Deus. A nossa fé é a base da nossa vida intercultural. Com esta dissertação, provámos que é a fé cristã que dá sentido à nossa interculturalidade. É o coração da Igreja intercultural.

«Às vezes, quando a unidade sem diversidade e a diversidade sem unidade levam à morte, a educação cristã é chamada a revelar uma vida de diversidade e unidade, segundo o arquétipo da vida trinitária»³⁶³. A unidade em diversidade de Deus Trindade é uma unidade que não confunde. A diversidade é aquela diversidade que não divide. Deus Trindade é a origem e o modelo da nossa unidade em diversidade. A interculturalidade vai levar-nos a essa unidade em diversidade. Como cristãos, acreditamos num só Deus em três pessoas. A santíssima Trindade é o maior e o central mistério da fé e vida cristã. Acreditamos na unidade perfeita e eterna das três pessoas, distintas uma das outras, num só Deus. Em Deus, vive-se a unidade em diversidade. Deus é a comunidade de amor. As três pessoas divinas amam-se mutuamente e perfeitamente. O mistério de Deus está no amor que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É o amor que pode ajudar-nos a apreciar o mistério divino. Afinal, Deus é amor. No amor divino existe a reciprocidade, a igualdade, e o intercâmbio.

A única criatura feita à imagem e semelhança de Deus é o homem, como nos diz a Sagrada Escritura: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus» (*Gn*

³⁶³ S. FOTIOU, «Diversity and unity», 277.

1, 27). Perguntamo-nos o que significa sermos à imagem de Deus? No ponto de vista eclesiológico, é na comunhão que somos a imagem de Deus. A Santíssima Trindade é a comunhão das três pessoas divinas. É na nossa comunhão que vivemos essa imagem de Deus em nós. «É no viver em comunidade com a diversidade de pessoas, cada uma feita à imagem de Deus, que nós vislumbramos mais o Deus que nunca podemos conhecer plenamente»³⁶⁴. E quando o homem está na comunidade, com os outros, é que ele vive a imagem de Deus nele. Deus Trindade é uma comunidade de amor. E a humanidade, ao ser comunidade, é a imagem de Deus. Como homens isolados, teremos dificuldade em ver a imagem de Deus. Mas juntos como uma comunidade, teremos uma imagem de Deus mais completa e mais integral.

Por isso, a Igreja é o sinal de Deus Trindade porque nela os homens experimentam a comunhão. «A comunhão produz sempre uma comunidade de amor, mas a comunidade nem sempre produz comunhão»³⁶⁵. A interculturalidade é um caminho para a comunhão. A interculturalidade pede a todos para se tratarem por iguais. À partida, todos têm a mesma dignidade como cristãos, filhos de Deus. Ninguém está acima ou abaixo de ninguém. Todos os povos são iguais na dignidade, embora diferentes uns dos outros culturalmente. A igualdade é importante para se conseguir uma Igreja intercultural. Mas isso depende da forma como acolhemos, dialogamos e interagimos com o outro. Partimos sempre do que é o comum a todos nós: a mesma dignidade, a mesma fé, o mesmo Senhor que nos ama e nos salva.

A fé que os cristãos portugueses confessam é a mesma fé dos cristãos das Filipinas, da Argentina, do Gana, da Índia, etc. A Igreja sempre assegura a unidade na fé de todos os cristãos. Mesmo tendo as nossas próprias e distintas expressões de fé cristã, a fé é a mesma. A nossa única fé que nos une numa só Igreja. Sendo de diferentes igrejas locais, todos os cristãos são da Igreja una, santa, católica e apostólica. Por isso, um indiano, um russo ou um chinês cristão que entra numa igreja e participa numa missa em língua portuguesa, mesmo sem saber falar nem entender a língua portuguesa, não se sente estranho ou alguém de fora. É a nossa fé que nos une aos outros povos de diferentes origens culturais. A unidade dos cristãos na Igreja não exige pertencer a uma só raça ou cultura, mas a adesão pelo batismo e profissão da mesma fé. A Igreja é una e católica «na medida em que visa unir toda a humanidade, as diferentes raças e culturas a Cristo e uns aos outros»³⁶⁶.

³⁶⁴ A. BUTLER, «Becoming the beloved community», in G. J. KIM; J. ALDREDGE-CLANTON, *Intercultural ministry: hope for a changing world*, Judson Press, Valley Forge, 2017, 3.

³⁶⁵ M. LAWLER; T. SHARNAHAN, *Church*, 9.

³⁶⁶ R. KERESZTY, «The unity of the Church», in *Communio International Catholic Review*, 41, nº 4 (2014), 720.

Na sociedade atual marcada pela globalização, pluralismo e migrações em massa, os diferentes povos e culturas vivem juntamente e pacificamente no mesmo espaço. Os povos aprenderam a tolerar as suas diferenças culturais. Mas, se vamos avaliar a situação, não existe uma verdadeira convivência ou intercâmbio entre eles. Por isso, a interculturalidade iniciada pela Igreja tenta levar estes cruzamentos e encontros dos diferentes povos e culturas a relações e laços que possam aprofundar e enriquecer a nossa vida cristã como indivíduos e comunidades eclesiais.

«O modelo intercultural leva a situação multicultural a dar mais um passo adiante, promovendo oportunidades de interação significativa entre vários grupos culturais para o enriquecimento mútuo e mudança positiva na perspectiva do outro»³⁶⁷. Na Igreja, não vivemos apenas lado a lado, mas convivemos. O nosso princípio que vai mais além da tolerância leva à apreciação e celebração da nossa diversidade cultural. O facto de, sendo de diferentes origens culturais, podermos viver juntos como uma só comunidade já é um grande dom de Deus para nós homens. E quando nos comprometemos com a interculturalidade, respondemos ao convite de Deus que quer reunir todos os povos num só Povo e num só Reino de Deus.

A vinda do Reino de Deus é o projeto divino anunciado por Jesus. A Igreja foi fundada para ser o sacramento da proximidade da vinda do Reino de Deus. A Igreja vive e caminha para o Reino que será a sua consumação. O Reino de Deus inclui todos os povos independentemente da sua origem cultural. Jesus Cristo abriu o Reino de Deus a todos. Este reino já está plantado na Igreja que, por sua vez, participa na construção do Reino de Deus. Acreditamos que a interculturalidade aproxima ainda mais a vinda do Reino. Aliás, a Igreja intercultural pode-se considerar a vivência do Reino de Deus na terra. A Igreja intercultural que inclui todos e vive no respeito mútuo, no diálogo e na comunhão, é a antevisão e o antegosto do Reino de Deus. Portanto, a interculturalidade é um caminho para o Reino de Deus.

A nossa fé em Deus Trindade, na Igreja e no Reino de Deus ajuda-nos a apreciar a interculturalidade. Estes três fundamentos da fé cristã mostram-nos que ser intercultural é essencial e natural para a Igreja. É a fé cristã que estabelece a base da nossa interculturalidade. Por isso, convém considerar a fé cristã como o coração da Igreja intercultural. Ela é que dá sentido e motivo para a Igreja ser intercultural.

Durante a nossa pesquisa, entendemos como surgiu a ideia de interculturalidade. Ela surgiu como um desafio levantado pela Igreja perante a sociedade plural e multicultural. A Igreja sente a necessidade de mudar a perspectiva dos cristãos na pluralidade. A tolerância não

³⁶⁷ A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, «Mapping the Church on the move», 126.

deve ser o princípio na vida comunitária. Esse princípio deve ser a apreciação e celebração da presença de cada um e da diversidade cultural na Igreja. Para nós, cristãos, a diversidade cultural não é um castigo, mas um grande dom de Deus à humanidade. Deus criou a diversidade de línguas e culturas no momento de Babel e abençoou-a no momento do Pentecostes. A nossa diversidade de povos, culturas e línguas vem de Deus. Por isso, convém celebrá-la em nome de Deus generoso e bondoso. A interculturalidade é a celebração da nossa diversidade cultural.

O nosso estudo revela-nos como a interculturalidade pode aprofundar e enriquecer o sentido da nossa fé. Pela interculturalidade, podemos compreender e viver melhor a fé que professamos. A nossa fé em Deus Trindade, na Igreja e no Reino de Deus mostra-nos a importância e a necessidade de viver a unidade em diversidade na nossa vida comunitária. A unidade não quer dizer uniformidade e a diversidade não quer dizer desigualdade. A nossa unidade é diversificada e a nossa diversidade é unificante. A unidade e a diversidade complementam-se e não se contradizem.

Na unidade da Igreja, a diversidade não é um receio, mas uma oportunidade para a partilha e o diálogo. «Ser diferente não é um motivo de hostilidade e discórdia, mas sim a faísca para partilha e comunicação. A diversidade é, assim, proclamada como um componente básico da vida»³⁶⁸. A diversidade é um aspeto importante da vida e da criação. Ela é uma riqueza humana. Por isso, ela tem que ser celebrada como um dom da humanidade. Mas esta diversidade tem que se levar à unidade. Tanto a unidade como a diversidade são aspetos importantes da criação. Embora fôssemos criados na diversidade, somos chamados à unidade. Temos que trabalhar para apreciar a nossa diversidade enquanto estamos a fortalecer a nossa unidade. Assim é que se vive a unidade em diversidade.

A interculturalidade leva-nos da coexistência à convivência. Na verdade, não somos nós o centro da vida comunitária, mas Deus. A interculturalidade move do etnocentrismo para o teocentrismo. Na comunidade cristã, o centro é Deus; e entre nós, todos iguais, ninguém está acima ou abaixo do outro. Com esta perspetiva intercultural, teremos uma atitude melhor para a nossa vida comunitária. A interculturalidade vai ensinar-nos a atitude certa a ter uns com os outros dentro da Igreja. Como Povo de Deus, não queremos uma mera coexistência, mas uma convivência, onde a nossa comunhão de uns com os outros e a nossa comunhão com Deus são continuamente enriquecidas e aprofundadas pela interação respeitosa e mútua.

A fé cristã é o coração da interculturalidade da Igreja. A fé torna-se o motivo de diálogo, interação e comunhão. Ela é o que nos une. É o nosso caminho e o motivo para entrar na

³⁶⁸ S. FOTIOU, «Toward a person-centered society: the great challenge of the 21st century», in *The Greek Orthodox Theological Review*, 45, n.º 1-4 (2000), 590.

interculturalidade. É o sentido do prefixo *inter* da interculturalidade. Sem ela, faltar-nos-ia aquele laço entre nós e seria muito difícil comprometer-se com a interculturalidade. Por isso, a fé cristã é o coração da Igreja intercultural. O coração é um órgão importantíssimo do corpo humano e muitas vezes usado como símbolo da vida. Comparativamente, a fé é importantíssima para a Igreja intercultural. Ela é o que dá vida e sentido ao nosso esforço, empenho e compromisso com a interculturalidade na Igreja.

A fé em Deus Trindade é a origem ou a fonte da interculturalidade. Esforçamo-nos para viver os valores da interculturalidade, porque Deus em si vive na comunhão e unidade de três pessoas distintas. Acreditamos na possibilidade de Deus uno e trino. Embora seja um grande mistério, temos fé na unidade perfeita e eterna das três pessoas divinas num só Deus. Portanto, nós, como comunidade, refletimos a Trindade. A nossa fé em Deus Trindade tem de se refletir na nossa vida comunitária, onde a distinção pessoal é mantida enquanto a unidade é vivida. A nossa unidade em diversidade é reflexo da unidade em diversidade da Santíssima Trindade. A nossa unidade em diversidade brota de Deus Trindade. Ao viver a interculturalidade, a Igreja é o sacramento de Deus uno e trino.

A fé na Igreja una, santa, católica e apostólica também é essencial para a interculturalidade. No meio do mundo globalizado e pluralista, a Igreja intercultural é o sinal vivo do desejo de Deus para todos os homens: serem um só Povo. A eclesiologia pode ajudar-nos a compreender a riqueza da interculturalidade. Pela interculturalidade, nós, cristãos, vivemos verdadeiramente a Igreja como o corpo de Cristo, como o sacramento da união e como comunhão. Estes modelos da Igreja complementam a interculturalidade. Na Igreja intercultural vivemos verdadeiramente como membros unidos do corpo de Cristo. A diferença entre os membros não divide o corpo; eles complementam-se para o bem de todos no corpo. A Igreja intercultural é o sacramento da união. Os diferentes povos e culturas que convivem como uma só comunidade são sacramento de união para o mundo. A Igreja intercultural é o sinal vivo da união de todos os povos e culturas. A Igreja intercultural vive na comunhão. Embora de diferentes origens culturais, vivemos em comunhão uns com os outros. A diferença cultural é motivo para partilha. Cada um tem algo para contribuir para a vida da Igreja. As nossas comunidades devem transmitir a nossa fé na unidade e catolicidade da Igreja. Isto passa pela interculturalidade.

A fé no Reino de Deus deve motivar-nos para sermos Igreja intercultural. O Reino de Deus abrange todos os povos e culturas. Ele abre-se a todos e inclui todos. A Igreja intercultural «será testemunha da universalidade e abertura à diversidade do Reino de Deus. Tal testemunha

é especialmente necessária na era da globalização»³⁶⁹. A Igreja é fundada por Jesus para ser a comunidade que continua a sua missão de levar a todos a Boa Nova da vinda do Reino. A Igreja intercultural é em si o anúncio da proximidade do Reino. A Igreja que vive no diálogo, respeito e mutualidade, apesar de ser de diversos povos e culturas, é o sinal vivo do Reino de Deus. A semente do Reino de Deus já foi plantada na terra na forma de Igreja. Por ser Igreja intercultural, já vive a inclusão própria do Reino de Deus.

«A interculturalidade é fundamentada na fé e é um processo vitalício de conversão»³⁷⁰. A Igreja é chamada à conversão. No tempo em que a sociedade é marcada pela globalização e o pluralismo, a Igreja deve ser agente de conversão. A interculturalidade é um convite a todos para viverem com respeito, diálogo, mutualidade e igualdade. Como Igreja intercultural, convidamos os outros a viverem a mesma perspectiva em relação à pluralidade cultural. O movimento da simples tolerância para a apreciação e celebração da diversidade de povos e culturas é o objetivo da interculturalidade. A interculturalidade visa uma comunidade enriquecida pelos diferentes povos e culturas. A convivência de diferentes povos e culturas na comunidade não deve pautar-se só pela tolerância, mas pela sua própria apreciação e celebração.

Apreciamos e celebramos a nossa pluralidade cultural na Igreja, porque ela enriquece a nossa vida cristã e a nossa fé. Apesar de sermos diferentes, confessamos a mesma e única fé. Embora tenhamos diversas maneiras de expressar a nossa fé, somos da mesma e única Igreja. Somos membros de uma só família de Deus. No amor de Deus, ninguém está de fora ou é estrangeiro. Todos nós temos a mesma dignidade como filhos adotivos de Deus Pai. Como um só Povo de Deus, não existe ‘nós *versus* eles/outros’, mas apenas ‘nós’. A nossa fé é que nos une numa Igreja. Ela é o que temos em comum e nos motiva para a interculturalidade.

«A fé vem do coração»³⁷¹. Ao mesmo tempo, ela é o coração da Igreja intercultural. É o coração vivo que faz a Igreja viver. A Igreja morrerá se deixarmos de acreditar nas palavras de Jesus Cristo, se deixarmos de acreditar em Deus que se revelou como Trindade, na Igreja que Jesus fundou como sua testemunha e no Reino de Deus que está em constante construção. A fé cristã une-nos numa só Igreja, num só Povo a caminho para o Reino de Deus. A interculturalidade é o testemunho da nossa fé perante o mundo global e plural.

³⁶⁹ A. PERNIA, «A multicultural SVD in a multicultural world», 154.

³⁷⁰ A. J. GITTINS, «The challenge of intercultural living», 63.

³⁷¹ T. SÖDING, «Testimony of faith», 451.

«E o coração de Jesus viva nos corações
de todos os homens».

-Santo Arnaldo Janssen

«Louvai o Senhor, todas as nações!
Exaltai-o, todos os povos!
Porque o seu amor para conosco não tem limites
e a fidelidade do Senhor é eterna!
Aleluia!».

-Salmo 117, 1-2

BIBLIOGRAFIA

I. ENSINO OFICIAL DA IGREJA

CATECISMO DA IGREGA CATÓLICA, Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lta, 1997.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição dogmática sobre a Igreja, (Lumen Gentium)*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1972, 59-116.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, (Gaudium et Spes)*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1972, 345-418.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja, (Ad Gentes)*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1972, 277-312.

JOÃO PAULO PP. II, *Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião do dia mundial dos migrantes e dos refugiados 2000*, in AAS (21 de novembro de 1999).

_____, *Mensagem do Papa João Paulo II para o 85º dia mundial dos migrantes e dos refugiados*, in ASS (2 de fevereiro de 1999).

II. BÍBLIA

BÍBLIA SAGRADA: A BOA NOVA, Difusora Bíblica, Lisboa, 1996.

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2002.

III. LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVRO COLETIVO

- ALGERMISSEN, K., *Iglesia catolica y confesiones cristianas: confesionologia*, F. PEREGRINA, (trad.), Ediciones Rialp, S. A., Madrid, 1964.
- ANTON, A., *El misterio de la Iglesia: evolución histórica de las ideas eclesiológicas II*, La Editorial Católica S. A., Madrid, 1986.
- ARNASON, J. P., «Nationalism, globalization and modernity», in M. FEATHERSTONE, (ed.), *Global culture: nationalism, globalization and modernity*, SAGE Publications, Inc., London, 1996, 207-236.
- BARRETTO, A. D., *O anúncio do Reino de Deus: reflexões sobre as parábolas*, Editôra Vozes Limitada, Petrópolis, 1968.
- BENTO XVI, *Os doze apóstolos: e os primeiros discípulos de Jesus*, Paulus Editora, Lisboa, 2008.
- BHABHA, H. K., *The location of culture*, Routledge, New York, 1994.
- BLÁZQUEZ, R., «La Iglesia “ícono” de la comunión trinitaria», in *Semanas de estudios trinitarios 40: Trinidad y comunión: a los cuarenta años de la Lumen Gentium*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 2005, 207-228.
- BRAZAL, A., «Looking backward toward the future: hopes from sending countries», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in the migration context*, Borderless Press, Middletown, 2017, 1-17.
- _____, «Exploring “interculturality” with Hall, Bhabha, and Bourdieu», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in the migration context*, Borderless Press, Middletown, 2017, 47-67.
- _____, «Cultural rights of migrants: a philosophical and theological exploration», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in*

the migration context, Borderless Press, Middletown, 2017, 69-87.

BRAZAL, A.; DE GUZMAN, E., «Mapping the Church on the move», in A. BRAZAL; E. DE GUZMAN, *Intercultural Church: bridge of solidarity in the migration context*, Borderless Press, Middletown, 2017, 117-133.

BUTLER, A., «Becoming the beloved community», in G. J. KIM; J. ALDREDGE-CLANTON, *Intercultural ministry: hope for a changing world*, Judson Press, Valley Forge, 2017, 2-14.

CAMPBELL, C., *Paul and union with Christ: an exegetical and theological study*, Zondervan, Grand Rapids, 2012.

CAPDEVILA y MONTENAR, V. M., «Trinidad y comunidad en el evangelio y en las cartas de San Juan», in *Semanas de estudios trinitarios 14: Trinidad y vida comunitaria*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1980, 13-53.

CARDOSO, I. M., *Encarnação e imagem: uma abordagem histórico-teológico a partir dos três discursos em defesa das imagens sagradas de São João Damasceno*, Paulus Editora, Lisboa, 2015.

CARSON, D. A., «Christian witness in an age of pluralism», in D. A. CARSON; J. D. WOODBRIDGE, (eds.), *God and culture*, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 1993, 31-66.

CHOE, H., «Teología intercultural: una perspectiva asiática», in J. J. TAMAYO; R. FORNET-BETANCOURT, (eds.), *Interculturalidad, diálogo interreligioso y liberación*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005, 93-106.

CRAITH, M. N., *Narratives of place, belonging and language: an intercultural perspective*, Palgrave Macmillan, Hampshire, 2012.

CODINA, V., *Creo en el Espíritu Santo: pneumatología narrativa*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1994.

- CONGAR, Y., *A Igreja: sacramento da salvação*, M. A. DA SILVA, (trad.), Edições Paulistas, São Paulo, 1977.
- DE LUBAC, H., *Paradoxe et mystère de l'Église*, Éditions Aubier Montaigne, Mayenne, 1967.
- _____, *Catholicisme: les aspects sociaux du dogme*, 7^a édition, Le Éditions du Cerf, Paris, 1983.
- DODD, C. H., *The parables of the kingdom*, William Collins Sons & Co. Ltd., Glasglow, 1961.
- DULLES, A., *Models of the Church: a critical assessment of the Church in all its aspects*, Gill and Macmillan Ltd., Dublin, 1976.
- _____, *The reshaping of the catholicism: current challenges in the theology of Church*, Harper & Row Publisher, Inc., New York, 1988.
- DUQUE, J., *Cultura contemporânea e cristianismo*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.
- ERICKSON, M. J., *Christian theology*, 2nd edition, Baker Books, Grand Rapids, 1999.
- ESTRADA, J. A., *Del misterio de la Iglesia al Pueblo de Dios: sobre las ambigüedades de una eclesiología misterica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1988.
- FAHEY, M., «Church», in F. S. FIORENZA; J. GALVIN, (eds.), *Systematic theology: roman catholic perspectives vol. II*, Fortress Press, Minneapolis, 1991, 1-74.
- FERNANDO, J. I., «Globalization with a human face», in J. HOGAN, (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. I: cultural pluralism and democratic freedom*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington D.

C., 2005, 173-183.

FERRARA, R., *El misterio de Dios: correspondencias y paradojas*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005.

FORTE, B., *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987.

_____, *La Iglesia icono de la Trinidad: breve ecclesiología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992.

_____, *La Iglesia de la Trinidad*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 1996.

FUELLENBACH, J., *Church: community for the Kingdom*, Logos Publications, Manila, 2004.

GAILLARDETZ, R. R., *Ecclesiology for a global Church: a people called and sent*, Orbis Books, New York, 2008.

GITTINS, A. J., «The challenge of intercultural living: anthropological and theological implications», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural living vol. I*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 55-71.

GMAINER-PRANZL, F., «From “inculturation” to “interculturation”: an essay in mission theology», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 125-151.

GOMES, V. F., *A Igreja como sacramento e mistério: textos escolhidos na obra do cardeal Henri de Lubac*, Gráfica de Coimbra Ltd., Palheira, 2009.

GRATSCH, E., *Aquinas' summa: an introduction and interpretation*, Alba House, New York, 1985.

GRESHAKE, G., *El Dios uno y trino: una teología de la Trinidad*, R. H. BERNET,

- (trad.), Empresa Editorial Herder, Barcelona, 2001.
- HASSEVELDT, R., *O mistério da Igreja*, Casa do Castelo – Editora, Coimbra, 1957.
- INNERARITY, D., *O novo espaço público*, M. RUAS, (trad.), Editorial Teorema, SA, Lisboa, 2010.
- JERÓNIMO, J. H., *Orar 15 dias com São José Freinademetz: a linguagem do amor*, Paulus Editora, Lisboa, 2008.
- KASPER, W., *El Dios de Jesucristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- _____, *La Iglesia de Jesucristo: escritos de eclesiología 1*, J. M. L. PERONA; R. A. D. ARAGÓN, (trad.), Editorial Sal Terrae, Santander, 2013.
- KHEL, M., *A Igreja: uma eclesiologia católica*, J. R. COSTA, (trad.), Edições Loyola, São Paulo, 1997.
- KISALA, R., «Ethnocentrism and ethnorelativism», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 3-15.
- KLEDEN, P. B., «Trinitarian spirituality and interculturality», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural Living vol. I*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 17-37.
- KÜNG, H., *A Igreja (1º volume)*, M. GERBERT; J. PERESTRELLO; J. RODRIGUES, (trad.), Moraes Editores, Lisboa, 1969.
- _____, *A Igreja (2º volume)*, J. PERESTRELLO; J. RODRIGUES, (trad.), Moraes Editores, Lisboa, 1970.
- LACUGNA, C. M., «The trinitarian mystery of God» in F. S. FIORENZA; J. GALVIN, (eds.), *Systematic theology: roman catholic perspective vol. I*, Fortress Press, Minneapolis, 1991, 149-192.

- LAWLER, M.; SHANAHAN, T., *Church: a spirited communion*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1995.
- LOCHMAN, J. M., *The faith we confess: an ecumenical dogmatics*, D. LEWIS, (trad.), T. & T. Clark Ltd, Edinburgh, 1984.
- LOMBARDI, R., *Igreja e Reino de Deus*, L. J. GAIO, (trad.), Edições Loyola, São Paulo, 1978.
- MANNION, G., *Ecclesiology and postmodernity: questions for the Church in our times*, Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 2007.
- MARCHESSAULT, J., *Marshall McLuhan: cosmic media*, SAGE Publications, London, 2005.
- MARQUES, R., *Uma mesa com lugar para todos: para uma visão humanista da imigração*, Instituto Padre António Vieira, Lisboa, 2005.
- MARTHALER, B. L., *The Creed*, Twenty-Third Publications, Connecticut, 1987.
- MATEO-SECO, L. F., *Dios uno y trino*, 3ª edición, Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Pamplona, 2008.
- MCLEAN, G. F., «Culture, pluralism and globalization», in J. HOGAN, *Cultural identity, pluralism and globalization vol. I: cultural pluralism and democratic freedom*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington, 2005, 21-83.
- MCLUHAN, M., *Counterblast*, Harcourt, Brace & World, Inc., New York, 1969.
- MERINO, J. A., «La Trinidad, paradigma de vida comunitaria en S. Buenaventura», in *Semana de estudios trinitarios 30: pensar a Dios*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1997, 179-210.

- MOLTMANN, J., *Trinidad y Reino de Dios: la doctrina sobre Dios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1983.
- MONGE, M. S., *Eclesiologia: la Iglesia, misterio de comunión y misión*, Sociedad de Educación Atenas, Madrid, 1994.
- NAKANOSE, S., «Bible, life and mission: Jesus and the syro-phoenician woman (Mk 7: 24-30)», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 109-124.
- NEILL, T.; SCHMANDT, R., *History of the Catholic Church*, The Bruce Publishing Company, Milwaukee, 1957.
- NSANZURWIMO, M., «Intercultural mission and reaching out to the margins: the zambian experience», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprise, Delhi, 2015, 231-249.
- O'COLLINS, G., *The tripersonal God: understanding and interpreting the Trinity*, Paulist Press, New York, 1999.
- PANIKULAM, G., *Koinōnia in the New Testament: a dynamic expression of the christian life*, Biblical Institute Press, Rome, 1979.
- PAPE C.; VERGARA, J. M., *José Freinademetz: um tirolês que amou os chineses*, J. AMARO, (trad.), Paulinas, Lisboa 2003.
- PHILIPS, M., *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano*, O. DOS REIS, (trad.), Editôra Herder, São Paulo, 1968.
- PINTO, A. V., *Revelação e fé: fundamento e conteúdo da fé cristã para o homem de hoje I*, Editorial A. O., Braga, 1989.
- POLICARPIO, J., «Globalização e religiões», in *Globalização, ciência, cultura e*

religiões, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, 23-26.

RACKHAM, R. B., *The Acts of the Apostles: an exposition*, Multhuen & Co. Ltd., London, 1951.

RAHNER, K., *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*, A. COSTA, (trad.), Edições Paulinas, São Paulo, 1989.

_____, *The Trinity*, J. DONCEEL, (trad.), The Crossroad Publishing Company, New York, 2010.

RATZINGER, J., *Questões sobre a Igreja*, A. M. DA ROCHA, (trad.), Edições Paulistas, Lisboa, 1992.

ROSSÉ, G., «A Igreja, Corpo de Cristo», in *A Igreja no seu mistério/I*, O. CESCO, (trad.), Editora Cidade Nova, São Paulo, 1984, 83-127.

_____, «Conclusão – A Igreja como ícone da Trindade», in *A Igreja no seu mistério/I*, O. CESCO, (trad.), Editora Cidade Nova, São Paulo, 1984, 166-167.

SANDERS, F., *The image of the immanent Trinity: Rahner's rule and the theological interpretation of the scripture*, Peter Lang Publications Inc., New York, 2005.

SANKS, T. H., *Salt, leaven and light: the community called Church*, The Crossroad Publishing Company, New York, 1992.

SANTO AGOSTINHO, *Trindade de Trinitate*, edição bilingue, A. DO ESPÍRITO SANTO, (coord.), Paulinas Editora, Prior Velho, 2007.

SAYES, J. A., *La Iglesia de Cristo: curso de ecclesiológia*, Palabra, Madrid, 1999.

SCHILLEBEECKX, E., *Church: the human story of God*, SCM Press Ltd., London, 1990.

- SCHMAUS, M., *Teologia dogmatica: I. la Trinidad de Dios*, Ediciones Rialp, S. A., Madrid, 1960.
- SCHNEIDER, T., *Lo que nosotros creemos: exposicion del simbolo de los apóstolos*. Ediciones Sigueme, Salamanca, 1991.
- SCHREITER, R. J., *Constructing local theologies*, Orbis Books, New York, 1985.
- SCHROEDER, R., «Interculturality as a paradigm of mission», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015, 155-170.
- SESBOÛÉ, B., *Pensar e viver a fé no terceiro milénio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, M. L. PINHEIRO, (trad.), Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.
- SIDEKUM, A., «The trace of the other: globalization and alterity», in J. HOGAN (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. II: global ethics and religious pluralism*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington D. C., 2005, 327-349.
- SILANES, N., «*La Iglesia de la Trinidad*»: *la Santísima Trinidad en el Vaticano II estudio genético-teológico*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1981.
- SMITH, C. A., «Laying a foundation for a true and viable intercultural Church», in G. J. KIM; J. ALDREDGE-CLANTON, (eds.), *Intercultural ministry: hope for a changing world*, Junson Press, Valley Forge, 2017, 97-110.
- STEGER, M. B., *A globalização: compreender*, A. TANQUE; H. SERRANO, (trad.), Quasi Edições, Vila Nova de Famalicão, 2006.
- SUSIN, L. C., *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, Paulinas, São Paulo, 2003.
- SWEET, W., «Globalization, philosophy and the model of ecumenism», in J. HOGAN, (ed.), *Cultural identity, pluralism and globalization vol. II: global ethics and*

Religious pluralism, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington, 2005, 413-431.

SZABÓ, T., «La santísima Trinidad y el encuentro interpersonal en San Buenaventura», in *Semanas de estudio trinitario 14: Trinidad y vida comunitaria*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1980, 55-80.

TAN, J., «Missio inter gentes», in L. STANISLAUS; M. UEFFING, (eds.), *Intercultural mission vol. II*, Allianz Enterprises, Delhi, 2015: 187-200.

TILLARD, J. M. R., *Iglesia de las iglesias: eclesiología de comunión*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1991.

TILLICH, P., *Theology of cultures*, Oxford University Press, London, 1964.

TRESE, L., *A fé explicada*, I. PEREZ, (trad.), Quadrante, São Paulo, 1981.

WATERS, M., *Globalização*, M. COSTA; A. B. ROCHA, (trad.), Celta Editora, Oeiras, 1999.

WITHERINGTON III, B., *The Acts of the Apostles: a socio-rhetorical commentary*, The Paternoster Press, Carlisle, 1998.

WORLD COMMISSION ON CULTURE AND DEVELOPMENT, *Our creative diversity*, Unesco Publishing, Paris, 1996.

YEH, A. «Asian perspectives on twenty-first century pluralism», in S. W. SUNQUIST; A. YONG, (eds.), *The Gospel and pluralism today: reassessing Leslie Newbiggin in the 21st century*, Intervarsity Press, Illinois, 2015, 215-232.

ZIZIOULAS, J., *Being as communion*, St. Vladimir's Seminary, New York, 1985.

IV. ARTIGOS DE REVISTA

APOSTOLA, N., «How much unity? how much diversity?», in *The Greek Orthodox Theological Review* 50, nº 1-4 (2005), 119-140.

DEL VALLE, C., «La interculturalidad como llamada y horizonte de misión», in *Verbum SVD* 54, fasc. 3 (2013), 283-300.

FÉDOU, M., «Jesus e o reino», in *Communio Revista Internacional Católica* 33, nº 1 (2016), 29-40.

FERREIRA, E. S., «Globalização e transição de sistemas», in *Communio Revista Internacional Católica* 23, nº 1 (2006), 17-25.

FOTIOU, S., «Toward a person-centered society: the great challenge of the 21st century», in *The Greek Orthodox Theological Review* 45, nº 1-4 (2000), 583-596.

_____, «Diversity and unity: the vision of christian education in an age of globalization», in *The Greek Orthodox Theological Review* 49, nº 3-4 (2004), 269-278.

GASDA, E. E., «Globalização e migração: implicações ético-teológicas», in *Perspectiva Teológica* 41, nº 114 (2004), 191-210.

GEORGE, F. C., «The significance of Vatican II», in *Communio International Catholic Review* 39, nº 1-2 (2012), 14- 32.

GIBBS, P., «Encountering difference: interculturality and context theology», in *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 75-89.

JAVIER, E., «Religious pluriformity in God's global community: challenges and prospects», in *Missio Inter Gentes* 1, nº 1 (2015), 3-35.

KERESZTY, R., «The unity of the Church», in *Communio International Catholic Review*

41, n° 4 (2014), 649-720.

KIRBY, J. P., «Meeting the challenge of diversity», in *Verbum SVD* 56, fasc. 1-2 (2015), 123-145.

KISALA, R., «Theological foundations of interculturality», in *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 22-34.

LAMELAS, I., «O Pai Nosso comentado pelos Padres da Igreja: súplicas da primeira parte», in *Communio Revista Internacional Católica* 33, n° 1 (2016), 41-53.

LEAHY, B., «‘Christ existing as community’: Dietrich Bonhoeffer’s notion of Church», in *Irish Theological Quarterly* 73, n° 1-2 (2008), 32-59.

MANJALY, T., «Cultural contextualization of the gospel of Paul», in *Verbum SVD* 50, fasc. 2 (2009), 227-242.

MENDONÇA, J. T., «O Pentecostes», in *Bíblica série científica* 3, n° 1 (1995), 55-64.

MICHAEL, S. M., «Interculturality and the anthropos tradition», In *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 60-74.

MIOTK, A., «The SVD general chapters: from historical point of view (Part III)», in *Verbum SVD* 53, fasc. 3-4 (2012), 311-396.

NGUYEN, V. T., «Biblical foundations for interculturality» In *Verbum SVD* 54, fasc. 1 (2013), 35 – 47.

PERNIA, A., «A multicultural SVD in a multicultural world», In *Verbum SVD* 43, fasc. 2 (2002), 143 – 159.

_____, «Missio inter gentes», in *Arnoldus Nota* (November 2009), 1-2.

PHAN, P., «Deus migrator – God the migrant: migration of theology and theology of migration», in *Theological Studies* 77, nº 4 (2016), 845-868.

SANCHEZ, W. L., «O Concílio Vaticano II e o tema da diversidade», in *Revista Espaços* 23, nº 2 (2015), 127-140.

SILVA, J. A., «Reino de Deus: expressão da fraternidade e inclusão», in *Communio Revista Internacional Católica* 33, nº 1 (2006), 91 – 96.

SÖDING, T., «Testimony of Faith: theological orientation according to the New Testament», in *Revista Española de Teología* 75 nº 3 (2015), 449-468.

VILAR, E. R., «Portugal e o mundo: um desígnio intercultural? A interculturalidade na Europa e o papel das organizações da sociedade civil», in *Povos e culturas: Portugal Intercultural* 13 (2009), 45-52.

V. ARTIGOS DE DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIA

AMALORPAVADAS, D. S., «Church and culture», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 201-206.

CIOLA, N., «Relación», in *Diccionario teológico enciclopédico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1995, 844-846.

DE VALLESCAR, D., «Interculturalidade e cristianismo», in J. J. TAMAYO, (dir.), *Novo dicionário de teologia*, C. M. TEIXEIRA, et al., (trad.), Paulus, São Paulo, 2009, 284-290.

DOBBIN, E. J., «Trinity», in J. KOMONCHAK, M. COLLINS, D. LANE, (eds), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 1046-1061.

- HATCH, E., «Culture», in A. KUPER; J. KUPER, (eds.), *The social science encyclopedia*, Routledge, London, 1985, 178-179.
- HENN, W., «Diálogo ecuménico», in *Diccionario teológico enciclopédico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1995, 259-260.
- HILL, E., «Church», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 185-201.
- LÖSER, W., «Church», in W. BEINERT; F. S. FIORENZA, (eds.), *Handbook of catholic theology*, The Crossroad Publishing Company, New York, 1995, 99-101.
- MACDONALD, T., «Unity of the church», J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 1065-1067.
- MACKAY, J. P. «Doctrine of the Trinity», in A. RICHARDSON; J. BOWDEN, (eds.), *A new dictionary of christian theology*, SCM Press Ltd, London, 1999, 581-589.
- MCCONVILLE, W., «Mission», in J. KOMONCHAK; M. COLLINS; D. LANE, (eds.), *The new dictionary of theology*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1987, 665-668.
- MCBREIN, R. P., «Church», in A. RICHARDSON; J. BOWDEN, (eds.), *A new dictionary of christian theology*, SCM Press Ltd., London, 1999, 108-110.
- MOHRLANG, R., «Love», in G. HAWTHORNE; R. MARTIN; D. REID, (eds.), *Dictionary of Paul and his letters*, Intervarsity Press, Downers Grove, Illinois, 1993, 575-578.
- O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S., *Diccionario de ecclesiología*, J. P. MORENO, (trad), San Pablo, Madrid, 2001.

RICO-PAVÉS, J., «Pluralismo», in C. IZQUIERDO; J. BURGGRAF; F. M. AROCENA, *Diccionario de Teología*, 2ª Edición, Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Pamplona, 2007, 827-832.

SEMERARO, M., «Reino de Dios», in *Diccionario teológico enciclopédico*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1995, 842-844.

SUMMERS, D., (ed.), «Pluralismo», in *Longman dictionary of english language and culture*, new edition, Pearson Education Limited, Edinburgh Gate, 2005, 1064.

THINES, G.; LEMPEREUR A., «Pluralismo», in *Dicionário geral das ciências humanas*, A. MORÃO, et al., (trad.), Edições 70, Lisboa, 1984, 712-713.